

FAZENDA ROCHEDO
“A TOCAIA”

CHARLES MEIRA

**FAZENDA ROCHEDO
“A TOCAIA”**

I Edição

Jequié - Bahia

N**CEGO**

Copyright © 2021
by Charles Meira

Conceito de capa
Charles Meira

Projeto Gráfico
D. Calixto

Editor Responsável
D. Calixto

Assistente Editorial
Flaviane Calixto
Mariza Calixto

Revisão
Charles Meira

Produção Editorial
Equipe Editora Nocego

Dados para Catalogação na Publicação (CIP)

Meira, Charles

Fazenda Rochedo "A Tocaia" / Charles Barros Meira. --
1. ed. -- Jequié, BA : Editora Nocego, 2021.

ISBN 978-65-993966-4-9

1. História de lugares e tempo. 2. Pesquisa. 3. Entrevista. I. Título

CDU 398.23

CDD 398.23

Índices para catálogo sistemático:

1. 1. História de lugares e tempo 398.23

[2021]

Todos os direitos reservados ao autor
e à Editora Nocego.
RTV Brasil Produções, Comunicação,
Entretenimento e Editora EIRELI
CNPJ: 24.983.429/0001-04
Contatos: (73) 98873-7177
e-mail: editoranocego@gmail.com
e-mail: kalixto.calixto@gmail.com
www.editoranocego.com.br

*Em memória de José Marques da Silva
(Zezinho dos Laços)*



*José Marques da Silva Zezinho dos Laços
e sua esposa Francisca Augusta.*

*Meus agradecimentos a todos que colaboraram
com este projeto.*

SUMÁRIO

1. Prefácio
2. A casa das pedras
3. A bisneta de Zezinho dos Laços
4. A oração
5. Desafio de atiradores
6. Desejo de vingança
7. Família Meira
8. Breve armistício
9. Fazenda Rochedo “A tocaia”
10. José Barros Meira, o homem que não conheceu o impossível
11. José Marques da Silva (Zezinho dos Laços)
12. O pedido de proteção
13. Fedor de Zezinho
14. Contando “causos”
15. Marcionílio Antonio de Souza
16. Invasão e saque de Maracás
17. Rabudos x Cauaços
18. No rastro de Lampião
19. O contador de histórias - Osmar Marques da Silva (neto de Zezinho dos Laços)
20. As viagens
21. Andando com minha mãe Maria Letícia
22. Crenças populares
23. Tranquilino Antônio de Souza
24. Bom baiano
25. Benur Meira Gondim - o neto do 1º intendente de Jequié
26. João Batista: o inventor
27. O sargento

28. Os dois filhos de Manoel Joaquim
29. Maracujá, o bar de Chico Rebouças
30. Marceliano Barros Meira (Cely Meira)
 31. Na venda do Sr. Duca
 32. Brincadeiras de criança
33. Zezito, o filho de Tranquilino
 34. O relógio centenário
35. Santo Antônio do Rochedo
36. Entrevista com o professor Émerson Pinto de Araújo.
 37. Osmar na Rua do Maracujá
 38. Primeiro tiro
 39. No Norte da Bahia
40. Carrinho de madeira
 41. O bilhete
 42. Um dia diferente
 43. Amante da leitura

FAZENDA ROCHEDO “A TOCAIA”

O livro Fazenda Rochedo “A Tocaia”, faz um relato de fatos históricos sobre personagens de Jequié, entendendo ser uma forma de nominar essas pessoas que muito contribuíram para a história local. A obra traz um compendio de relatos sobre pessoas que viveram e contribuíram para a história da cidade, desde tempos remotos até os dias atuais.

Assim, intitulamos o livro em homenagem a um fato histórico ocorrido na Fazenda Rochedo, paragem que emboscaram e mataram o José Marques da Silva (Zezinho dos Laços), o bisavô do autor desta obra.

Este livro traz relatos minuciosos sobre o local onde ocorreu a emboscada, contando detalhes da escolha do lugar como ponto estratégico dos matadores. Relata também a satisfação de, como autor, experienciar o local que margeava a estrada, onde passava um riacho também chamado de Tocaia. De descer uma ladeira cercada de árvores e pedras grandes, certamente utilizadas para esconder os cauaçús e seus jagunços, assassinos de José Marques da Silva (Zezinho dos Laços).

A escolha do título do livro não poderia ser outra, devido este marcante fato ocorrido naquela região, na Fazenda Rochedo.

O autor

PREFÁCIO

Charles Barros Meira é um historiador. E suas histórias, muitas das quais publicou em revistas e jornais, são relatos de acontecimentos ocorridos aqui em nossa região, envolvendo artistas, atletas, jornalistas, e muitos outros profissionais, personagens interessantes, dos quais vale a pena conhecer suas histórias. Músico, cantor e compositor de músicas religiosas, além de escritor, sempre com um sorriso nos lábios, Charles é uma pessoa que transmite otimismo às pessoas que dele se aproximam.

Entretanto, como escritor, Charles nos leva para uma época turbulenta, onde imperava a violência. No livro “Fazenda Rochedo - A Tocaia”, de sua autoria, Charles fala sobre a emboscada para matar José Marques da Silva (Zezinho dos Laços), bisavô do autor.

Pesquisador dinâmico, Charles fez entrevistas com parentes, e pessoas cujos pais ou avós chegaram a conhecer personagens importantes, envolvidos nos fatos.

O livro é mais uma fonte de pesquisas para quem quer conhecer a História de nossa região, mormente no que se refere aos constantes confrontos entre os senhores proprietários de terras, políticos e seus desafetos. Estudantes de História, jornalistas e pesquisadores diversos têm agora, mais uma opção para o enriquecimento dos seus estudos, lendo “Fazenda Rochedo - A tocaia”, cujo desenrolar dos fatos contados detalhadamente pelo autor, mantém o leitor preso a uma leitura realista e esclarecedora.

Carlos Eden Meira
Jornalista e cartunista



A CASA DAS PEDRAS

De propriedade de Osvaldo Álvares Meira, mais conhecido como Vadinho Meira, ficava localizada à margem direita do Rio de Contas. Foi construída pelo Avô, no tempo da escravidão. Para eles a casa era a melhor e mais bonita na bacia da barragem. O local era rodeado por montes que embelezavam a paisagem, por juazeiros que davam sombra para os animais e lindos pés de umbuzeiros, que em janeiro estavam carregados de frutos, dos quais dona Sinhá, sua esposa, fazia um delicioso doce.

Além de ter ficado situada neste paraíso ecológico, outras lembranças marcaram a existência daquela casa. A principal delas foram as festas realizadas em louvor à Virgem da Conceição, que era organizada pelo próprio Sr. Vadinho. Como acontecia todos os anos, parentes e amigos vinham dos lugarejos vizinhos compartilhar a fé daquela família. Durante o dia, todos se divertiam no Rio de Contas, onde davam mergulhos nas bacias feitas de pedras pela própria natureza. Quando chegava a noite todos se arrumavam para a reza, que era realizada na capela ao lado da casa. Depois da parte religiosa era hora de todos balançarem o esqueleto, no grande baile. O salão principal da residência era o local onde todos dançavam até de manhã acompanhados pelos melhores sanfoneiros. Não faltavam também as bebidas e comidas que eram feitas com fartura.

Todos os que conheceram aquele local manifestam o desejo de retornarem, encantados com as belezas ali encontradas.

O Sr. Vadinho tinha noventa e seis anos e ainda morava um pouco acima do local onde existia a antiga casa das pedras. Ele contava isso com saudade, mostrando o local coberto pela águas represadas da barragem, e dizia que saiu dali porque não teve jeito. Osvaldo Álvares Meira morreu na cidade de Jequié-BA em 15/09/2005.

A BISNETA DE ZEZINHO DOS LAÇOS

Através de um telefonema do escritor Domingos Ailton, fiquei sabendo de que uma pessoa chamada Nilva, tinha lhe enviado um e-mail dizendo ter lido no seu livro de sua autoria “Anésia Cauçu” histórias sobre Zezinho dos Laços e que gostaria de saber mais detalhes sobre sua vida, pois a filha de sua prima era bisneta dele. Domingos falou que orientou Nilva para manter contato comigo que também era bisneto de Zezinho dos Laços, uma das fontes de informações que contribuiu para enriquecer o seu livro.

De posse do contado fornecido por Domingos busquei incessantemente comunicar com Nilva, entretanto não consegui respondados e-mails enviados durante vários dias. A demora e os contatos não concretizados levaram-me a pensar que poderia ser uma tentativa de golpe. Quando ocorreu o primeiro contato foram tantas as perguntas que passamos várias horas conversando. Logo outros contatos fornecidos como: MSN e facebook aumentaram nosso leque de comunicação, facilitando a troca de informações tão desejada.

Vários foram os e-mails enviados por Nilva Maria Silva Alcântara. Inicialmente falou do segundo casamento de Cassiano do Areão com Geraldina, com quem teve sete filhos: Maria Augusta, Maria Venuzina, Laura, Cicerino, Senhor (apelido), Elzira sua mãe, que tem 93 anos e Laudenora a mais nova, única que conheceu e faleceu em 2005 no Rio de Janeiro, deixando um filho. Contou também que sua mãe era pequena quando seu avô Cassiano morreu. Em outra oportunidade me agradeceu o envio de várias revistas Cotoxó, contendo textos que escrevi contando história da família que aconteceram em Jequié e região, confirmando os fatos exatamente como foram contados por sua mãe desde quando nasceu. Em seguida contou que sua mãe Elzira Silva Alcântara casou-se com Belmiro Souza Alcântara, que era natural de Maracás, onde viveram alguns anos e depois foram morar no Rio de Janeiro e ali tiveram doze filhos.

Como na internet tudo acontece muito rápido, logo estávamos conversando através do facebook, logicamente trocando informações relacionadas à nossa família. Num desses contados nesta rede social, Nilva passou a matar a minha curiosidade, relacionada com a existência de mais uma bisneta de Zezinho dos Laços. Este fato na época foi um escândalo tão grande no seio da família, que até hoje sua mãe quando questionada não gosta de falar deste assunto. Conta Nilva que sua tia Maria Augusta (Mariquinha), apaixonou-se por um filho de Zezinho dos Laços. O agravante do caso foi porque além dele ser seu primo era casado e durante o relacionamento ela ficou grávida. Um detalhe, na ocasião que aconteceu o fato, o pai dela, Cassiano do Areão, já havia falecido. Quando sua tia teve a criança, foi morar na casa de sua irmã Elzira. Por causa da paixão pelo filho de Zezinho, ela deixou de comer e contraiu Tuberculose, doença na época difícil de curar. Maria Augusta não aceitou fazer o tratamento e acabou morrendo. Nilva contou também, que ficou sabendo deste fato através de relatos dos seus irmãos.

Nilva encerrou o bate-papo virtual daquele dia, falando de acontecimentos de outra época, agora relacionados com Maria Calcidina a filha de Maria Augusta e Zezinho. Cantou que sempre teve Maria Calcidina como sua irmã, somente ficou sabendo que era sua prima de pois dela adulta. Em outro relato, Nilva disse que Calcidina quando morou em Salvador encontrou o seu pai que propôs reconhecê-la, entretanto ela não aceitou. Prosseguiu falando que Maria Calcidina faleceu em abril de 1986 no Rio de Janeiro e deixou três filhos: Paulo José, Rita Eurides e Marcos Antônio, que são bisnetos de Zezinho dos Laços e de Cassiano do Areão.

Em outra ocasião, Nilva declarou através de e-mail, que o motivo maior de ter mantido contato inicialmente com Domingos e em seguida comigo, era o desejo dela e de sua prima saberem quem era o pai de Calcidina, conseqüentemente o avô de Rita Eurides. Mesmo sabendo a dificuldade de atendê-la, prometi a

Nilva fazer uma pesquisa para tentar encontrar a pessoa desejada. Numa análise preliminar chegamos à hipótese de que Rodolfo Marques seria a pessoa procurada, pois morou em Salvador, local onde Calcidina morou e encontrou o pai da criança e também por ser um jovem muito namorado. Cheguei a informar a Nilva desta possibilidade. Entretanto, Tia Lala depois de perceber a minha real intenção de saber quem era o pai de Maria Calcidina, resolveu me revelar que parentes moradores da cidade de Manoel Vitorino, trouxeram para ela uma foto de uma menina, afirmando ser filha de Randulfo Marques da Silva (Duca de Porto Alegre). Minha tia disse que a foto estava no seu álbum de família ou em duas caixas dentro do seu guarda-roupa. Por várias horas procuramos esta foto, porém não conseguimos encontrá-la. Passados alguns dias, Tia Lala me contou que realmente o seu pai havia engravidado uma jovem e que sua mãe ficou sabendo do ocorrido. Revelou também que na ocasião de uma visita dela aos familiares de Randulfo, sua esposa Dona Florinda teria jogado uma praga para a criança da jovem nascer antes de chegar à localidade chamada Espinho, distante algumas léguas de Porto Alegre. Depois de insistirmos bastante Tia Lala contou que tudo aconteceu como Dona Florinda havia desejado.

Naquele mesmo dia mantive contato com Nilva e narrei à conversa conclusiva que tive com Tia Lala. Com palavras de agradecimento, Nilva falou que eu era seu amigo, seu irmão, seu primo lindo e que a filha de Calcidina estava super feliz em saber quem era seu avô e de ter encontrado outros familiares em Jequié.

A ORAÇÃO

Após a morte de Zezinho dos Laços, os Cauaços tentaram a todo custo matar seu irmão Cassiano Marques da Silva.

Num determinado dia ao entardecer, dando continuidade à caçada para eliminar o Rabudo, eles cercaram a residência de Cassiano, que ficava localizada no lado direito do rio de Contas, no povoado de Porto Alegre, que na época, aquele lado, pertencia ao município de Boa Nova. O bando dos Cauaços contava neste cerco com uma quantidade grande de homens fortemente armados. Da parte dos Rabudos, tinha um número pequeno de jagunços que fazia a proteção de Cassiano. O tiroteio durou várias horas, somente terminando quando a munição dos jagunços pertencentes ao bando do irmão de Zezinho acabou.

Naquele momento de aflição, Cassiano pediu calma aos seus homens e entrou no seu quarto e começou a fazer suas orações, como sempre fazia em ocasiões de adversidades.

Enquanto ele fazia as suas orações, o silêncio foi tomando conta do ambiente e então os jagunços perceberam que os tiros tinham cessado.

Então Cassiano saiu do seu quarto, abriu a porta da frente da casa e notou que todos os jagunços dos Cauaços estavam dormindo com suas armas nas mãos.

Pedindo silêncio, Cassiano passou entre eles com todos os seus homens e foram para outro local seguro.

É interessante salientar que em algumas outras investidas para realizar buscas, cercos e emboscadas contra os Cauaços, Cassiano fazia estas orações, escolhendo pedrinhas (quantidades de pedras igual a quantidade de homens) que eram jogadas para trás, recomendando a Deus todos os seus homens que estavam saindo. Todos recomendados, voltavam sem danos.

Além deste cerco, Cassiano foi emboscado por mais duas ve-

zes. A primeira aconteceu entre Porto Alegre e Contendas. Num determinado local da estrada dois jagunços dos Cauaços montaram uma emboscada para matá-lo. Cassiano foi avistado pelos homens, quando estava se aproximando sozinho no seu animal. Os jagunços que estavam em posição de fazer os disparos, repentinamente adormeceram e não concretizaram o intento, somente acordando quando Cassiano já estava muito longe daquele local.

Na segunda tentativa, Cassiano viajava sozinho para Volta dos Meiras (Catingal) e novamente homens dos Cauaços tentaram eliminar o Rabudo. Desta vez quando o irmão de Zezinho se aproximava do local da emboscada, e os homens preparavam para fazer os disparos. Como num passo de mágica, foram atrapalhados por uma multidão de pequenos mosquitos que impediram a visão dos jagunços, que tiveram de fugir do local, enquanto Cassiano seguiu tranquilo a sua viagem.

Randulfo Marques da Silva, sobrinho de Cassiano, constantemente pedia para ele ensinar-lhe as orações, contudo, sempre ficava para depois.

Perguntava também como as aprendeu. Contou que os ensinamentos foram passados por um velho homem amigo da família.

Randulfo contou também para seu filho Osmar Marque da Silva que seu tio Cassiano era um homem muito calmo e paciente. Não ia às investidas, cerco, apenas organizava e mandava seus jagunços. Não gostava de matar e andava sempre desarmado.

DESAFIO DE ATIRADORES

Na época dos conflitos que aconteceram entre os “Rabudos” e os “Cauaços”, chegou na localidade de Porto Alegre, hoje distrito da cidade de Maracás-BA, um destacamento policial chefiado por um tenente, numa diligência à procura de criminosos, supostamente escondidos naquela região. Todos ficaram hospedados na residência de José Marques da Silva (Zezinho dos Laços), comandante do grupo dos “Rabudos”, devido a sua representação política e homem extremamente informado dos fatos que aconteciam no povoado e em todas as cercanias.

Em uma das conversas que ocorreu nos três dias que passou ali hospedado colhendo dados para encontrar os bandidos, o representante da lei declarou para Zezinho que era um exímio atirador.

Na manhã do outro dia, Zezinho surpreendeu o tenente convidando-o para um desafio para saber qual deles atirava melhor. O tenente prontamente aceitou a proposta do chefe político.

Num tronco de madeira que media dois palmos por um, o tenente marcou no meio do tronco um círculo igual ao diâmetro da bala de um rifle, arma usada pela polícia e escolhida para o desafio. O local do desafio, ficava próximo ao cemitério, onde o alvo foi colocado numa distância de aproximadamente 200m. O Tenente pediu para Zezinho atirar primeiro, entretanto o rabudo preferiu ser o segundo. O tenente atirou e acertou no centro da marca feita no tronco, só que não traspassou totalmente a madeira. O Tenente propôs a Zezinho fazer outra marca na madeira, porém ele não concordou, dizendo que acertaria no mesmo local. Zezinho mirou e atirou. A princípio, o tenente achou que ele teria errado o alvo porque não foi encontrada marcas de balas na madeira, mas depois que foram verificar detalhadamente, evidenciou-se que a madeira tinha sido vazada totalmente e assim proclamado o rabudo vencedor do desafio.

Também durante a visita, Zezinho fez uma outra demonstra-

ção de habilidade com arma. Ficou dentro de casa e pediu para o tenente ficar do lado de fora de um lado da porta e jogar um limão para o outro lado. Quando o limão passava, Zezinho atirava e acertava o limão. Por várias vezes isso foi repetido e ele sempre acertava o alvo. Nesta maneira de provar a habilidade de um excelente atirador, o tenente preferiu não competir.

DESEJO DE VINGANÇA

Depois da morte de Zezinho dos Laços, as lutas entre “Rabudos” e “Cauaços” ficaram mais acirradas devido o desejo de vingança da família Marques. Vários confrontos aconteceram depois de 26 de outubro de 1911, data da emboscada que culminou com a morte do chefe dos Rabudos, informações dadas pelos netos que moram nas cidades de Jequié, Feira de Santana e Salvador.

Em uma dessas investidas dos Rabudos nos arredores do povoado de Porto Alegre, comandada pelo seu filho Randulfo Marques da Silva e dois jagunços da sua confiança, cercaram uma casa, onde estavam escondidos homens que de acordo informações, faziam parte do bando dos Cauaços.

Orientados por Duca, apelido do filho de Zezinho, os jagunços ficaram na frente da casa, enquanto ele rodeou e foi para os fundos. Chegando próximo a um buraco na parede do casebre, foi surpreendido por um disparo que quase lhe atingiu a cabeça. Depois do susto, Randulfo colocou a sua repetição no buraco e deu vários tiros, contudo não conseguiu atingir quem atirou nele. Como acertado com seus homens, permaneceu ali vigiando, para que os cabras não fugissem. Enquanto isso, em frente da casa os jagunços de Zezinho gritavam e batiam na porta, ordenando que os homens saíssem, conseqüentemente havendo uma rendição dos acuados.

Como não foram atendidos, os Rabudos meteram os pés na porta e invadiram aquele recinto.

Para surpresa deles, foram interceptados por três mulheres que avançaram e seguraram nas suas armas, tentando a todo custo tomá-las.

Além desta luta com as mulheres, foram atacados pelos jagunços que atiravam por cima delas, tentando alvejá-los.

Neste empurra-empurra, um dos jagunços de Zezinho apertou o gatilho da sua arma e a bala acertou a testa de uma das

mulheres. Com a morte dela os jagunços se entregaram.

Ao ouvir os gritos e os disparos na frente da casa, Randulfo correu para verificar o que estava ocorrendo. Ali chegando, ajudou os seus homens na prisão dos cabras.

Amarrados com as mãos para trás, os jagunços foram levados para Boa Nova andando na frente dos animais, enquanto as mulheres iam na garupa.

Nesta empreitada, um dos jagunços de Zezinho ficou no povoado de Porto Alegre.

Depois de um bom período de cavalgada, os presos imploraram ao senhor Randulfo para que fossem soltos, dizendo que estavam com as mãos ardendo, muito cansados e prometendo não fugir.

Randulfo atendeu o apelo dos jagunços e mandou soltá-los.

Próximo a uma região de mata fechada, um dos cauaços correu e embrenhou mata adentro. Rapidamente, o jagunço de Zezinho derrubou a mulher que estava na sua garupa para conseguir desmontar ligeiro do animal e saiu à procura do fugitivo, enquanto Randulfo ficou vigiando o outro.

Depois de fazer um círculo dentro da mata, o cabra de Zezinho percebeu que alguns animais soltos naquele local estavam olhando para um determinado local. Atento, ficou observando a movimentação naquela parte da mata. Não demorou ele avistou o jagunço que ia correndo desesperado tentando se esconder da mira do Rabudo.

O jagunço de Zezinho rapidamente deu vários tiros na direção, conseguindo acertar mortalmente o homem. Foi ao local, colocou a vítima nas costas e levou para a estrada, onde Randulfo tinha ficado. Quando chegou próximo de Randulfo, jogou o corpo no chão e disse que não tinha sido acertada a decisão de soltá-los, pois facilitou a fuga do cabra.

Naquele momento o jagunço de Zezinho manobrou a repeti-

ção e apertou o gatilho. Rapidamente Randulfo bateu a mão na arma, não permitindo que o homem fosse alvejado.

Depois de controlada a situação, Randulfo contou ao jagunço que enquanto estava vigiando o cabra, ele pediu para que fosse novamente amarrado. Desconfiando da atitude do jagunço, manobrou a repetição, porém a arma engasgou, não passando a bala para a agulha. Experiente no assunto e acostumado a situações como aquela, o homem avançou na direção dele, mas como estava um pouco afastado, conseguiu puxar o Parabellum que estava na cintura e manobrou com intenção de matá-lo, entretanto como pretendia entregá-lo com vida, não concretizou o intento, preferindo apenas dominá-lo.

Depois de controlada a situação, prosseguiram a viagem para Boa Nova, onde os presos foram entregues à polícia local.



Família Meira

FAMÍLIA MEIRA

Família de Espanha que tomou o apelido de Meira no bispado de Tuí, na Galícia. O mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, que daí foi para Portugal no ano de 1369. Dom Heitor de Meira, da corte de Dom João I, foi o tronco dos Meiras que vieram para o Brasil. Não é possível precisar quais os primeiros, mas é certo que Marcos de Meira e Luiz de Meira, Filhos de Baltazar de Meira, vieram para o Brasil no início do século XVIII. Foram habitar em serro frio, em Minas Gerais, dali a família se ramificou para a Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Na cidade de Camamu - BA, no início do século XVIII, nasceu Francisco Antunes Meira, vindo a se casar com Dona Isabel Mariana de Castro. Deste casal houve muitos descendentes no norte do Brasil. Fonte: Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.

A família Meira ramificou-se para Jequié, vindo das cidades de Aracatu, Livramento de Nossa Senhora, Bom Jesus dos Meiras (hoje Brumado), Poções, Ituaçu, Maracás, Volta dos Meiras (hoje Catingal) – distrito de Manoel Vitorino, Porto Alegre – distrito de Maracás e outros municípios da região todos localizados na Bahia. Não sabemos certificar o primeiro membro da família Meira a chegar em Jequié. De acordo com informações do diretor do museu de Jequié Raimundo Meira, o Coronel Martiniano de Souza Meira foi um pioneiro na aquisição de terras localizadas na antiga fazenda “Borda da Mata”. Por volta de 1860, ele comprou uma vasta área de terra em mãos dos descendentes do inconfidente José de Sá Bitencourt. Outros membros da família como Major Martiniano de Castro Meira e Capitão Martiniano Meira, que em 1927 construiu o prédio da atual “Casa de Saúde Santa Helena”, foram destaque no nosso município. Do casamento de Martiniano Meira Neto e Honorina Meira Magalhães nasceu o filho Henrique Meira Magalhães que se casou com Iracema Dantas Moreira Magalhães.

Rogério de Souza Meira, um rico fazendeiro que nasceu em Catingal, onde foi proprietário da Fazenda Cajueiro, é outro que, baseado nas informações familiares, pode ser considerado como pioneiro na região. Foi ele que, com ajuda de seus escravos, construíram a Fazenda Pedras, no município de Manoel Vitorino

– BA, onde havia uma senzala. Hoje a propriedade pertence aos filhos de Osvaldo Álvares Meira. Deste ramo familiar surgiram: Hermano Souza Meira, Rogério Meira Neto, Hilário Bastos Meira (84 anos) que se casou com Adalgisa Silva Meira (82 anos).

Do casal José Barros Meira, que nasceu em 1870 no distrito de Catingal e Maria de Jesus Barros Meira, foi gerado uma figura importante para a indústria da nossa terra, o carpinteiro Marceliano Barros Meira (Celi Meira), nascido em 1900 no distrito de Catingal e casou-se com Francisca Alves Meira, nascida em 1901 no município de Livramento de Nossa Senhora – BA, onde ficaram morando. Em 1929 veio para Jitaúna – BA e depois em 1932 para Jequié – BA, onde morreu em 1987.

Uma figura marcante da família, também lembrada, é Augusto Meira Castro, que era tratado carinhosamente como Major Nozinho. Ele nasceu em 08/11/1875 na cidade de Livramento de Nossa Senhora – BA, e dali foi estudar Medicina no Rio de Janeiro. Abandonou os estudos e veio ser farmacêutico no distrito de Catingal. Em segundas núpcias casou-se com Estefânia Almeida Meira nascida em 02/09/1910 Petrolina PE.

O fazendeiro Altino Alves Meira foi mais um Meira nascido em Catingal. Casou-se com Perciana Alves Meira nascida em Gameleira dos Machados (hoje Aracatu – BA). A geração continuou com Inácio Brito Meira, nascido em Catingal que se casou com Idália Alves Meira, de Aracatu-BA onde nasceu a em 16/12/1896 e morreu em Jequié – BA em 20/02/1999 com idade de 103 anos.

De Mário Meira Castro e Maria Eufrozina Guimarães Meira, sabemos que eram os pais de Maria Noêmia Guimarães Meira,

natural de Catingal que se casou com Antônio Augusto Alves Meira ambos de Catingal.

Da região dos conflitos entre os Rabudos e Cauaços, citamos o comerciante Randulfo Marques da Silva nascido em 12/04/1897 em Ituaçu – BA, filho de José Marques da Silva (Zezinho dos Laços) e Morreu em 06/03/1974 em Jequié - BA. Casou-se com Florinda Meira e Silva nascida em 15/08/1894 na Fazenda Rovedo – Porto Alegre distrito de Manoel Vitorino – BA e morreu em 25/01/1966 na mesma localidade.

O amor pela terra é notório e é seguido pelo fazendeiro Osvaldo Álvares Meira (Vadinho Meira), nascido em 24/11/1908 na Fazenda Pedras, localizada no município de Manoel Vitorino - BA e morreu em 15/09/2005 em Jequié - BA. Deixou viúva Adélia Alves Meira nascida no distrito de Currálinho - Livramento de Nossa Senhora – BA.

De uma geração que fez parte da história de Jequié, nasceu João Gondim Meira, em novembro de 1909, no Baixão distrito de Jequié – BA, onde foi escrivão durante 46 anos. Casou-se com Sabina Micheli Meira. Em 1948 veio para a sede do município onde viveu até o ano de 1977.

Por volta de 1860, chega de Serra Talhada, município de Poções – BA, o maior criador de bovino da região, o Coronel Martiniano de Souza Meira. Por volta de 1890 chegou em Jequié Tibério Meira, que em 29 de abril de 1894 esteve presente e assinou a ata de posse da primeira Junta Distrital de Jequié. Em 1897, o núcleo de comerciante correspondia a 36 registros, entre eles na Praça do Comércio (Luiz Viana) N. Meira Castro. Em 12 de novembro de 1900 outro integrante da família é citado: Tibério Meira Sobrinho. Em 1903, foi fundada a filarmônica “A Lira” cujo presidente foi Tibério Meira. Em 26 de outubro de 1911, quando da morte de José Marques da Silva, é citado o nome do fazendeiro Cândido Meira.

Pela grandeza desta família da qual faço parte, se fôssemos

mencionar todos seus membros não caberia nas páginas que formam esta revista. Que todos os Meiras sintam-se representados pelos nossos parentes aqui lembrados.

BREVE ARMISTÍCIO¹

Logo após a invasão dos Cauaús a Maracás, pelo menos na Sede do município, os conflitos entre as facções políticas locais foram amenizados temporariamente devido à intervenção do Governo do Estado que, atendendo ao apelo de um grupo de comerciantes italianos que ali residiam, enviou o então Secretário de Polícia, Álvaro Cova, para pacificar a cidade. Esse, por sua vez, embarcou no vapor da carreira para Cachoeira no dia 16 de novembro de 1915, acompanhado do Tenente-Coronel Paulo Bispo, do Alferes Cassimiro de Castro, do escrivão Pontes e do Cônsul italiano. Porém, antes de iniciar a sua viagem, o Secretário de Polícia telegrafou para os destacamentos de polícia dos municípios próximos a Maracás, ordenando que se deslocassem para Tamburi e lá aguardassem a sua chegada para o cumprimento de novas ordens.

O deslocamento do Cônsul italiano para a região conflagrada demonstra a influência que a comunidade italiana detinha no cenário político de então. Além de mobilizar o consulado italiano, essa comunidade, pelo fato de boa parte de seus membros estarem diretamente ligados ao comércio, também conseguiu fazer com que a Associação Comercial da Bahia pressionasse o Governo do Estado no sentido de encontrar uma solução para as contendas internas, pois o comércio, em tempos de conflito, era fortemente prejudicado.

Os chefes dos Rabudos e dos Mocós, ao tomarem conhecimento da vinda do Secretário de Polícia, trataram de recolher os seus jagunços, evitando o combate com os oficiais do Estado, o que possivelmente acarretaria prejuízos políticos para ambos os grupos. Ao chegar a Maracás, Álvaro Cova empreendeu um movimento objetivando desarmar as duas facções, intimidando os

1 Fonte: * De tropeiro a coronel: ascensão e declínio de Marcionílio Antônio de Souza (1915-1930) – João Reis Novaes.

seus líderes a entregarem as armas. O mocó Nestor Sá não quis atender a ordem do Secretário de Polícia, o que resultou em sua prisão, sendo libertado dias depois, no Povoado de Tamburi, momento no qual Álvaro Cova, juntamente com os seus subordinados, regressava à Capital por entender que a ordem tinha sido restabelecida no município. No entanto, os Mocós sentiram-se prejudicados pelas ações dos representantes do Governo do Estado, afirmando que os integrantes do grupo rival não foram desarmados, o que os deixavam em desvantagem bélica em relação a seus inimigos.

Ao regressar a Salvador, no dia 23 de novembro de 1915, Álvaro Cova assegurava o restabelecimento da “ordem” em Maracás e, para garantir a continuidade daquela situação, deixou de prontidão um destacamento de 35 praças sob o comando de um delegado regional e do Alferes Cassimiro. Entretanto, defendendo os interesses do seu correligionário, Coronel José Antônio de Miranda, o Secretário de Polícia, durante os esclarecimentos prestados à imprensa da Capital, omitiu a invasão de Maracás pelos Cauaús ocorrida no mês anterior. Pelo contrário, afirmava que os embates locais ocorreram por ciúmes do Coronel Marcionílio Souza. Esse teria se sentido preterido pelo fato de a sua Filarmônica, Lira Maracaense, não ter sido convidada a tocar na festa da Padroeira de Maracás, Nossa Senhora das Graças, como ocorrera com a Filarmônica União Popular, que pertencia aos Mocós.

O resultado, segundo o Secretário de Polícia, foi o entrenchamento e a queima de mais de dez mil cartuchos durante a peleja estabelecida entre os membros das duas facções políticas. A situação só não ficara mais grave porque o Vigário Paulo Bento aboliu da programação do festejo a apresentação de grupos musicais.

Outras fontes sustentam a ocorrência desses fatos, mas somente vários dias depois das investidas dos Cauaús a Maracás. Nesse momento posterior, enquanto ocorriam os festejos, tanto os Rabudos quanto os Mocós ocupavam as ruas da cidade com seus exércitos de jagunços, em busca de algum pretexto para reiniciar

os confrontos armados, que só foram amenizados devido à ação do Secretário de Polícia do Estado.”



Casa atual da Fazenda Rochedo

FAZENDA ROCHEDO “A TOCAIA”

No dia cinco de setembro, chegamos às 09h30 na Fazenda Lagoa da Pimenta, situada na região do Isidoro no município de Manoel Vitorino, propriedade do nosso parente Adalício Meira. Viagem que há muito tempo estava programada por mim e Domingos Ailton, que não pôde ir devido a compromissos particulares, mas nunca dava certo. Entretanto, o desejo de conhecer o local em que emboscaram e mataram o meu bisavô José Marques da Silva (Zezinho dos Laços), foi decisivo para não desistir desta ideia.

Há dois meses, o meu amigo e parente Raimundo Barros (Toquinho), se prontificou em fazer a viagem no seu carro. A gasolina conseguiu com Euclides Fernandes, outro grande amigo.

Depois de tomar um cafezinho com os parentes, seguimos, Toquinho, Rose, Maria Meira, Ademário, Adalício e eu para a Fazenda Rochedo. A sede atual fica localizada entre vários rochedos, daí o nome de registro da propriedade. A casa foi edificada no terreno da sede antiga, que era de propriedade de Cândido Meira, meu bisavô. Sem precisar as datas, foram também proprietários da fazenda: Osvaldo Barros, Antonio Bastos Meira, Germínio Correia, Valdomiro e o atual Flodoaldo Lisboa. O senhor Antonio Meira contratou os serviços de Vadinho Meira para edificar a casa. O pagamento foi feito com uma bela novilha, um presente de parente. Os 700 hectares são cercados pelas serras do Caixão, do Pereira e do Lajedo Preto. Seguimos primeiro para o local que foi denominado de Tocaia após a morte de Zezinho dos Laços, o qual fica a aproximadamente 1 km da fazenda. Utilizamos uma estrada nova feita pelo atual proprietário para chegar ao destino, pois a velha desapareceu com o tempo. Em determinado local, a estrada não dá prosseguimento devido ao terreno ser bastante rochoso, com isso as máquinas não conseguiram terminar o serviço. Prosseguimos andando para a Tocaia, mas com muita dificuldade

por causa do mato que cresceu e acabou escondendo a estrada antiga ali existente. Chegando ao exato local da emboscada, deu-se para perceber que os assassinos escolheram um local estratégico para realizarem o intento. A estrada é margeada por uma valeta que antigamente era um riacho que também se chamava Tocaia. O local do crime é um vale, onde existem várias árvores e pedras grandes que certamente foram utilizadas para esconder os cauaçús e seus jagunços. Antes de chegar ao vale existe uma ladeira mais alta que vai dar no antigo riacho. Após o mesmo, a elevação é menor o que obviamente facilitou a visão dos homens. Tiremos fotos de toda a região e depois fomos para a Fazenda Rochedo.

Na sede atual, verificamos que a casa está abandonada e sem o devido cuidado, necessitando de uma reforma geral. A casa tem um peitoril, vários quartos, sala, cozinha e um sótão. Nos fundos ainda existem alicerces da sede antiga. Quando estávamos conhecendo o interior da casa, Adalício nos mostrou em um dos quartos um local que estava retocado de cimento. Ele nos contou de que a mulher do antigo dono, o senhor Valdomiro, no ano de 1995, em uma determinada noite, dispensou o seu empregado. No dia seguinte a mulher entregou a chave da casa para Lero e foi embora. Nunca mais retornou à localidade. Quando Lero abriu a casa verificou que aquele quarto estava trancado. Ele teve que arrombar a porta, pois não tinha a chave. Para sua surpresa, Lero encontrou um buraco com uma fundura de aproximadamente 80 centímetros e várias velas derretidas junto do mesmo. O comentário dos moradores da redondeza é de que a mulher teria tirado um pote contendo um chocalho ou uma mão de pilão de ouro, por isso ela não poderia retornar ao local, assim agem as pessoas que acham estes tesouros enterrados, acreditam que fazendo o contrário perderia a riqueza (crenças populares).

Foi uma manhã muito especial na minha vida. Falei para Adalício que agora eu já poderia morrer, pois tinha realizado o desejo de conhecer a Fazenda Rochedo e o local que emboscaram Zezinho dos Laços.

Depois de comermos um gostoso carneiro cozido e frito, sobremesa de doce de leite e um prolongado bate-papo retornaram para Jequié.



José Barros Meira

JOSÉ BARROS MEIRA, O HOMEM QUE NÃO CONHECEU O IMPOSSÍVEL

No domingo 06/01/13, quando chegava na casa de tia Lulu, no bairro do Mandacaru, para visitá-la, fui abordado pelo amigo João Quintino, que revelou ter lido uma matéria publicada na Revista Cotoxó, falando sobre Cely Meira. Depois de um abraço, elogiou enfaticamente o texto, porém questionou ter falado pouco da Carpintaria Antônio do Carmo & Irmão e da Serraria Santo Antônio e dos seus baluartes. Entramos na casa de tio Hércules dialogando sobre o assunto, porém meus argumentos não mudaram a sua opinião. No domingo seguinte fui à residência de João acompanhado do meu amigo Zequinha, ex-colega da Coelba. Numa visita rápida, anotei o telefone dele e prometi ligar para marcar o dia e horário de entrevistá-lo sobre o assunto, que de acordo o seu entendimento estava incompleto. Liguei e marquei. No dia 16 de janeiro, às 8h30, como combinado, iniciamos um bate-papo descontraído e emocionante com João Quintino Neto, nascido em Jequié-BA em 03/09/1931, sentados a uma mesa no quintal da sua casa.

Em toda conversa, João falou principalmente da figura de José Barros Meira, que nasceu em 02/12/1921 na cidade de Livramento de Nossa Senhora – BA, um dos principais baluartes no ramo de carpintaria e serraria em Jequié-BA. José concluiu apenas o primário, pois começou a trabalhar muito jovem. Na adolescência foi aprendiz e ajudante do seu pai Cely Meira na marcenaria em Jitaúna-BA. Quando completou 20 anos de idade, adquiriu um caminhão de seis rodas da marca International e passou a exercer a profissão de Motorista. Na companhia do seu fiel ajudante Antônio de Jesus Santos (Ciara), que nasceu em 15/01/1926 na cidade de Rui Barbosa-BA, transportava cacau dos distritos de Rio Branco, hoje Itajurú, Barra Avenida e das cidades de Itagi-BA e Ipiaú-BA para Jequié-BA, onde vendia a mercadoria para a empresa Correia Ribeiro e outros armazéns do

mesmo ramo existentes na cidade.

Nesta época trabalhavam no mesmo ramo os motoristas João Buzina, Cristóvão, Oscar das Cobras, Diógenes e Antônio Baota. Em seguida, José vendeu o caminhão e foi trabalhar também como motorista, em uma empresa do mesmo ramo, dirigindo um caminhão Dodge, transportando cacau na região de Itabuna-BA e Ilhéus-BA.

A Carpintaria Antônio do Carmo & Irmão, localizada na Rua Santos Dumont, próxima da casa da família de Geraldo Teixeira, foi o desafio seguinte de José, seus irmãos e o comandante Cely Meira. As dificuldades eram muitas, a começar pela falta de energia elétrica em Jequié, motivo pelo qual o funcionamento da carpintaria era totalmente manual. Para suprir esta deficiência, as madeiras eram serradas por dois homens fortes em um serro-tão, que ficava em cima de um estaleiro, e compraram também um motor industrial a óleo diesel, fizeram várias adaptações e colocaram para funcionar as outras máquinas da carpintaria. Na área financeira não foi diferente: Antônio do Carmo Meira (Cecé) tinha que ter jogo de cintura para controlar as contas da empresa. Como parte deste controle, o primeiro caminhão da carpintaria foi montado e adaptado por José, seus irmãos e funcionários, com peças de outros veículos.

João Quintino nesta parte da entrevista enfatizou a serralheria, um setor muito importante na carpintaria. Com muita alegria, falou dos profissionais que exerceram suas funções na empresa. O primeiro foi um senhor idoso e de larga experiência chamado Albertino e depois o seu irmão Gilberto Quintino dos Santos (Veinho), ferreiro tão bom que Cely Meira dizia: “Ele é capaz de fazer um homem de ferro”, e Veinho replicava dizendo: “Se tio Cely falou, eu faço”.

Nem o latido do cachorro, o canto dos pássaros, o entrar e sair de parentes e amigos conseguiam interromper a entrevista. Indiferente a tudo que acontecia, João continuava a conversa, agora

falando da época em que ele começou a trabalhar com a família Meira depois que a empresa se mudou para a Avenida Otávio Mangabeira, no bairro do Mandacaru, no ano de 1946, e passou a chamar-se Serraria Santo Antônio.

João Quintino dos Santos, que nasceu na cidade de Jequié- BA em 03/09/1931, no início era ajudante de tudo, posteriormente motorista e mecânico. Um automóvel da serraria, tipo fôbica, transformado pela família em um caminhão Chevrolet 1929, chamado de Brasileirinho e que teve como primeiro motorista o senhor Agenor, foi o carro que João Quintino dirigiu na empresa.

Nesta época José Barros Meira tinha 25 anos de idade, um jovem cheio de ideias e com toda a energia do mundo, particularidades que contribuíram decisivamente para a concretização do projeto elétrico e a montagem das máquinas, que na sua maioria foram feitas ou adaptadas por José e o ferreiro Veinho, que tomava conta da serralheria da indústria e classificado por José de “brabo e pra tudo”.

Depois de tudo pronto para funcionar, os dirigentes da indústria determinaram que os horários de trabalho fossem às 7h30, 11h30, 13h30 e 17h30 e o aviso aos funcionários do início e término do expediente seria por meio do toque de uma sirene. Os horários eram sempre cumpridos, pois o patrão não atrasava e exigia também o cumprimento deste item pelos empregados. José iniciava a sua jornada de trabalho às 05h da manhã, usando a camisa do pijama, bem à vontade, como ele gostava. Quando eram 07h tomava o café, atendendo o chamado da esposa, e rápido voltava à labuta. Às 10h, tomava café no bule levado por Marli. No horário do almoço, comia em pé, sempre ouvindo o pedido de D. Maria sua esposa: “Senta José, você acaba se sentindo mal”. Ele não dava importância e continuava em pé junto da janela que dava para a serraria, pensando no que iria fazer após a refeição. Às 15h, novamente tomava café no bule levado por Marli. Quando às 17h30 a sirene tocava e os empregados saíam, José fechava o portão e ficava até às 23h limpando, amolando,

arrumando as ferramentas, fazendo manutenção das máquinas e tudo que fosse necessário para agilizar o trabalho do dia seguinte, prática seguida por José quando era solteiro.

A dedicação, organização, excelente maquinário, mão de obra qualificada, garra, disposição para trabalhar e a vontade de vencer de José e seus familiares, foram alguns dos fatores que contribuíram para o sucesso da Serraria Santo Antônio.

Na serraria faziam-se portas, cadeiras, carros-de-boi, galeotas, carroças e até carrocerias, item confeccionado e montado por Osmar Galdino, Vitalino, José, Cely, Veinho e um pintor contratado apenas para este fim. A ótima qualidade deste produto foi testada na época por uma senhora chamada Lourdes, proprietária de um caminhão Bernie, do Rio Grande do Sul, que adquiriu o produto e divulgou para colegas caminhoneiros, tornando o nome da indústria conhecido em todo Brasil. Devido ao reconhecimento do excelente trabalho realizado pela empresa, houve um aumento na demanda de solicitações de serviços em toda a região, motivo que levou a família a adquirir outro caminhão em Salvador-BA, da marca MAM, fabricado na Alemanha.

O caminhão que era dirigido por João Batista, irmão de José, transportava toros de madeira comprados na região de Poções, Nova Canaã, Iguai e Ibicuí, na Bahia estes, eram vendidos para a empresa de Norberto Odebrecht na cidade de Ituberá-BA.

Neste momento da entrevista, João Quintino fez uma pequena pausa para limpar os olhos que estavam lacrimejando, tal era a emoção que estava sentindo em falar do seu patrão e amigo José Barros Meira. Deu um forte suspiro e respondeu o questionamento sobre o temperamento de José. “Uma onça acuada por cachorro”. Citando essa frase, Quintino começou a defini-lo. No seu simples modo de entender, José vivia a maioria do seu tempo entocado na empresa, feroz, valente, uma fera no o seu ambiente de trabalho. Mostrava-se muito sério com os familiares, amigos e funcionários, temperamento também confirmado por

sua cunhada Lala, Maria Letícia sua esposa, Lourdes sua irmã e outros amigos e familiares.

No ambiente de trabalho, José gritava muito com os funcionários que não realizavam com perfeição as suas atividades. Quando gritava o nome do seu ajudante chamado Ciara. Ele rápido se apresentava a José em posição de continência e falava: “Oretiu”, traduzindo: “estou aqui, pode falar”, fato contado pelo meu colega de Coelba Rubem, que na época trazia comida para seu irmão Juca na serraria. Prosseguiu o bate-papo falando que nunca conheceu um homem do seu quilate, ser humano amoroso, organizado, inteligente, sabia fazer de tudo e no seu dicionário nunca existiu a palavra impossível. Para confirmar o que estava falando, João contou um fato que ocorreu na época em que a família adquiriu uma serra-fita (engenho) em Ponta Grossa-PR e queriam contratar um técnico para montar o equipamento. José não concordou com a ideia e perguntou: “a pessoa que vocês querem contratar é homem como eu?”. O silêncio dos presentes respondeu a sua pergunta e ele disse que iria montar a máquina. E assim aconteceu.

Por esse e outros empreendimentos realizados na serraria, como a confecção e montagem da cobertura do antigo Mercado Municipal de Jequié, toda feita com madeira de lei, quando era prefeito o seu amigo Lomanto Júnior, pessoas influentes da sociedade de Jequié e região vinham conhecer pessoalmente o talento e a inteligência daquele homem.

Inesperadamente João deu uma boa gargalhada, que chamou a atenção de todos que estavam presentes no quintal e depois contou que num bate-papo dos empregados num local da serraria, um deles falou baixinho que não sabia quando, como, José namorava e tinha dois filhos, concordaram sorrindo.

Depois deste momento de descontração, João prosseguiu dizendo que aquele fato era uma realidade na vida de José, pois o trabalho era tudo na vida dele, nunca viu uma coisa daquela, só

do trabalho para sua casa, as compras da casa eram feitas pela esposa e funcionários da empresa, pouco viveu para a família, José nunca tirou férias e seu lazer era ir ao circo, dar banca e levar Marli, sua filha de criação, à matiné e do Cine Bomfim e participar de algumas festas de aniversários na residência dos amigos mais chegados, como Padre Spínola, Antônio Coelho Lima, Zuzinha, Valdomiro da Coelba, Lomanto Júnior, Renato Sergipano e o professor Antonin Brioude, quando também visitavam o maior e mais bonito presépio de Jequié-BA e celebravam com os familiares a noite de Natal.

Depois da entrevista com João Quintino, que terminou quase às 11h, fomos no carro dele visitar Osmar Galdino da Silva, que nasceu na cidade de Jequié-BA em 16/05/1930, filho de criação do “velho” Cely Meira, considerado por João um dos maiores baluartes da Carpintaria Antônio do Carmo & Irmão e da Serraria Santo Antônio. No percurso entre os bairros do Mandacaru e o Km-3, comprovamos a eficiência do motorista, apesar dos seus 81anos de idade. Fomos recebidos cordialmente por Osmar na sua residência, que não me conheceu, mesmo tirando o chapéu e mostrando a minha careca, parecida com a de José Barros Meira. Após ficar sabendo de quem se tratava, fomos para a sala da casa e iniciamos um bate-papo bastante proveitoso. De maneira educada e pausada, Osmar inicialmente citou os nomes dos seguintes baluartes que trabalharam com a família Meira: ferreiros--Albertino e Gilberto Quintino dos Santos (Veinho); serradores de madeira -- Arlindo, Jason Meira e Laurêncio; carpinteiros -- Sinozinho, Félix, Vitalino, Gregório (zuca), Juca, João Pedro, Zé Antônio, Manoel Preto, Agenor e Tito; maquinista --Domiciano; escrivário -- Toninho; ajudantes

-- Natalício, Dinga, Ciara, Fausto, Zé Lima, Juju, Benedito e Miguel; e motoristas --Agenor e João Quintino dos Santos.

De acordo com citação anterior, João Quintino falou que José gritava muito com seus empregados. Perguntei a Osmar se com ele acontecia da mesma maneira. Com um olhar que transmitiu

um profundo sentimento de carinho, quase chorando, balançou a cabeça e falou bem baixinho que não. Perguntei novamente: “então você fazia tudo correto?”, deu uma risada e disse: “Em vez de discutir nós dialogávamos”. Em seguida, depois de mostrar algumas fotos, disse que ganhava por produção e, por ser o mais rápido e produtivo da serraria, era chamado por José de “o homem a jato”. Na sequência, contou que um dia faltou energia na serraria e uma das máquinas ficou ligada. Quando a energia retornou, o motor ficou roncando, João Buzina correu e pegou um machado e cortou o fio da máquina em vez de desligar a chave. José, que estava próximo do local, ficou muito chateado e do seu jeito costumeiro, esbravejou, reclamando da atitude incorreta do empregado.

Após Osmar contar este fato, perguntei se ele sabia o verdadeiro motivo da morte de José Barros Meira. Afirmando que estava na serraria neste dia, Osmar contou que por motivo de limpeza e arrumação, dois funcionários pegaram uma peça de madeira em um determinado local da serraria e estavam levando para o outro lado. José, que estava acompanhando o serviço, aproximou-se dos homens e colocando-se no meio deles levantou e baixou sozinho a madeira, dizendo que um empregado era suficiente para realizar aquela tarefa. Como era final de expediente, foi para sua casa. Passados alguns minutos, alguém da família de José veio correndo avisar que ele estava vomitando sangue. José foi levado de avião para Salvador-BA, ficou internado no Hospital Português, onde faleceu no dia 27/12/1957 e foi enterrado em Jequié-BA no cemitério São João Batista.



José Marques da Silva (Zezinho dos Laços)

JOSÉ MARQUES DA SILVA (ZEZINHO DOS LAÇOS)

José Marques da Silva, mais conhecido como Zezinho dos Laços, por causa de uma sua fazenda com este nome. Informações de familiares e escritos citam o nome de seu irmão Cassiano Marques da Silva (Cassiano do Areão). Foi casado por duas vezes. A primeira esposa foi Francisca Augusta Marques da Silva, com quem teve os seguintes filhos: Randulfo Marques da Silva, Rodolfo Marques da Silva, Raul Marques da Silva e Laura Marques da Silva. A segunda esposa foi Otília Carolina da Silva, com quem teve os seguintes filhos: Manoel Marques da Silva, Placídina Marques da Silva e Maria Carolina Marques da Silva.

É oriundo da cidade de Ituaçu - BA, outrora conhecida como Brejo Grande, onde vai encontrar as raízes do banditismo.

Na época, duas famílias revezavam o poder naquela localidade. Os Silvas, “Rabudos” (ratos) chamados assim por viverem na baixada e os Gondins, apelidados de “Mocós” porque em momentos difíceis buscavam refúgio nos morros das Lavras Diamantinas. Os “Rabudos” mais conhecidos foram: José Marques da Silva (Zezinho dos Laços), Marcionílio Antonio de Souza, Tranquilino Antonio de Souza, Mariano Coxo, Lucas Nogueira e Cassiano Marques da Silva (Cassiano do Areão).

Apoiado pelas repetições elegeu-se presidente da Segunda Junta Distrital, empossado a 31 de maio de 1896, em Jequié - BA.

Devido a incidentes ocorridos nos primeiros anos de República, abalaram-se por algum tempo as relações entre o Brasil e a Itália. Quando a notícia chegou a Jequié, Zezinho dos Laços, que tinha sido eleito presidente da Segunda Junta Distrital, resolveu tirar proveito da situação. Em nome de um falso patriotismo, começou a atacar as propriedades dos italianos que viviam em Jequié, Maracás, Pé de Serra e circunvizinhanças, estocando as

mercadorias saqueadas em seus armazéns de Água Vermelha e Rio Preto.

Na Assembléia Legislativa Estadual, apoiava o nome de Pedro Gonçalves do Nascimento, conhecido como Pedro Cortiça, pois sempre estava por cima, nunca afundava. Em troca, o deputado votava as proposições do governo, conseguindo, assim, que a polícia não interviesse nos conflitos entre rabudos e mocós.

No dia 29 de outubro de 1896, numa casa da Rua Vitória, hoje Rua Lindolfo Rocha, houve uma reunião para restauração do partido. Tudo planejado por Lindolfo Rocha, para não provocar suspeita. Zezinho dos Laços foi o último a assinar a folha de votação. Naquele momento, chefiados pelos capitães Ivo Piniheiro de Matos e Agripino Chaves, os policiais invadiram a sala, prendendo o chefe dos “Rabudos”. Depois de preso foi escoltado até a capital do Estado, sendo recolhido ao forte São Marcelo.

Algum tempo depois, julgado em Ubaíra - BA, Zezinho foi absolvido pelos jurados, receosos das ameaças que pesavam sobre suas cabeças e dos seus familiares. Absolvido, José Marques da Silva reorganizou seu bando, perpetrando outros assaltos. Disposto a lutar novamente contra os “Mocós”, Zezinho convidou Augusto, um dos familiares dos Cauaços, para fazer parte do seu bando, entretanto o homem negou-se a acompanhá-lo. O atrevimento da recusa foi acompanhado da alegação de que as relações entre Cauaços e Gondins eram as melhores. Poucos dias depois Augusto foi assassinado por um cabra de Zezinho, conhecido por Tavares. Reunidos em família, os Cauaços escolheram José para seu chefe, declarando guerra aberta a Zezinho e seus capangas.

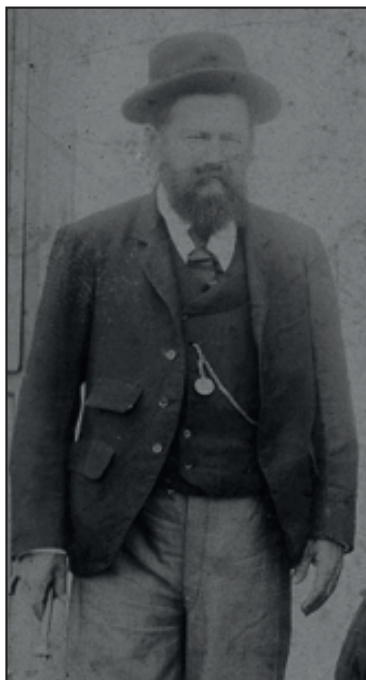
Manchete de primeira página do jornal da capital Diário de Notícias de 04 de novembro de 1911:

“Confirmado a notícia que ontem demos sobre a morte do Major José Marques da Silva podemos asseverar, com bons fundamentos, que efetivamente aquele senhor foi assassinado no dia 26, em viagem de Boa Nova - BA para o povoado de Porto Alegre.

Entre várias notícias que correm sobre a morte de Zezinho dos Laços, referem à de que ele foi assassinado por seus próprios jagunços, entre os quais se achava seu apaniguado Marcelino Cauaçu, irmão de Francisco Cauaçu, assassinado dias antes, naquelas paragens, por influência de Zezinho dos Laços segundo dizem ali. No dia 26, porém, em viagem com seu cunhado Lucas Nogueira, foi Zezinho dos Laços alvejado por tiros que partiam de emboscada e que lhe causaram a morte instante depois. Lucas Nogueira, ferido também nesta mesma ocasião, fugiu com seus companheiros de viagem, deixando na estrada seu cunhado Zezinho dos Laços e dirigiu-se para casa de um fazendeiro vizinho de onde providenciou a remoção do cadáver para fora do cenário da tragédia, incumbindo-se de sepultá-lo. Com Zezinho dos Laços e Lucas Nogueira viajavam então vários companheiros, que constituíam o séquito do assassinato, e que fugiram logo que ele recebeu os primeiros tiros.

A opinião geral naqueles centros é a de que, não obstante estar ao serviço de Zezinho dos Laços, de quem merecia inteira confiança, como seu bom e velho cabo de ordens, Marcelino Cauaçu se havia ultimamente irritado contra o velho patrão, a quem ele imputava o assassinato de seu irmão Augusto”.

Bibliografia: Livro Capítulos da História de Jequié, Jornal Diário de Notícias e Familiares de José Marques da Silva.



O Pedido de Proteção
José Marques da Silva (Zezinho dos Laços)

O PEDIDO DE PROTEÇÃO

Em certa ocasião, Zezinho dos Laços, o chefe dos Rabudos, foi tomar banho no rio de Contas que ficava próximo a sua casa, no povoado de Porto Alegre, hoje distrito de Maracás.

Tirou a roupa, sua arma e deixou na areia. Neste dia José Marques estava sozinho.

Enquanto se banhava, ele percebeu que um homem desconhecido aproximava na sua direção.

Pedindo para que o desconhecido ficasse parado, rapidamente Zezinho saiu da água, se vestiu e colocou a arma na cintura, enquanto ouvia o homem falar que queria proteção porque teria matado alguém.

Zezinho respondeu que somente o atenderia mais tarde na sua casa. Como ficou acertado, o homem foi atendido na casa do Rabudo.

Diferentemente do primeiro encontro, o desconhecido chegou com uma repetição papo amarelo.

José Marques passou a interrogá-lo, querendo primeiramente saber o motivo de ele ter matado alguém.

O homem contou que tinha matado por dinheiro, pois estava sem emprego e necessitado.

Zezinho perguntou se a pessoa que ele havia matado era casado e tinha filhos.

A resposta foi afirmativa.

O chefe dos Rabudos aumentou o tom da sua voz e falou da sua reprovação da atitude tomada pelo homem que tinha deixado uma viúva desamparada e os filhos passando privações.

Zezinho dos Laços chamou um dos seus jagunços e ordenou que levasse o desconhecido para um determinado local e desse cabo da sua vida com a sua própria arma e fosse enterrado.

Era de conhecimento de todos do povoado, que em outras ocasiões Zezinho deu proteção a várias pessoas, quando assim achou necessário e justo o pedido.

FEDOR DE ZEZINHO

No início do mês de agosto do ano de 1944, no arraial de Porto Alegre, na época município de Boa Nova, o dia amanheceu com o tempo muito bom. Poucos estabelecimentos comerciais existentes no local ficavam no centro do povoado. A venda do Sr. Randulfo (apelidado de Duca) era uma delas. O empregado era seu filho Osmar, um jovem de dezenove anos, mas com habilidade, responsabilidade e experiência suficientes para ajudar o seu pai.

Pouco antes das 10h, chegaram três pessoas montadas em belas mulas. Um senhor que aparentava ter seus 50 anos, uma mulher sua esposa e outro homem mais jovem. Estavam trajados com roupas de romeiros, com destino à festa de Bom Jesus da Lapa, que acontece todo ano naquela data.

O senhor de 50 anos cumprimentou Osmar com um bom-dia bastante alegre. Chamou-o de menino e perguntou se no estabelecimento tinha carne de sol e se era boa. A resposta foi afirmativa, contudo estava um pouco ressecada. De onde estava montado, o homem pediu para o jovem trazer a carne para vê-la. Osmar sugeriu que ele descesse da mula e viesse olhar a carne no balcão da venda. O viajante desculpou-se dizendo que não poderia descer porque a mula era brava. Mostrando o morão que ficava em frente à venda, Osmar afirmou ser aquele o local correto para amarrar o animal citado. Mostrando-se nada satisfeito com a resposta dada pelo empregado, o senhor desceu da mula e jogou a rédea por cima da crina do animal.

O romeiro entrou no estabelecimento, verificou a carne, constatou que estava realmente seca, entretanto mandou pesar 2kg e comprou alguns outros alimentos como também tomou uma pinga. Como ficou um troco, ele perguntou a Osmar se sabia pesar o troco em açúcar. O empregado respondeu positivamente e falou: “Cego não bota venda”.

Depois de fazer as compras, o senhor saiu da venda, olhou para o céu e perguntou para Osmar: “Aqui é Porto Alegre?” “Sim, respondeu o Jovem.” O homem continuou perguntando: “Aqui já mataram muita gente?” Osmar disse que era verdade, porém não tinha acontecido no seu tempo, mas a prova estava nas marcas de balas nas portas da venda. Depois de verificar a veracidade do que tinha dito Osmar, o romeiro perguntou novamente: “Aqui ainda existe algum fedor de Zezinho dos Laços?” Depois de ouvir a pergunta do senhor, Osmar saltou o balcão da venda e aproximando-se do homem respondeu afirmativamente e disse que era neto de Zezinho dos Laços. O romeiro ficou todo sem jeito e falou várias vezes: “Muito meu amigo, muito meu amigo, muito meu amigo.” Osmar respondeu ao homem que não acreditava ser ele amigo do seu avô, pois tinha sido muito grosseiro na maneira de se expressar.

O senhor repetiu muito meu amigo outras vezes e depois voltou a perguntar: “De quem você é filho?” Osmar respondeu que era filho de Duca. O homem voltou a pronunciar “muito meu amigo, lembranças para seu Duca,” e rapidamente sem muita conversa montou na mula e saiu do local seguido pelos outros dois viajantes.

No outro dia, o pai de Osmar chegou de viagem do serviço que fazia de retirada de minério na região das Pombas, que ficava do outro lado do rio de Contas. Osmar contou para seu Duca o ocorrido o que deixou o velho muito revoltado. A pedido da família ele não concretizou o seu intento que era o de perseguir os romeiros.

CONTANDO “CAUSOS”

Numa noite de céu escuro, com promessa de muita chuva, saiu de Caldeirão de Mirandas um enterro de um homem conduzido em uma rede para ser sepultado na cidade de Maracás. Depois de algumas léguas de viagem, pararam para descansar. Deixaram o corpo no meio da estrada e foram procurar uma casa para comer e beber água. Naquela mesma noite também viajava um jagunço de Zezinho dos Laços do povoado de Porto Alegre para Maracás. Próximo ao local onde estava a rede com o morto, a mula que montava refugou, deixando o jagunço intrigado. Ele desceu da mula e seguiu a pé perguntando quem estava na estrada. Repetiu várias vezes, entretanto ninguém respondeu. Foi andando com cuidado, receoso de ser uma emboscada. A escuridão era um empecilho, porém depois de alguns metros conseguiu visualizar alguma coisa no meio da estrada. Quando sentiu que estava junto do objeto, tirou o facão da cintura e deferiu um golpe, notando que o facão entrou macio. Quando ia baixar para verificar o que tinha cortado, chegaram as pessoas que saíram para descansar. Depois de ficar sabendo o que estava estendido no chão, o Jagunço reclamou do pessoal por ter deixado o corpo sozinho no meio da estrada, e também contou o que ele havia feito. Em seguida o jagunço e o cortejo fúnebre seguiram para Maracás. Antes de enterrar o morto, foram à delegacia registrar e inocentar o jagunço do que aconteceu. O delegado acatou a versão das pessoas, liberando tanto o jagunço como também o corpo para ser enterrado.

Como de costume, Osmar acordou neste dia muito cedo. Depois de tirar o leite das vacas e tomar café, foi para o quintal da sua casa fazer uma gaiola. Quando faltava apenas a parte da frente para concluí-la, o material utilizado acabou. Deixou a gaiola no local e foi à venda do seu pai buscar o que faltou para terminá-la. Uma doida que não saía da casa de Osmar e neste dia estava no quintal, aproveitou a ausência dele e destruiu a gaiola. Quando Osmar retornou com o material para terminar a sua obra de

arte, e viu aquela cena, começou a chorar... O Sr. Duca, quando ouviu o choro do filho, aproximou-se da porta que dava para o quintal e perguntou a ele o motivo do escândalo. Osmar contou o que a doida tinha feito. Seu Duca não pensou duas vezes, foi logo pegando o serrote que Osmar estava trabalhando e deu umas lapadas nas costas da doida. Ela correu para dentro da casa e tropeçou num veadinho de seis, meses que era criado com leite de cabra e de gado por D. Quinita. Muito zangada, a doida pegou o veadinho pelas penas suspendeu e jogou com muita força no chão, causando a morte instantânea do animal. Em seguida saiu rapidamente pela porta da frente. Quando a doida saiu, seu Duca fechou a porta. Passados uns dez minutos ele saiu à janela e conferiu se ela ainda estava por perto. Para sua surpresa a doida estava ao lado da porta com uma enorme pedra na cabeça. Então o Sr. Duca deu um grito e a doida assustada foi embora. Depois deste dia ela não andou mais na casa do pai de Osmar.

MARCIONÍLIO ANTONIO DE SOUZA

Coronel Marcionílio Antonio de Souza nasceu na cidade de Condeúba, alto sertão da Bahia em 30 de abril de 1858. Era casado com Francisca Meira de Souza (irmã de Zezinho dos Laços), com quem teve cinco filhos.

No ano de 1897, em Maracás pontificavam os ódios políticos, agravados pelas inimizades tradicionais entre famílias que, na luta pelo poder, aglutinavam-se em torno do “rabudo” Marcionílio Souza e do “mocó” José Antonio de Miranda. Assim sendo, enquanto Jequié permanecesse na condição de distrito de Maracás os reflexos de tais lutas, fatalmente, continuariam incidindo sobre a população, obrigada a tomar posição nos choques entre as duas facções que se alternavam na chefia do município.

No final de 1911, a luta entre os “rabudos” e os “cauaçus” se tornou mais acesa, mormente quando José, Marcelino e alguns camaradas mataram Zezinho dos Laços na Fazenda Rochedo, localizada próximo a Porto Alegre, hoje distrito de Maracás. Em represália, Cassiano do Areão e Marcionílio Souza, irmão e cunhado de Zezinho, respectivamente, prepararam-se para dar cabo dos casacos, já agora protegidos pelo chefe “mocó” Bernardino das Caraíbas.

Em 1919, o lançamento da candidatura de José Joaquim SEABRA ao governo do estado pela segunda vez, provocou uma série de conflitos em todo o interior da Bahia, a ponto de Horácio de Matos e Marcionílio Souza planejarem uma marcha sobre a cidade de Salvador. Trilhos da Estrada de Ferro de Nazaré foram retirados e a ordem só foi restaurada depois de um combate travado entre os jagunços de Marcionílio e as tropas policiais chefiadas por Mota Coelho nas proximidades de Santa Inês.

No segundo semestre de 1930, os conflitos entre jagunços se amiudaram de tal sorte que nada ficaram a dever aos tempos de Zezinho dos Laços.



Marcionilo de Souza

A exemplo de Horácio de Matos, Marcionílio Souza pertenceu àquela estirpe de coronéis que condimentavam o lado sangüinário e nefando do banditismo com um código de honra em que não faltava o respeito para com a família, a velhice e os humildes, merecendo por isso mesmo a obediência cega dos seus homens, que não conheciam outro chefe. Fruto de um meio hostil, que os obrigava a trazer clavinoteiros à sua sobra, foram os coronéis, por mais paradoxal que possa parecer, em certos e determinados momentos, um instrumento de estabilidade naquele ermo em que a lei escrita e a ação repressora da polícia se faziam demorada. Enquadrando-se nessa esquemática, Marcionílio Souza, cujo nome foi dado ao município outrora conhecido como Tamborí, mereceu e, prestou favores a governantes a ponto de, em algumas

ocasiões, os seus jagunços se misturarem com os próprios soldados. Seu ar patriarcal, suas longas barbas brancas, seu porte ereto sua voz firme e seu olhar penetrante infundiam respeito aos que dele se aproximavam.

No ano de 1930, as relações entre Marcionílio e o antigo canoeiro do rio das Contas Silvino Araújo, conhecido como Silvino do Curral Novo, foram boas até o momento que ele brigou com seu filho Tranquilino Antonio de Souza por causa de ocupação de terras.

Com o avançar da idade, Marcionílio se converteu numa espécie de conselheiro.

Marcionílio Souza e Tranquilino foram presos em Maracás, chegando a Jequié no dia 10 de novembro de 1930, onde foram expostos à execração pública.

Marcionílio Antonio de Souza morreu na cidade de Maracás em 09 de junho de 1943.

1. Entrevista de Salustiano Bernardo da Cruz.

Salustiano Bernardo da Cruz nasceu em Maracás – BA em 08/06/1920. Em Jequié, foi proprietário do Hotel Gruta Baiana, que ficava localizado na Praça Luiz Viana, onde hoje está edificada a Igreja Universal do Reino de Deus.

Conta o comerciante, mais conhecido como Saluzinho, que aos 12 anos, quando estava passando em frente à casa do Coronel Marcionílio, foi convidado para varrer sua residência que ficava no centro da cidade. Pelo trabalho, ele recebeu uma moeda de um tostão. De acordo Salu, o coronel era uma pessoa pacata e de fino trato. Gostava de vestir calças listradas e paletó de casimira, sempre aparecendo à corrente do relógio de ouro. Usava bengala e não portava arma na cintura. Para o aposentado, Marcionílio foi o chefe político mais importante da época, contribuindo por demais para o progresso de Maracás. Contou também, que o coronel era uma pessoa bondosa e gostava de ajudar os menos favorecidos. Quando solicitado pelas pessoas, autorizava a elas

comprarem alimentos na sua conta nos barracões ali existentes. Em outras ocasiões, ajudava moradores, doando todo o enxoval, quando da realização do casamento deles.

Disse que através do prestígio de Marcionílio junto ao governo do estado, conseguiu a construção das estradas que ligam Maracás a Tamborí, hoje Marcionílio de Souza e Maracás a Jaguaquara. Em seguida contou que como trabalhava para a empreiteira que fazia a estrada, olhando as panelas que faziam o almoço e carregando água para matar a sede dos operários, ganhando quinhentos reis por dia foi testemunha ocular de que o coronel acompanhava de perto as obras com o seu FORD-28, o primeiro automóvel a chegar a Maracás. O engenheiro da obra foi Dr. Eunápio de Queiroz e o encarregado o Sr. José Caboclo. Fala Salustiano, que Marcionílio conseguiu a construção do cemitério. Salu depois falou que com recursos próprios, o coronel alugava casas e contratava professores e professoras para educarem a comunidade.

Finalizou a entrevista relatando que Marcionílio residiu no centro de Maracás até o dia que foi preso. Depois de solto, passou a morar na fazenda Contendas de sua propriedade, que fica localizada próximo de Maracás, com vergonha do que aconteceu quando da sua prisão.

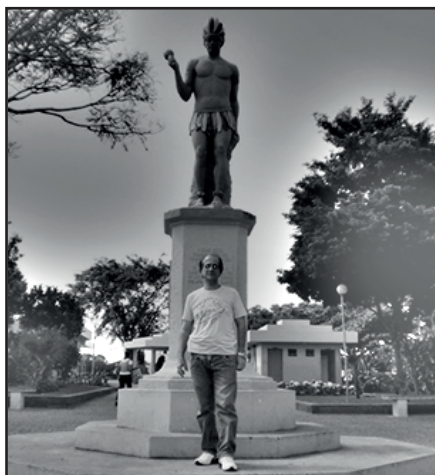
INVASÃO E SAQUE DE MARACÁS

Por causa do fascínio que tenho por tudo relacionado com a História de Jequié e região, constantemente estou pesquisando na internet sobre o assunto. Recentemente, por curiosidade, digitei no Google o nome de Marcionílio Antônio de Souza e pra minha surpresa encontrei uma preciosidade: “De tropeiro a coronel: ascensão e declínio de Marcionílio Antonio de Souza (1915-1930)”, dissertação apresentada por João Reis Novaes ao Programa de Pós-Graduação curso de Mestrado em História-UFBA. Nas 155 páginas do trabalho, ele descreve com muita competência, sabedoria, criatividade e o mais importante uma criteriosa pesquisa da História da qual relata. Dias depois, entrei em contato com o historiador e amigo Êmerson Pinto de Araújo e o emprestei uma copia do referido trabalho para que depois de lido, fizesse um resumo e publicasse na revista Cotoxó. Mas que justo por ser ele a pessoa mais conhecedora da história de Jequié. Assim aconteceu. Porém, mesmo considerando perfeito o texto do professor não fiquei satisfeito, pois um fato mencionado no trabalho e que até aquele momento era para mim e também para Êmerson desconhecido, teria que ser divulgado na sua íntegra para tornar conhecido para muitos outros habitantes de Jequié, Maracás e demais municípios da região.

Assim conta João Reis Novaes este fato:

“Para melhor compreender o desencadear dos acontecimentos que serão abordados, torna-se importante compreender o cenário político de Maracás em princípios de 1915, quando, por ser momento de eleições para a Intendência Municipal, os ânimos dos integrantes dos Rabudos e Mocós estavam à flor da pele. Os dois grupos lançaram mão dos mais violentos métodos para conquistarem o controle do Executivo municipal. As ruas de Maracás transformaram-se em palco de combates constantes entre as duas facções, que as povoavam com as suas hordas de jagunços. Chefiando os defensores dos interesses dos Mocós, além do Coronel

José Antônio de Miranda, estavam José Miranda Rebouças, que recebia a alcunha de Juca Rebouças, e o presidente do Conselho Municipal, o rábula Nestor Sá. Os Rabudos eram chefiados pelo Coronel Marcionílio Souza e por seu correligionário e amigo João Isaías dos Santos.



Maracás

Nesse clima de instabilidade, tendo as ruas de Maracás como cenário, os jagunços das duas facções, volta e meia entravam em atrito uns com os outros. O resultado era a troca de tiros, os espancamentos e os assassinatos, o que deixou a população bastante apreensiva. As investidas de ambos os grupos era uma tentativa de intimidar ou, ao menos, demonstrar ao seu oponente que possuíam meios para resistir ou desarticular as suas manobras e deixar claro que havia uma oposição e que essa oposição deveria ser respeitada e temida. Isso vem, mais uma vez, confirmar que as diferenças e os interesses de cada facção tornavam-se mais evidentes em períodos eleitorais, reforçando também a constatação a respeito da importância do controle dos cargos políticos e ad-

ministrativos na luta pelo poder.

O auge do conflito entre os Rabudos e Mocós ocorreu quando o segundo grupo, por não possuir homens em armas o suficiente para fazerem frente aos jagunços do primeiro, resolveu estabelecer alianças com os Cauaçús para combaterem o inimigo comum. De acordo com Vicente Silva Fróes, em carta publicada pelo *Jornal A Tarde* em julho de 1915, o Coronel José Antonio de Miranda reuniu-se com os irmãos José Olímpio e Eduviges Cauaçu no Povoado de Tamburi, com o objetivo de materializar ações que enfraquecessem o poderio dos Rabudos. Assim, o Coronel teria contratado os Cauaçús pela quantia de seis contos de réis para que estes enfrentassem e derrotassem o exército de jagunços que ocupava as ruas de Maracás, comandado por homens da confiança do Coronel Marcionílio Souza. Incentivados pelo fato de serem os Rabudos inimigos comuns, os Cauaçús invadiram a Cidade de Maracás na manhã de 24 de outubro de 1915.

A invasão perdurou por quarenta e oito horas, com fogo cerrado. Os moradores tiveram que abandonar a cidade para escapar do tiroteio estabelecido entre os homens do Coronel Marcionílio Souza e os Cauaçús. O comércio foi saqueado, as casas invadidas, suas paredes foram perfuradas para facilitar as manobras dos invasores durante os combates. Vejamos como o fazendeiro Vicente Silva Fróes narrou a invasão de Maracás pelos Cauaçús, em uma carta publicada na época pelo jornal *A Tarde*:

[...] munidos de repetições e Mauser, fizeram o primeiro ataque em a manhã de 24 de outubro de 1915, bombardearam a cidade e roubaram aos pequenos comerciantes, a particulares e até as pobres viúvas. Terminando este ataque que durou 48 horas de fogo cerrado, dirigiu-se o senhor Amando de Miranda Lacrose para o Arraial de Morros, com avultado número de tais bandidos, praticando ali as maiores torpezas, terminando por obrigar a retirada imediata de todos os comerciantes e particulares que lhe não era afeiçoados [...].

O que motivou tal empreitada foi o desejo de demonstrar ao Governo estadual, a necessidade de uma intervenção, evidentemente em favor dos Mocós, já que o grupo de Marcionílio Souza estaria revelando a sua incapacidade de manter a “ordem e tranquilidade” em Maracás. Ademais, a ação dos Cauaús poderia ser vista como resultado das inimizades pessoais do chefe dos Rabudos e não como uma manobra que pudesse garantir, aos Mocós, o controle das instituições políticas e administrativas do município. Essa estratégia de criar um clima de instabilidade que levasse o Governo a intervir nos conflitos locais foi muito comum ao longo da Primeira República, não só na Bahia, como ocorreria durante o Levante Sertanejo em 1919/1920, mas no Brasil como um todo.

A partir de então, o clima de intranquilidade exacerbou-se em Maracás e região, o que levou, segundo o jornal *A Tarde*, o Promotor Público João Estáquio de Oliveira Porto, a retirar-se de Maracás quatro dias após a sua chegada, alegando falta de segurança para o desempenho das atividades pertinentes ao seu ofício. O promotor teria se dirigido à Salvador, com o objetivo de informar ao Secretário de Polícia do Estado a situação de desordem em que se encontrava aquela região, para que, a partir daí, o Governo pudesse tomar as providências cabíveis para restabelecer a “ordem.” No dia 06 de novembro de 1915, através de carta publicada no *Jornal A Gazeta do Povo*, o bacharel João Porto, possivelmente por questões políticas, negou ter fugido de Maracás, afirmando que a sua partida para a Capital fora motivada por complicações em sua saúde e não por fugir dos conflitos internos. No entanto, não negou o clima de instabilidade instaurado no município, atingido pelos confrontos entre os Rabudos e os Mocós.

Como era de costume na época, sempre que os conflitos entre as facções políticas afetavam a normalidade do sertão, a sociedade baiana e o Governo estadual eram convocados a intervir nas questões locais. Indivíduos que estavam ligados, direta ou indi-

retamente, a uma das partes envolvidas na contenda, e que de alguma forma entendessem ser proveitoso sensibilizar a opinião pública por meio de jornais e impressos – atingindo assim um maior contingente de pessoas em diversas regiões, ainda que esses chegassem aos destinos com algum tempo de atraso – dirigiam-se à Capital e descreviam tendenciosamente os rumos que esses conflitos estavam tomando e as suas possíveis consequências para a comunidade local.

Essa atitude pretendia, por vezes, apresentar as ações dos membros do grupo rival como perniciosas aos habitantes da região afetada pelos conflitos e como uma afronta à “ordem” estabelecida pelas instituições do Estado republicano. Além de tentar atrair, para o lado do denunciante, a opinião pública, objetivava induzir o Governador a intervir nos confrontos locais, preferencialmente do lado do grupo que promovia a denúncia. Era, portanto, mais uma forma de enfraquecer, já que não tinha conseguido por meio do confronto direto, o poderio da facção adversária.

De acordo com essa lógica, logo após a investida dos Cauaúis sobre a Cidade de Maracás, o Coronel Marcionílio Souza dirigiu-se a Salvador com o intuito de denunciar a aliança estabelecida entre o chefe dos Mocós e os líderes da família Cauaçu. Assim, no dia 12 de novembro de 1915, em conferência com o Governo Seabra no Palácio Rio Branco, Marcionílio relatou a investida dos aliados dos Mocós a Maracás. Segundo o *Jornal A Tarde*, o Coronel teria sido ameaçado de morte pelo rival José Antônio de Miranda, o que o levou a pedir providências ao Governador para evitar que isso viesse a ocorrer. Respondendo a este pedido, Seabra “[...] prometeu ao Coronel de falar com o Chefe de Polícia, onde este passou um telegrama (sic) ao Sr. José Antônio responsabilizando-o pelo que vier acontecer ao Coronel Marcionílio”.

Durante a conferência entre o Governador do Estado e o Coronel Marcionílio Souza, quando este relatou os acontecimentos de Maracás no dia 24 de outubro de 1915, o Deputado Cândido Villas Boas teria defendido o chefe dos Mocós, afirmando que

ele era um homem de bem, incapaz de praticar atos que viessem a perturbar a paz daquela Cidade. É possível que este Deputado tenha sido um dos articuladores da nomeação do Coronel José Antônio de Miranda para ocupar a Intendência de Maracás durante os anos de 1916 e 1917. Quem também saiu em defesa de Miranda, então presidente do diretório do Partido Republicano Democrata em Maracás, Coronel José Antônio de Miranda, foi o órgão de imprensa desse partido, o jornal Gazeta do Povo, que assegurava ser esse coronel um homem estimado e de caráter inquestionável quer como particular ou homem político.

RABUDOS X CAUAÇUS

Versão de Osmar Marques da Silva e Laura Angélica da Silva, netos de José Marques da Silva (Zezinho dos Laços), para os fatos que aconteceram antes e depois da sua morte.

No ano de 1911, os “rabudos” (nome dado aos seguidores da família de José Marques da Silva) e os “cauaçus” (nome dado aos seguidores de José Cauaçu), viviam em harmonia, mesmo sendo adversários políticos, no arraial de Porto Alegre, situado a 66 Km de Maracás.



*Os Rabudos: Cassiano Marques da Silva
Cassiano do Areão - Mariano Coxo -
Lucas Nogueira - Marcionílio Souza - José Marques da Silva)*

A paz entre as famílias durou até um determinado dia, quando jagunços e populares bebiam numa venda da localidade. Próximo dali, vinha um jagunço de Zezinho dos Laços montado em uma mula, quando repentinamente surgiu uma porca que ao atravessar a rua, foi atropelada pelo seu animal. A porca morreu e, por estar na hora de dar cria, os filhotes tiveram o mesmo fim. O fato causou um grande desentendimento entre o dono da porca, o qual pertencia à família dos “cauaçus” e queria receber a indenização pela perda do suíno, e o jagunço, que não aceitou os argu-

mentos apresentados. Depois de muita conversa e interferência dos amigos das partes, os ânimos foram acalmados, mas ficaram as promessas de vingança.

No outro dia, quando o jagunço de Zezinho dos Laços foi pegar a mula no mangueiro, encontrou-a morta. Sinais de perfuração de bala foram verificados na região da cabeça. O jagunço não fez nenhum comentário, apenas retirou as quatro ferraduras da mula e colocou na capanga. Três dias após o ocorrido, o proprietário da porca foi encontrado morto com as quatro ferraduras no pescoço.

A partir deste dia começou a desavença entre os “rabudos” e os “cauaçus”, devido a estes entenderem que o mandante do crime teria sido Zezinho dos Laços, mesmo ele tendo afirmado não ter participação no assassinato. Declarações da família dos “cauaçus” eram de que vingaria a morte do seu familiar e o alvo era o suposto mandante, José Marque da Silva.

Não acreditando e não temendo as ameaças, Zezinho dos Laços viajou para Volta dos Meiras (atualmente Catingal), em companhia de Lucas e de um dos seus capangas, para resolver assuntos pessoais. Em Volta dos Meiras, ele foi avisado pelo seu compadre Dozinho de que seria emboscado. Zezinho dos Laços respondeu que “moleque não mata homem”.

No mesmo dia, quando retornavam para Porto Alegre, por volta de 5h da tarde, próximo da fazenda “Rochedo”, de propriedade de Cândido Alves, depois de atravessar em um riacho ali existente e subir uma ladeira, aconteceu a emboscada.

Os tiros disparados foram direcionados unicamente para Zezinho dos Laços. O Chefe dos “rabudos” foi alvejado com vários tiros de repetição 44 papo amarelo, e o seu animal assustado, bateu em retirada. Não houve reação da parte dos amigos de Zezinho dos Laços, pois eles não acreditavam que seriam emboscados, e em consequência disso as suas armas estavam nos arreios das mulas. A alternativa deles naquele momento foi fugir para Catingal.

Zezinho dos Laços foi socorrido por Cândido Alves e seu filho Elpídio, que ficaram sabendo do ocorrido porque a mula preta de Zezinho dos Laços foi parar na fazenda “Rochedo” sem o seu dono.

Os autores dos disparos perseguiram os amigos de Zezinho dos Laços até a fazenda “Rochedo” e montaram um cerco no local. Somente foram embora depois da meia-noite, quando ouviram o santo ofício entoado pelos familiares que anunciava a morte de José Marques da Silva. Depois de se certificarem de que os jagunços haviam saído, Elpídio Alves foi a Porto Alegre avisar aos parentes. Ficaram na fazenda velando Zezinho dos Laços: Cândido Alves, sua esposa Joana Alves Meira e suas filhas Florinda Meira, Leonilha Meira, Rita Meira e Ana Meira. No dia seguinte, Zezinho dos Laços foi levado e sepultado em Porto Alegre.

Imediatamente depois da sua morte e enterro, começaram as investidas dos “rabudos” para vingarem Zezinho dos Laços. Com apoio da polícia e ajuda de Marcionílio Antônio de Souza, influente chefe político em Maracás, Cassiano Marques da Silva e seus sobrinhos Rodolfo Marques da Silva e Randulfo Marques da Silva passaram a perseguir o mandante e todos os envolvidos no assassinato.

Dias depois foi morto nos arredores de Porto Alegre na fazenda “Fedegoso” onde estava escondido, Manoel Cauaçu, que no momento do cerco dos “rabudos” e policiais estava saindo da casa com um jornal, quando foi surpreendido com os disparos feitos pelos adversários.

O seu irmão José Cauaçu, o mandante do crime, não foi encontrado, porque tinha fugido com seus familiares. Tomando conhecimento da fuga, Cassiano e sobrinhos, designaram dois jagunços com a missão de matar o chefe dos “cauçus” e trazer a prova do crime.

Depois de várias investigações feitas em fazendas, eles foram informados de que havia passado uma família com destino a Bom

Jesus da Lapa. Na região próximo ao destino da família, foi montada uma emboscada pelos dois jagunços de Zezinho dos Laços, que conheciam bastante José Cauaçu. No final da caravana vinha o chefe dos “cauaçus” e no cabeçote da sela sua filha caçula. No tiroteio ele foi alvejado por vários tiros que somente a ele atingiram, nada acontecendo a sua filha. Como prova do assassinato, os jagunços deceparam as duas orelhas de José Cauaçu para entregar aos familiares de Zezinho dos Laços.

Não satisfeitos com a morte de José Cauaçu e seu irmão, os familiares de Zezinho dos Laços passaram a perseguir todos os envolvidos na morte do seu chefe. Muitos jagunços dos “cauaçus” e familiares foram mortos e outros levados presos para Boa Nova.

É importante salientar que da família dos “rabudos”, apenas morreu Zezinho dos Laços.

Outro detalhe importante, contado por Osmar Marques da Silva, neto de Zezinho dos Laços, ocorreu no ano de 1939, quando depois do casamento de Laura Angélica da Silva sua irmã em Caldeirão de Miranda, ele e seu pai foram levá-la a Itagi e ali sua irmã sentiu-se mal e foi socorrida por uma pessoa que mais tarde seu pai, Randulfo Marques da Silva, filho de Zezinho dos Laços, lhe apresentou como sendo a filha de José Cauaçu, aquela mesma que estava no cabeçote da sela do animal no dia em que ele foi morto. A idade dela na época era de aproximadamente 25 anos.

NO RASTRO DE LAMPIÃO

De férias na cidade de Antas – BA, sempre gostava de conversar com o meu sogro Aurelino Félix de Souza. Sabendo da minha curiosidade sobre a história de Lampião, o Sr. Lelo, como era mais conhecido, me contou na ocasião um fato ocorrido na sua infância, quando da passagem do “Rei do Cangaço” naquela cidade. Mesmo não dando o crédito merecido, escrevi um texto sobre o assunto intitulado “Um Dia Diferente”. Chegando a Jequié enviei o texto para Domingos Ailton publicar na revista Cotoxó. Para minha surpresa, um dia quando adquirir a revista na Banca de Antônio, o texto havia sido editado. Recentemente, após a leitura de alguns livros sobre a história de Lampião, entre eles “Lampião O Cangaceiro!” de autoria de João de Souza Lima que mora em Paulo Afonso – BA fiquei sabendo mais detalhadamente da vida do “Terror dos Sertões”, do cangaço na região, dos coronéis baianos, do Raso da Catarina e principalmente de várias citações do município de Antas. Também mantive contato telefônico com o autor do livro, contei o fato, tirei algumas dúvidas relacionadas com os seus escritos e enviei o texto para ele publicá-lo no seu blog. Posteriormente o escrito foi publicado, com certeza dando o autor do livro, crédito a veracidade do fato, devido suas pesquisas e o seu grande conhecimento do referido assunto.

No dia vinte e três de dezembro deste ano, fui com familiares novamente a região onde passou Lampião. Inicialmente uma parada em Caldas do Jorro – BA, para visitar a praça onde os turistas tomam banhos nas águas medicinais e em seguida comer o tradicional carneiro assado, acompanhado de farofa molhada e sobremesa de doce de leite, uma especialidade dos restaurantes daquela cidade. Prosseguimos a viagem, passando por um entroncamento, que vai para as cidades de Tucano e Euclides da Cunha. Neste cruzamento mudamos de direção e seguindo passamos nas cidades de Ribeira do Pombal, Cícero Dantas e finalmente no final da tarde chegamos ao município de Antas, terra

de Maria José minha esposa, onde passamos dez dias. Durante este tempo, mantive contatos com Raniere Nilo, Edy Nilo, Luciano Félix, pessoas também interessadas na história do cangaço, para dialogarmos os assuntos contidos nos livros: “Lampião em Paulo Afonso”, “Lampião em Sergipe” e “Lampião O Cangaceiro”, que levei para conseguir encontrar os locais onde Lampião passou naquela região.

Durante cinco dias consultei e analisei valiosos subsídios daqueles moradores e também curti o clima agradável das noites da cidade de Antas. Abastecido destas informações, no dia 28 de dezembro, no carro de Afonso Santana, motorista experiente e conhecedor de toda região, acompanhado de Maria José Félix Meira, minha esposa e sua irmã Aniralda Félix, pela manhã cedinho seguimos viagem no “Rastro de Lampião”. Ouvindo as músicas de Lindomar Castilho, chegamos à cidade de Sítio do Quinto, mencionada também no livro como sendo o local do primeiro encontro de Lampião e o Coronel João Sá. Conhecemos e registramos através de fotos alguns locais principais da cidade, entretanto após verificar que a fazenda citada ficava em outra região, próximo de Jeremoabo, cidade com a maior área territorial naquela região, particularidade que contribuiu para compreender o porquê da proximidade das cidades e a localização correta da fazenda.

Seguimos viagem, agora através de uma bem cuidada estrada de terra, caminho certamente percorrido na época pelos cangaçeiros com destino ao município de Jeremoabo. Durante a viagem contemplamos uma região que predomina a caatinga, portanto, região com pouca água e vegetação, pouca fazenda, onde somente existem plantações de palmas, alimento dos animais, na sua maioria muito magros. Na rota, passamos por dois lugarejos pequenos, porém com aparência de bem cuidados pelos poderes públicos que administram aquele local. Paramos poucos minutos para saber de moradores do povoado o caminho correto para Jeremoabo, em seguida deixamos a estrada principal e através de ca-

minhos estreitos feitos para a locomoção dos proprietários das fazendas, na maioria pouco habitada, deste modo local difícil para obter informações para encontrar os locais citados nos livros de João de Souza Lima, mesmo com toda a experiência de Afonso o nosso guia. Nem mesmo os passados quase 40 anos quando estive na região, fez Afonso perder a confiança e desistir de encontrar as Fazendas Caritá e Abobreira.

Repentinamente, o nosso guia demonstrando muita alegria, falou que aquela local onde estávamos naquele momento era a entrada para a Fazenda Caritá. Dois motivos o levaram supor ter encontrado a propriedade que foi do Coronel João Sá. O primeiro devido à mudança da vegetação e o segundo a visualização do minadouro, detalhe considerado por Afonso determinante para encontrar aquela propriedade. Deixamos Maria José e Aniralda tomando conta do carro e seguimos um caminho estreito e deserto, porém uma região completamente diferente, onde predominava o verde, a existência de muitas árvores frutíferas como: mangueiras, coqueiros e capim em abundância. Passamos pelo minadouro, jorrando água, fator da mudança repentina da vegetação daquelas terras. No caminho também encontramos duas motos, me levando a pensar ser assaltantes e pedir a Afonso para voltarmos, porém não atendeu o meu pedido, dizendo que teríamos que seguir, pois logo encontraríamos a Fazenda Caritá. Um pouco afastado do caminho, vimos algumas pessoas tirando frutas, tentamos contato, entretanto fugiram mata adentro. Continuamos a caminhada sempre subindo uma ladeira, motivo que cansei e gritava Afonso que sumiu entre altos cipós, que formavam um túnel. Minutos depois, ouvi gritos dele informando que havia encontrado a fazenda e juntos contemplamos com felicidade o local procurado. Desde que chegamos à localidade e depois de encontrá-la, entendemos que devido possuir água abundante, alimentação, esconderijo natural, foram os motivos da escolha daquele local para um dos maiores coitos do grupo de Lampião.



Casa da Fazenda Caritá que pertenceu ao Coronel João Sá, um dos maiores coitos de Lampião e seu grupo.

Na Fazenda Caritá que hoje é um assentamento de “Sem Terras”, existe um escombros, que entendemos ser a antiga casa onde ficou Lampião e seu grupo e do lado uma antiga e grande casa, aparentemente bem cuidada, porém na ocasião sem habitantes para dar informações. Registramos este importante momento com muitas fotos, como também tudo o que ocorreu no caminho anteriormente. Com semblantes de crianças depois de ganhar presentes no dia de Natal, retornamos rápido para o local que deixamos o carro, onde encontramos minha esposa e sua irmã desesperadas e gritando, preocupadas com a nossa demora. Sobre o ocorrido nesta localidade, quando cheguei a Jequié e consultei novamente o livro de João de Souza Lima, verifiquei que o escritor falava que o local que julguei ser a casa antiga do Coronel era um local onde tinha um dos maiores engenhos da região e nele possuía uma portentosa almanjarra que produzia rapadura, alfenins e garapa. Como fiquei com desconfiança qual seria a verdadeira casa que estive Lampião, mantive contato através de e-mail com o escritor que gentilmente respondeu e tirou a minha dúvida. “A casa lateral ao engenho é a casa do Barão e que depois

foi do coronel João Sá e a casa que Lampião andava, fica mesmo lateral a almanjarra é quase que auto-explicativo, pois não vi outra casa sem ser essa não, com estrutura pra ser um casarão tão importante”. Deixamos aquele oásis no sertão e continuamos no “Rastro de Lampião”, retornando ao ambiente anterior de região muito seca e predominantemente de caatinga.

No roteiro traçado por Afonso, o nosso próximo alvo seria encontrar a Fazenda Abobreira, que ficava na mesma região, patrimônio onde também passou Lampião e seu grupo. Com os mesmos problemas de locomoção dos estreitos caminhos anteriormente encontrados, de parar em duas propriedades para pedir informações, entretanto sem as mesmas dificuldades para achar o primeiro local, chegamos às terras do “Nilo”, terras que também possui um minadouro, porém com ambiente característico da caatinga. No local onde ficava a casa onde Lampião passou, hoje existe outra grande e bem cuidada sede, onde mora o encarregado, ausente no momento, sua esposa e sua filha, que cordialmente nos receberam. O local é todo bem cercado, possui currais, bastante água e alimentação para uma grande quantidade de saudáveis animais. A Fazenda Abobreira hoje pertence ao Deputado Estadual Marcelo Nilo. Depois de registramos com fotos a fazenda e seus moradores, tomamos água, descansamos um pouco da longa, cansativa viagem e prosseguimos para a cidade de Jeremoabo para conhecer a Fazenda Espaduada, último local projetado do nosso roteiro no “Rastro de Lampião”. Na cidade de Jeremoabo – BA, onde o cangaço foi destaque na Bahia, chegamos próximo das 12h. Depois dos abraços o almoço logo foi servido. No almoço comemos uma deliciosa galinha caipira, acompanhada de outros pratos de variadas comidas também muito saborosas. Doce de Mamão, Goiaba, Banana, Caju, suco de Uva e Caju foi à caprichada sobremesa servida por Maria José. Depois muita conversa, fotos e um merecido descanso.

Na parte da tarde, conduzido por Afonso nosso motorista e acompanhado por Maria José (Bazé), prima de minha esposa, fo-

mos conhecer a Fazenda Espaduada que pertenceu ao Coronel João Sá, localizada na zona urbana da cidade. Após autorização de um senhor que reside em uma casa na fazenda, percorremos a pequena área que fica uma bela casa sede, porém totalmente abandonada. Além da sede, uma casa onde moravam os empregados, uma grande árvore e junto dela uma banheira, provavelmente um dos utensílios da casa e uma capela completamente em ruínas. Infelizmente não conseguimos entrar na casa sede da fazenda, entretanto registramos a visita através de fotos. Depois de uma viagem bastante proveitosa, onde visitamos parentes queridos e passamos nos lugares onde esteve o “Rei do Cangaço”, retornamos para a cidade de Antas, deixando programada outra viagem com Maria José para no final de 2017, ocasião que visitaremos as localidades de Malhada de Caiçara, o Raso da Catarina e a Grota de Angico, local onde morreu Lampião e dez cangaceiros, incluindo sua esposa Maria Bonita.



**O CONTADOR DE HISTÓRIAS
OSMAR MARQUES DA SILVA (NETO DE ZEZINHO
DOS LAÇOS)**

Após a leitura de “Capítulos da História de Jequié”, livro do escritor Emerson Pinto de Araújo, Charles Meira ficou sabendo que era bisneto de José Marques da Silva, o famoso “Rabudo” Zezinho dos Laços.

A descoberta motivou Charles Meira a pesquisar sobre o assunto para conhecer profundamente a história da família do seu avô Randulfo Marques da Silva. Osmar Marques o filho mais achegado de seu Duca, como era mais conhecido, sabedor e exí-

mio contador de histórias relacionadas aos acontecimentos da época de seu avô Zezinho dos Laços, foi o membro escolhido para representar a família e contar para o seu sobrinho a versão deles dos contagiantes fatos históricos ocorridos no século passado.

Próximo do aniversário de Osmar Marques da Silva, Charles Meira presta uma homenagem ao contador de histórias, relatando nesta matéria a sua caminhada durante os seus 92 anos de vida.

Osmar Marques da Silva nasceu em 13 de julho de 1925 em Porto Alegre, distrito de Maracás – BA. Filho de Randulfo Marques da Silva, nascido também no distrito de Porto Alegre – Maracás - BA e Florinda Meira da Silva, nascida na Fazenda Rochedo – Manoel Vitorino – BA e tiveram 08 filhos.

O menino foi criado pelos pais e familiares com muito carinho no pequeno lugarejo cortado pelo Rio de Contas.

Quando completou 06 anos de idade iniciou os estudos e aprendeu a ler e escrever. As aulas aconteciam na casa da sua madrinha a professora Otilia Silva, segunda esposa de José Marques da Silva (Zezinho dos Laços), ministrada para vários alunos nos períodos matutinos e vespertinos. Em seguida a família foi morar em Maracás. Com aproximadamente 10 anos de idade, Osmar que era torcedor do Flamengo continuou os estudos em uma escola particular daquele município, onde era muito estudioso, destaque na sala de aula, pois era sempre aprovado e o escolhido para recitar poesias em vários locais pela professora Carmélia Mariniello.

A família morou pouco tempo em Maracás. No retorno para o distrito de Porto Alegre, o menino estudava pela manhã e começou a trabalhar no período da tarde na venda do seu pai. Nesta época às vezes Osmar também apanhava de palmatória, quando o desobedecia. Divertia tomando banho e pescando com vara de anzol no Rio de Contas, jogava bola à noite com os amigos e participava das festas no final de semana, onde tocava violão e

namorava bastante.

Osmar no mesmo período comprou uma canoa, embarcação que usava para transportar pessoas diariamente no Rio de Contas. O jovem apesar de ter aprendido a profissão, remava somente quando o canoeiro contratado faltava o serviço. Nesta mesma ocasião, com autorização do seu pai comprou um revólver 32, porém somente podia ir para as festas com a ordem do velho e acompanhado por Paulo, funcionário dele, devido à fama de brigão que tinha o seu filho.

Com quase 20 anos de idade, Osmar resolveu trabalhar por conta própria. Montou uma venda de gêneros alimentícios e com o dinheiro que ganhava no negócio ele começou a comprar animais, os quais eram criados em terras alugadas e na propriedade do seu genitor. Posteriormente fechou o comércio e voltou a trabalhar na venda do seu pai e a viajar para Jequié, onde vendia e comprava gêneros alimentícios e pele de couro de animais. A viagem era feita com uma tropa formada por 10 animais, guiada por Osmar, montado em uma mula ou cavalo e dois tropeiros andando, percurso realizado normalmente em três dias.

Nos finais de semana durante o período de descanso merecido do trabalho, Osmar às vezes ia passear na cidade de Maracás e ficava na residência do seu tio Rodolfo. Em uma destas viagens, ocasionalmente encontrou com seu primo José Marques, que morava em Feira de Santana – BA, onde trabalhava em uma loja de tecidos. Os jovens passaram os dois dias curtindo a bela e fria cidade, seus familiares, os amigos e as bonitas garotas maracenses. Antes de retornar para Porto Alegre, Osmar foi convidado por José Marques para morar e trabalhar em Feira de Santana. Com aproximadamente 22 anos de idade, no final da década de 40, autorizado pelo seu pai foi com o primo morar em feira de Santana.

Inicialmente trabalhou na loja de seu primo chamada “Flor de Liz”. Trabalhou a seguir no caminhão de José Marques como

fiscal do motorista e pela tarefa realizada recebia uma gratificação. Depois optou em trabalhar de Balconista na Loja Santa Branca, ganhando salário mínimo e carteira assinada, durante o período de cinco anos.

Na cidade de Feira de Santana, época que era solteiro, Osmar passou a torcer pelo Fluminense de Feira, era sócio do clube Feira Tênis Clube, visitava o meretrício e namorava muito, porém sem compromisso.

Posteriormente preferiu trabalhar de Balconista nas Lojas Pernambucanas, onde além do salário, recebia uma comissão de acordo o que vendia e além disso o seu primo também era funcionário da empresa. Após este emprego, Osmar foi convidado e aceitou gerenciar a loja de Antônio Cabral na cidade de São Gonçalo dos Campos – BA e posteriormente em 1960, quando a empresa transferiu-se para a cidade de Tanquinho – BA.

Naquele local, sua nova morada, comia no hotel e dormia em uma república. A primeira pessoa que conheceu foi Alberto, filho de Edgar Brandão, apresentado pelo dono da loja. Em seguida conheceu todos os homens da família. Osmar havia deixado uma namorada em Feira de Santana, entretanto a distância encarregou-se de acabar com o namoro. Em Tanquinho levou quatro anos sem namorar. Certo dia conheceu na loja onde trabalhava uma jovem chamada Dagmar, filha de Edgar Brandão, levada ao local por algumas meninas conhecidas dele. Aconteceu nesta mesma ocasião uma festa na cidade e Osmar namorou uma enfermeira chamada Mercedes e ficou correspondendo com a moça que morava em Salvador. Como a sua namorada era amiga de Dagmar, pedia através de cartas para tomar conta de Osmar. O envolvimento de Dagmar com o recebimento destas correspondências da sua amiga Mercedes, contribuiu para começar o namoro com Osmar, mesmo escondido, pois o pai dela não permitia. Depois de um ano de namoro Osmar mandou uma carta para Edgar Brandão pedindo sua amada em casamento. O pedido foi negado e Osmar decidiu morar em Salvador na casa do seu tio

Rodolfo Marques, entretanto continuou correspondendo com Dagmar.

Na capital, o seu primo Joel Marques conseguiu de início para ele um emprego de Balconista na loja de tecidos Pirangi. Depois trabalhou na COTEL, outra loja de tecidos também como Balconista e em seguida como viajante.

O divertimento dele nos finais de semana era nas praias, festas, futebol na Fonte Nova para torcer pelo time do Vitória e cinema sempre acompanhado por Joel, Juarez e Jurandir.

Durante o tempo que passou em Salvador, continuou namorando escondido com Dagmar e aprontando para casar. No ano de 1961, com o consentimento de Edgar Brandão e de sua esposa Noélia, casou-se com sua amada Dagmar, foi novamente morar em Feira de Santana e tiveram três filhos.

Hoje é viúvo, aposentado, tem seis netos, uma bisneta e continua contando histórias.

AS VIAGENS

Osmar, acompanhado de dois tropeiros, constantemente realizava viagens de Porto Alegre a Jequié, levando peles de couro para comercializar naquele município.

O percurso tinha quatro jornadas. Quando dava 16h, onde estivessem paravam para fazer o arroz com carne para o jantar, e uma feijoada para o dia seguinte. Acampavam na beira da estrada, e os animais colocados em mangas de fazendeiros próximos do local. Dormiam nos couros que cobriam as mercadorias.

Por ocasião de uma dessas viagens, quando já estavam acampados, por volta das 19h apareceu um camarada pedindo uma dormida. Alegou muito cansaço e falta de lugar para repousar. Osmar ficou com pena do indivíduo e mandou que os tropeiros dessem um couro para ele deitar. Na manhã seguinte, quando acordaram, perceberam que o camarada já havia ido embora e para surpresa deles tinha levado o caldeirão com a feijoada. Naquela altura nada puderam fazer.

O tempo passou, e continuaram fazendo as viagens que sempre tinham o mesmo percurso. Alguns meses depois daquele inesquecível fato, encontravam-se arranchados perto de Jequié, quando chegou outro camarada pedindo dormida. Alegava que estava com medo de viajar durante a noite. Imediatamente lembraram do ocorrido tempos atrás. Osmar, que estava sentado tomando café, levantou-se e falou para o homem que somente poderia dar-lhe dormida, com a condição dele dormir amarrado, e ao mesmo tempo explicou as razões que o levava a tomar aquela atitude.

Prontamente foi aceito, e eles o amarraram e jogaram no couro estendido no chão. Quando foi bem cedo, acordaram com os gritos do indivíduo pedindo que fosse solto. Os tropeiros desamarraram o hospede, e desejaram a ele uma boa viagem.

Desta vez, Osmar e os tropeiros encheram as barrigas de feijoada e seguiram para Jequié.



Maria Leticia - Neta de Zezinho dos Laços

ANDANDO COM MINHA MÃE MARIA LETÍCIA

Na matéria deste mês presto uma homenagem a neta de José Marques da Silva (Zezinho dos Laços), Maria Letícia da Silva Meira, minha querida mãe, que completa no dia 08 de dezembro 90 anos de idade, a pessoa mais importante da minha vida.

Todos os dias pela manhã faço minha caminhada. O percurso começa no Alto do Funil no Bairro do Jequiezinho e termina no Bairro do Campo do América, próximo ao Hospital Prado Valadares, onde fica a casa da minha mãe Maria Letícia.

Ali chegando bato na porta e na maioria das vezes sou recebido por ela. Sempre sorridente logo fala: “pela batida sabia que era você”. Brinco com ela e digo que é mentira. Levanta a mão como se fosse me bater e com outro belo sorriso diz: “entra logo menino”. Dou a bênção, em seguida um beijo, um cheiro e um abraço bem apertado e dela uma resposta imediata: “Deus te abençoe”. Em seguida peço a ela para calçar o sapato, pentear o cabelo e passar o batom para rapidamente sairmos, pois o sol já está lá em cima. Letícia fala sorrindo: “você não esquece o batom”. Pergunto também se fez xixi, tomou café, o remédio, confiro se a roupa dela está adequada, estando tudo correto, vamos andar. Segurando na sua mão descemos os degraus existentes depois da porta. Antes de iniciar a caminhada pergunto também se Marli sua sobrinha e filha de criação estiveram na noite anterior com ela, se Regina sua sobrinha, Darcy sua prima e Tomaz meu irmão ligaram. Depois de ela responder negativamente escolhe o local, porque por Letícia sempre vamos visitar Marli.

A primeira caminhada da semana é feita para o lado do antigo Instituto de Educação Régis Pacheco, próximo da casa de Marli. Mainha vai reclamando que Marli tem muito tempo que aparece na sua casa. Provoco-a dizendo que não vai falar e ela diz: “você vai ver se eu não falo”. Sorrindo concordo e falo para não ir mais lá. Tudo isso acontece porque ela foi diagnosticada que tem o mal

de Alzheimer. Quando atravessamos cuidadosamente a Avenida Rio Branco, Letícia queixa que o sol está quente e passamos para o lado que tem sombra. Na sombra diz que está fazendo frio e reclama da falta do capote. Quando chegamos à Praça Miguel Bahiense ela admira uma planta que brota flores amarela e que dei o nome de Letícia em sua homenagem, porque gosta de flores. Perto do Posto de Saúde Municipal reclama que a casa de Marli é muito longe e aquela é a última vez que vai visitá-la. Na praça no fundo do posto pede para descansar por alguns minutos.

Chegando à casa de Marli, local que gosta de ir porque toma um café reforçado, dizendo ser em homenagem a seu Manezinho e nunca se lembra de reclamar da demora da sobrinha de ir visitá-la. Depois do lanche, pede Logo para ir embora para sua casa. No retorno queixa do sol, da ladeira e do cansaço. Em sua casa fala que o coração está batendo muito, senta e pede água. Em seguida tira o sapato, calça a sandália e vai tomar um cafezinho, reclamando não ter comido nada na casa de Marli.

Em seguida toca violão e canta a música: “Deus é tão bom, Deus é tão bom para mim”. Quando digo que vou sair, faz questão de me levar na porta e diz: “dê lembrança para Zé Soldado”, ditado usado antigamente. Risada. Dou Beijos, abraço e ela com carinho diz que o sol está quente e pede para ficar para o almoço. Digo que preciso resolver algumas coisas e ela pede que eu vá pela sombra. Com uma das mãos joga beijos para mim e eu peço para ela entrar para não cair. Saio em direção ao Restaurante Espeto de Ouro e quando atravesso a Avenida Rio Branco ouço os seus gritos, agora da janela, novamente acenando e jogando beijos. Aceno também, joga beijos e sigo minha caminhada de retorno para minha casa.

Na segunda caminhada da semana seguimos na direção do antigo Cine Auditório, sempre no passeio, preferência dela. Inicialmente reclama de um pedaço do passeio ainda com cascalho, dizendo que vai falar para o dono do terreno concertar. Em frente do Ateliê da nossa amiga Dalva Rebouças, Letícia aperta

varias vezes minha mão mostrando uma mulher que vem na nossa direção com uma calça bem apertada e disfarçadamente fala: “não tem vergonha, mostrando tudo”. Sempre que deseja mostrar uma pessoa que ela acha gorda, magra, feia, bonita sempre dar este mesmo sinal. Prosseguimos a caminhada e perto do antigo Cine Auditório novamente ela fala: “não gosto de passar perto desta casa”. Faço de conta que não estou entendendo e pergunto: por quê? Com um olhar tristonho responde: “Pessoas que gosto bastante morava ali e morreram”. Não lembra os nomes, porém quando falo as letras iniciais ela diz: “Hilário e Zizinha”. Brinco e digo que eles fizeram uma viagem. E Letícia pergunta: “quando eles voltam?”. Respondo que voltarão em breve. Não concordando comigo usa uma frase que gosta de citar quando o fato é marcante: “ai ai uiui, uiui ai ai”, frase que repito e ela também. Do lado da sombra prosseguimos a caminhada, pois ela reclama do calor. Quando passamos na porta da Igreja Católica Nossa Senhora da Conceição pede para entrar. Entra, olha e na saída diz que é muito bonita, porém sempre vazia. No retorno para casa pede para sentar na escadaria do antigo cinema. Em poucos minutos levanta e continuamos andando, parando apenas na porta da casa de Juninho, filho de tio Marialvo, porque a calçada está molhada e tivemos que desviar, pois Letícia não gosta de molhar o tênis. Próximo da sua casa pergunta por que sua amiga que mora na avenida deixou de visitá-la. Digo que não sei o motivo.

Na terceira, o caminho é a Praça do Viveiro. Logo na descida da ladeira, depois do cursinho Expert pergunta quem morava em uma casa. Tento ajudá-la a lembrar, porém não adianta. Digo que era o senhor Astrolábio e dona Cacilda. Ela diz: “já morreram?”. Confirmo. Mais adiante fala que morava uma grande amiga dela. Quando falo que é Lucinha ela diz: “não saía da minha casa, comia, dormia e esqueceu-se de mim, acho que ela morreu”. Tento amenizar e falo que Lucinha está morando com sua irmã em outra cidade, porém não concorda e diz: “ela é muito ingrata”. Seguimos a caminhada e próximo da padaria Trigo Rei pede para

sentar em um pedaço de madeira, que fica na porta de um Ateliê. Sem demora seguimos até a Praça do Viveiro e retornamos para casa.

Na caminhada seguinte seguimos para a casa de Darcy Nogueira, sua prima, que mora próximo do Hospital Prado Valadares. Para a caminhada ficar maior vamos pela Avenida Rio Branco e próximo da Biblioteca Central retornamos pela Rua São Cristóvão. Como o caminho é uma subida, quando chega perto da Clínica IORT, Letícia diz que está cansada e usa a seguinte expressão: “já estou quase arriando o saco com as rapaduras”. Dou uma risada e pergunto o significado da frase. Diz que é usada, quando a pessoa fica muito cansada. Em seguida chegamos à casa de Darcy sua prima querida, local que gosta de ir, porque sai um cafezinho e também brinca com os netos dela. Depois de um breve bate-papo com a prima e seu esposo Moisés Elpídio retornamos para sua casa.

Em outros dias vamos às residências de Maria Meira, Regina ou repetimos as caminhadas anteriores. O destino da caminhada diária pode mudar conforme os acontecimentos e a disponibilidade das pessoas que visitamos.

CRENÇAS POPULARES

No mês de novembro, época que começa a floração dos umbuzeiros, um certo catingueiro que morava próximo à fazenda Pedras, que pertence ao município de Manoel Vitorino, procurou o Sr. Elpídio Meira, filho de Cândido Meira, primeiro proprietário da fazenda Rochedo, localizada no mesmo município, e falou para o fazendeiro que tinha sonhado que uma alma havia contado para ele onde estava enterrado um tesouro. O homem passou para o Sr. Elpídio os dados do local como em sonho a alma o tinha revelado. Não teve melhor pessoa para o catingueiro procurar, pois o Sr. Elpídio tinha nascido e se criado tangendo cabras e bodes, conhecia, portanto, na palma da mão toda a cercania. O Sr. Elpídio ficou pensativo por alguns minutos, e depois disse para o homem que sabia onde ficava o local que estava procurando. O local ficava localizado em uma casa no povoado de Porto Alegre, distante dali algumas léguas. Os dois deveriam chegar ao endereço à meia noite, uma exigência da alma no sonho. Durante a longa caminhada até o povoado, o catingueiro revelou também, que a alma falou o que aconteceria quando ele estivesse cavando o buraco para achar o tesouro. Encontraria três moedas de cobre, uma após a outra e por fim o tesouro. No horário determinado pela alma, chegaram ao local indicado pelo Sr. Elpídio. Não perderam tempo, começaram a cavar o buraco. A cada moeda de cobre encontrada, a fisionomia de alegria era demonstrada no rosto do catingueiro. Porém, quando eles acharam a última moeda de cobre, o homem começou a gritar e falar bem alto que estava perto de achar o tesouro, uma demonstração visível que estava muito ansioso para encontrar a fortuna. Repentinamente, como num piscar de olhos, apareceu de dentro do buraco uma infinidade de formigas, impedindo que continuassem cavando o buraco.

Depois de refeitos da frustração do impedimento de encontrar o tesouro, Elpídio e o catingueiro foram dormir na casa de familiares, e somente retornaram no dia seguinte. Alguns dias depois,

o Sr. Elpídio Meira confidenciou para parentes que a usura do homem teria sido o principal motivo para não encontrarem o tesouro. Afirmou também em outra ocasião, não ter retornado ao local porque estava com medo.

Em outra ocasião, também no povoado de Porto Alegre, quando o rio de Contas estava cheio, o transporte das pessoas e mercadorias de um lado para o outro eram feitas através de canoas. Osmar e um amigo eram proprietários de canoas e cobravam para realizar esta travessia dos moradores da região. No período da noite, as canoas ficavam bem amarradas no barranco do lado esquerdo, uma precaução dos donos para as águas não levarem o seu instrumento de trabalho. Certo dia, quando chegaram para trabalhar, somente a canoa de Osmar estava no local. O amigo de Osmar ficou furioso e partiu para cima dele querendo briga, dizendo ser ele um concorrente seu, uma evidência clara de ter sido o culpado pelo desaparecimento da sua canoa. Muito exaltado, xingava Osmar e ameaçava matá-lo. As pessoas que iriam fazer a travessia seguraram os canoeiros e os levaram para as casas dos seus familiares. Mesmo depois de acalmados os ânimos, o canoeiro continuou fazendo ameaças de morte a Osmar, em todas os lugares que frequentava no povoado. Não demorou muito tempo para os familiares de Osmar ficarem sabendo da intenção do canoeiro. Imediatamente Osmar foi informado, passando a sair com um revólver na cintura, receoso de o homem tentar contra sua vida. Dona Florinda, que tinha o apelido de Quinita, era irmã de Elpídio Meira. Preocupada com as ameaças de morte que seu filho vinha recebendo, resolveu apelar para o seu velho costume de responsar (entrava no quarto, acendia velas para os santos prediletos, pedia para mostrá-la o que aconteceu naquele determinado fato. Depois ia dormir e sonhava o que de verdade aconteceu e quando acordava contava para o interessado). Neste caso, ela revelou para familiares e amigos que o seu filho era inocente, outra pessoa do povoado tinha soltado a canoa. Dias mais tarde, a pessoa que soltou a canoa, espontaneamente, confessou para

representantes da polícia a autoria do crime. Quando perguntaram o motivo, ele disse apenas que tinha raiva dele. O canoeiro valentão, não foi tirar satisfação da pessoa. Boatos surgiram que ele tinha o rabo preso (estava em débito com o homem) e ficou com medo. De tão envergonhado com o seu péssimo comportamento, o canoeiro viajou com seu irmão para procurar emprego em São Paulo.



Tranquilino Antonio de Souza

TRANQUILINO ANTÔNIO DE SOUZA

Nasceu em 4 de junho de 1883, na cidade de Maracás-BA. Filho de Marcionílio Antônio de Souza e Francisca Meira de Souza.

O primeiro casamento foi com Laura Marques da Silva, filha de Zezinho dos Laços, depois de ficar viúvo casou-se com Maria Anália de Souza, filha de Lucas Nogueira com quem teve quatro filhos.

Depois da morte de Zezinho dos Laços, os encontros e tiros entre os “Cauaços” e os “Rabudos”, estes últimos comandados por Tranquilino, tanto em Jequié como em Curral Novo, foram se tornando cada vez mais intensos, gerando um clima de medo que se estendeu por toda região.

O clímax da briga envolvendo Tranquilino e Silvino ocorreu durante os meses que antecederam a Revolução de 30. O conflito entre os dois se agravou em abril de 1930, quando dez homens de Tranquilino atacaram o caminhão de Silvino, nas proximidades da Fazenda Babilônia. Depois de sustentar fogo com seus desafetos, Silvino conseguiu escapar.

Nem tudo foi tranquilo na história da agência do Banco do Brasil de Jequié. A situação mais grave ocorreu durante a Revolução de 30, quando Jequié, contando com reduzido destacamento policial, ficou à mercê de dois grupos de jagunços: o de Tranquilino, que apoiava o governo de Washington Luís, e o de Silvino Araújo, favorável aos revolucionários. Tranquilino chegou primeiro e pôs a cidade em polvorosa, fazendo com que, no dia 24 de outubro, a administração local do Banco do Brasil encaminhasse o seguinte telegrama à Superior Administração do Banco:

“Noite sábado passado cidade foi ameaçada
grupos jagunços, estabelecendo grande susto.
Em face falta polícia, cidade foi guarnecida
próprios jagunços. Gerente foi
naquela noite procurando sua casa por homens

suspeitos. Por prudência havia se refugiado com família casa amigos. Por enquanto nada registramos lamentável”.

No dia seguinte a situação se agravou com a tomada da estação ferroviária pelos cabras de Tranquilino, motivando a expedição de mais um telegrama, dirigido ao governador do Estado, nos seguintes termos:

“Cidade infestada jagunços; famílias em pânico; acho-me refugiado. Apelo Vossa Excelência providenciar urgente garantia população em sobressalto”.

Felizmente, na noite daquele dia chegou a Jequié a notícia da vitória dos revolucionários. O povo ganhou as ruas em passeata acompanhada de discursos, banda de música e pipocar de foguetes. Tranquilino e seus comandados deixaram Jequié levando dois caminhões, transportando mais de cem jagunços.

Por ter o promotor público Constantino Souza apresentado denuncia contra Silvino pelas cenas de violência e assaltos perpetrados.

Não tardou muito, uma bomba foi atirada sobre o telhado da residência do promotor do Ministério Público. O atentado, entretanto foi atribuído a Tranquilino, também citado pela Promotoria. Mesmo assim, ainda hoje perduram dúvidas sobre o verdadeiro responsável pelo incidente.

Outro atentado a Silvino ocorreu a 25 de outubro, ocasião em que o bando de Tranquilino, chegando primeiro, ocupou Jequié. O trem de passageiros foi atacado nas imediações da estação, sendo obrigado a recuar até Jaguaquara. Avisado com antecedência, Silvino saltara antes. Durante os poucos dias em que ocupou Jequié, Tranquilino e seus seguidores praticaram uma série de arbitrariedades.

Apesar disso, a cidade foi outra vez assediada por mais de cem

jagunços de Tranquilino, chefiados por seu lugar-tenente Cláudio Correia da Silva, que era também tenente reformado da polícia militar. Aquartelados em Jequezinho, os sitiantes ameaçaram saquear impiedosamente a cidade, caso o juiz de direito não fizesse a entrega de um processo-crime contra Tranquilino, que se encontrava no cartório civil. Para poupar a população de novos dissabores, o processo foi entregue, retirando-se os bandoleiros às 19 horas do dia 27, quando também levaram dois caminhões.

No dia seguinte, chegaria a Jequié o tenente Manoel Adolfo, à testa de trinta praças antecipando-se à Força Revolucionária que aportaria pouco depois, tendo como comandante o coronel João Faço.

O Tenente Cláudio foi preso a 4 de novembro de 1930, enquanto Marcionílio e Tranquilino, igualmente presos, chegaram a Jequié no dia 10 de novembro.

Tranquilino fugiu para ser preso novamente, ofereceu resistência na Fazenda Gruta Baiana. Os coronéis João Faço e Carlos Mena Barreto, depois do tiroteio que enfrentaram contra trezentos homens, apreenderam mil e oitocentas armas de fogo e munição para mais de setenta tiros.

Tranquilino morreu em 21 de março de 1933 na cidade de Jequié, em consequência dos maus tratos que recebeu na prisão.

1. Relatos de Marita Silveira Nogueira

Marita Nogueira, filha de criação de Tranquilino Antônio de Souza, na época com 83 anos de idade, morando em Jequié, relatou para Charles Meira que com idade de 6 anos, veio morar na casa dele em Jequié. A menina era tratada por ele pelo apelido de batatinha, e dele recebia muito carinho e mimo. Segundo D. Marita, Tranquilino era também muito tranquilo e vivia muito bem com sua esposa.

Em seguida, falou que morou com a família inicialmente na

Fazenda Umbuzeiro, na cidade de Jequié, depois na Rua D. Pedro II, na Fazenda Gruta Baiana em Itagibá – BA e na Fazenda Rancho de Palha em Lafaiete Coutinho – BA.

Contou também que na época que Tranquilino estava preso na cadeia pública de Jequié, localizada na Rua Félix Gaspar, D. Anália sua esposa e ela todos os dias iam levar comida e visitá-lo. Naquele local ele começou a ler a Bíblia Sagrada, orientado pelo carcereiro, tornando-se evangélico. Esta Bíblia na ocasião encontrava-se com D. Marita.

No seu relato, disse que a pedido dos familiares, Tranquilino foi libertado, pois estava muito doente, com problemas renais. Depois de solto, foi acompanhado pelo Dr. Celi na residência dele na Rua Mota Coelho, local onde recebia muitas visitas de amigos, parentes e pessoas da sociedade de Jequié.

No término desta entrevista, disse que pouco tempo depois de solto, Tranquilino faleceu nesta mesma residência e foi enterrado no cemitério São João Batista em Jequié – BA.

BOM BAIANO

Às 19h, o Jeep que Osmar e seu motorista viajavam quebrou uma das transmissões, próximo de Eunápolis, cidade da região sul da Bahia, local onde visitaria clientes da empresa de tecidos que representava. Devido o avançado horário e a dificuldade de deslocamento até o município vizinho, tiveram que procurar por perto um local para dormir e no dia seguinte providenciaria o conserto do carro. Depois de saírem da estrada principal e andarem um pouco, avistaram uma claridade, que ao aproximarem, certificaram ser a única casa existente no local. Um senhor de aproximadamente sessenta anos de idade, estava sentado num banco na frente do casebre e dentro sua esposa, demonstrando ser um pouco mais nova. Depois de cumprimentar o casal e saber que ele era baiano e sua esposa mineira, Osmar contou o que havia ocorrido e pediu para eles dormida e comida. O homem concordou em dar o apoio solicitado, pedindo somente o entendimento deles para a falta de conforto e de alimento na dispensa da sua casa. Um sorriso largo demonstrou o contentamento parcial de Osmar, pois além da dormida queria também comida para saciar sua fome. Por causa da insistência de Osmar, o senhor mandou a sua nega matar uma galinha e os dois ficaram sentados na cozinha conversando, próximo do fogão a lenha, bebendo uma cachaça feita de vários sabores, especialidade do hospedeiro, aguardado a janta ficar pronta.

O bate-papo foi interrompido, no momento que chegou um homem, vindo de dentro do mato, aparentando ter mais de cinquenta anos de idade. O desconhecido carregava uma espingarda na mão, na cintura um revolver, um facão, dizendo ser um comprador de madeira e pedindo também dormida e comida. O dono da casa disse que a morada era pequena, entretanto daria para todos dormirem e de acordo avaliação de Osmar a comida também daria para saciar a fome deles. Enquanto conversavam, a nega serviu a galinha e seu esposo mais uma dose da cachaça.

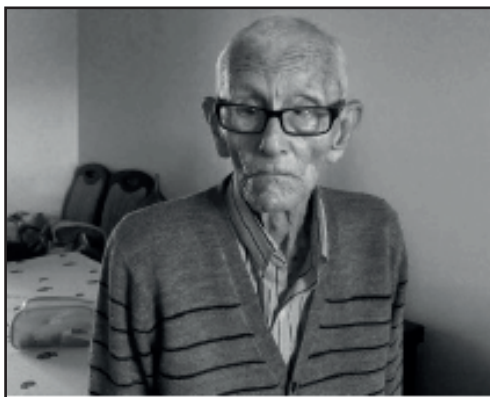
Após o jantar, a conversa continuou no terreiro, local iluminado por uma linda lua cheia. O desconhecido, a última pessoa a chegara ao local, começou a conversa, queixando do seu cansaço e das dificuldades de trabalho encontradas no sul da Bahia. Falou que tudo na Bahia dava errado e estava se sentindo arrependido e culpado de ter vindo para aquela localidade. Em seguida, com ironia passou também a falar mal dos baianos, repetindo várias vezes que na Bahia ninguém prestava. Osmar, um baiano de Porto Alegre distrito de Maracás, se sentiu ofendido e perguntou de que estado o homem estava vindo. Respondeu que procedia de Sergipe. Osmar não aceitou a desmoralização feita aos nossos habitantes, citando o recente exemplo recebido do dono da casa e sugeriu que o homem fosse comprar madeira no seu estado.

O Sergipano quis consertar o seu erro, entretanto o hospedeiro concordou com as palavras verdadeiras do seu conterrâneo. A conversa terminou com a afirmação de Osmar, que depois do ocorrido, não confiava no desconhecido e da mineira avisando que as camas estavam arrumadas.

O motorista ficou na sala e no quarto com um fifó numa mesa no meio das camas, Osmar e o comprador de madeira. Quando o baiano do distrito de Porto Alegre apagou o fifó, um pedido do dono da casa, Osmar deitou com a cabeça para o lado onde estavam os pés do homem, colocou o seu revólver em baixo do travesseiro e durante a noite toda, o que um fazia o outro repetia. Às 5h, o desconhecido levantou, pegou os seus pertences, mandou lembrança para o baiano e foi embora, seguido por Osmar até a porta. No mesmo dia, o motorista foi na cidade vizinha e trouxe um profissional para concertar o Jeep.

Depois de pagar a janta ao conterrâneo, Osmar foi para Eunápolis visitar os clientes da empresa que representava. No retorno, passou na casa do baiano, agradeceu novamente os seus préstimos e recebeu dele um pedido para comprar uma sanfona de oito baixos em Feira de Santana, um sonho ansiado há muito tempo. Em outra ocasião, Osmar presenteou o amigo com o instrumento

musical solicitado e sempre que viajava para aquela região, parava para visitá-lo.



Benur Meira Gondim

BENUR MEIRA GONDIM, O NETO DO 1º INTENDENTE DE JEQUIÉ

No sábado (3/8), encontrei com meu amigo José Roberto Santos Silva (Beto da Gráfica) na Praça Rui Barbosa. Na oportunidade, ele me disse que seu sogro Benur, que é neto do Coronel Urbano de Souza Silva Brito Gondim estava na sua residência já há alguns dias visitando a filha Mirtes Maria Meira Silva, que é sua esposa e como era sabedor de que eu gostava de escrever sobre a história de Jequié, convidou-me para conhecê-lo. Fique bastante interessado e marquei a visita para o domingo depois das 11H, quando termina a Escola Dominical da Igreja Batista Sião.

Como faço todos os domingos, fui com minha mãe para a igreja e depois do culto fomos visitar parentes do meu pai no bairro do Mandacaru e em seguida fomos para a casa de Beto como ficou combinado. Depois de alguns minutos procurando a casa, fui atendido pelo interfone por uma voz feminina, confirmando de que ali era a casa do meu amigo. Com muita alegria fomos recebidos por Beto e seu belo cachorro estimação. Numa casa muito bonita, subimos uma rampa e entramos numa sala onde estava seu sogro sentado no sofá e também sua esposa que chegava sorridente de outro compartimento da casa para nos receber. Depois de abraçar Mirtes e dizer que somente pelo fato de conhecer seu pai estava pela primeira vez na sua residência, fomos apresentados a seu Benur. Carinhosamente fomos abraçados por ele, que já tinha trocado de roupa várias vezes para receber seus parentes. Em seguida, Beto falou que ele tinha ouvido a minha entrevista na rádio e perguntou quem era aquele Meira, citação que foi confirmada com um largo sorriso por seu Benur. Sentamos e eu comecei o bate-papo com o neto do Coronel Gondim. Inicialmente, ele me disse que tinha nascido na cidade de Jequié em 07/04/1919, e era viúvo. Depois falou que morou na fazenda “Umbuzeiro” propriedade de seus pais Tarcilo Meira Castro e Lúcia Angélica Brito Meira em Catingal, distrito de Manoel Vitori-

no e posteriormente veio morar na fazenda “Jataí”, que ficava no Baixão, distrito de Jequié, que pertencia aos pais de sua esposa. Contou também que tinha nove filhos e que atualmente estava morando com três deles em Salvador. Com 94 anos de idade e bastante lúcido, falou de Zezinho dos Laços, outros coronéis e várias pessoas que eu não conhecia.

Foram momentos alegres que passamos na casa de Beto e Mirtes naquela manhã de domingo, onde naquela estiveram reunidos: Benur Meira Gondim, neto do primeiro Intendente de Jequié o Coronel Urbano de Souza Silva Brito Gondim e Maria Letícia da Silva Meira neta do segundo Intendente de Jequié o Coronel José Marques da Silva (Zezinho dos Laços).

JOÃO BATISTA, O INVENTOR

João Batista Alves Meira, mecânico aposentado, nasceu em Jitaúna – BA em 12/12/1925, mas se considera Jequiense, porque veio morar desde pequeno.

O interesse pela invenção ocorreu no ano de 1964. Ele era motorista de caminhão e ao mesmo tempo mecânico. Em uma dessas viagens que realizava, notou que o motor do seu carro quando subia uma ladeira com a brisa úmida, o automóvel tinha mais força, entretanto quando o tempo estava quente e seco, o rendimento não era o mesmo. Na qualidade de mecânico especializado em reforma, retífica e torno, passou a pensar numa forma pessoal para solucionar aquele problema.

No ano de 1982, ele concluiu a sua invenção intitulada de “Pistão se Super Compressão” que foi patenteada no ano de 1983 no I.N.P.L (Instituto Nacional das Propriedades Industriais) no rio de Janeiro.

Resumo do Projeto do Pistão de Supercompressão

A presente invenção proporciona maior rendimento aos motores a explosão, com maior aspiração e compressão, causando maior potência, sem perda de força, evitando a passagem de gases para o cárter, com maior durabilidade do óleo lubrificante. Graças aos furos existentes nas canaletas, a lubrificação é maior, evitando engrupamento do conjunto cilindro-pistão, causando pelo aumento da compressão e em consequência, maior aquecimento. O Pistão Supercompressão permite mais economia no consumo de combustível, porque proporciona sua queima total e assim maior duração das velas e bicos injetores. O invento também é ati-poluente, já que queima todo monóxido de carbono, eliminando a fumaça dos motores. O Pistão Supercompressão poderá ser usado em qualquer tipo de motor a explosão, seja álcool, gasolina, diesel ou gás. O invento foi planejado para dar ao motor maior desempenho e durabilidade superiores aos motores equipados com pistão tradicional, trazendo maior economia e

consequentemente maior lucratividade.

A invenção de João Batista, foi publicada nas revistas Tecbahia (Revista Baiana de Tecnologia) – Camaçari – BA em setembro/dezembro de 1996 e na Revista Automotiva – São Paulo – SP em outubro de 1996. Vários órgãos de imprensa divulgaram a sua invenção como: TV Sudoeste – Vitória da Conquista – BA, Jornal Á Tarde – Salvador – BA, e Jornal Actual – Jequié – BA.

Já mandou relatório descritivo para todas as fábricas de motores do Brasil, Ibama – SP e Ministério do Meio Ambiente – DF.

Participou de eventos do X Salão de Eventos na Câmara de São Paulo – SP em 1977 e Palestra na Bosch – SP em 1977.

João Batista continua confiante que sua invenção será reconhecida por alguma grande empresa, tanto que pretende patentear-la nos Estados Unidos da América e outros países.

O SARGENTO

Depois de saírem de uma festa às duas horas da manhã no clube Euterpe, em Feira de Santana, Osmar e mais dois amigos entraram num restaurante em frente do local. Como estava com muita fome, sentaram a uma mesa e pediram uma galinha ao molho pardo. O Garçom solicitado respondeu que não tinha aquela especialidade. Então perguntaram o que era servido. Depois de analisarem as opções, pediram bife. Antes de o garçom trazer o bife, sentou-se à mesa vizinha, um senhor vestido de paletó branco e gravata. O Mesmo garçom atendeu ao homem, que pediu também uma galinha ao molho pardo. Osmar ouviu o pedido do vizinho, comentou com os colegas e falou para ficarem calados, aguardando o que aconteceria. Primeiro o garçom serviu o bife que eles pediram. Não demorou, trouxe a galinha pedida pelo homem. Osmar chamou o garçom com toda “delicadeza” e perguntou: seu filho da puta, o dinheiro deste cavalheiro é melhor do que o meu? Osmar nem esperou a resposta do garçom. Tirou o punhal que estava na cintura e fincou no bife servido. O prato quebrou, o bife voou longe e o punhal ficou fincado na mesa. O homem que estava sentado à mesa levantou e aproximando-se falou: O cavaleiro faça o favor de guardar este punhal. Osmar falou para o homem que queria saber com quem estava falando. O homem tirou do bolso uma carteira e mostrou para Osmar. Ele leu atentamente e certificou-se de que o homem identificado chamava-se Dival, sargento do destacamento de Feira de Santana. Então Osmar respondeu: sargento, o senhor é muito educado, por isso vou guardar o punhal. Ao mesmo tempo em que falava, retirou o punhal que estava fincado na mesa, porém continuou com ele na mão. O sargento chegou perto dele e falou baixinho: guarda logo o punhal ou então vou tomá-lo. Ironizando a atitude da autoridade voltou a responder: sargento, o senhor está criando muito caso, por isso não vou guardar o punhal, e tem mais, consiga mais uns quatro meganhas, porque sozinho o senhor não

toma. Cumprindo o que havia falado, o sargento segurou na mão de Osmar na tentativa de retirar a arma. Rapidamente Osmar levantou e virou a mesa, derrubando tudo em cima do policial. Seus amigos, o garçom, o dono do restaurante e presentes intervieram e conseguiram separar os brigões. Quando tudo estava aparentemente calmo, falaram para o sargento que Osmar era uma pessoa direita, não gostava de brigas, arruaças e nem de desrespeitar as autoridades. Depois os amigos levaram Osmar para a república onde morava. Como precaução o deixou trancado, com a promessa de soltá-lo no outro dia. Depois que os amigos saíram, Osmar conseguiu abrir uma janela do quarto que os amigos não viram e retornou para o restaurante, deixando o punhal e levando um revólver Colt “Cavalinho”, calibre 38. Chegando ao recinto, sentou-se à uma mesa que ficava próxima a do sargento. Pediu uma cerveja e depois se dirigiu para o policial e falou: sargento, quando eu falei que o senhor não tomava o punhal estava com os colegas, agora eu estou só, não mais com o punhal e sim com um revólver. Se o senhor não foi homem para tomar o punhal, não será também para tomar o revólver. Osmar ainda propôs ao sargento que fossem resolver a questão fora do recinto, mas não teve resposta. A nova discussão foi ficando muito acirrada com ofensas dos dois lados. Naquele instante houve uma nova intervenção dos presentes e depois de muita conversa os ânimos foram acalmados e conseguiram novamente levar Osmar para a república. Desta vez ele deu-se por vencido e foi dormir.

OS DOIS FILHOS DE MANOEL JOAQUIM

No povoado de Porto Alegre, na época município de Boa Nova - BA tinha um lavrador chamado Artulino, filho de Manoel Joaquim e da parteira Clementina que morava a 30 km do povoado, que vinha sempre fazer compras na região. Ele e a maioria dos comerciantes atravessavam o Rio das Contas num local mais raso e que tinha bastantes pedras, parte onde as mulheres do povoado tinham o costume de lavar as roupas dos familiares. Entre elas Laura a filha de Randulfo Marques da Silva (Duca), filho de Zezinho dos Laços, que ficava bem próximo da passagem dos tropeiros. As roupas eram lavadas semanalmente, de preferência nos domingos no horário das 09 às 11h e das 14 às 16h. Um dos que ali passavam era Artulino, conhecido freguês da família de Duca, que tinha a mania de brincar com Laura dizendo: “Ô pernas bonitas, gosto de passar neste local para vê-las”, porém foi sempre alertado por ela para deixar de safadeza, entretanto os galanteios continuaram sendo feitos, mesmo contrariando a linda mulher. Como Artulino não deixou de elogiá-la, Laura disse para ele que se não parasse de importuná-la iria contar para seus irmãos.

Certo dia, depois de ouvir novamente as palavras rotineiras de Artulino, Laura deixou o homem atravessar o rio, foi na sua casa e contou o ocorrido para os seus irmãos. Depois de ficar informado do sucedido, Osmar e Candinho pegaram seus facões e foram de pé até um local próximo da casa deles, onde tinha um umbuzeiro branco, passagem obrigatória de Artulino no retorno para sua casa. Primeiro os irmãos entraram no mato, tiraram dois cipós de pião branco e depois ficaram sentados debaixo da árvore esperando o desafeto. Passados aproximadamente umas duas horas, Artulino apareceu montado em um cavalo alto, amarronzado, muito bonito. Osmar e Candinho pediram para ele parar e descer do animal, pois desejavam saber das brincadeiras que andava fazendo com sua irmã. Artulino não atendeu ao pedido dos irmãos e falou que não havia feito nenhuma brincadeira com

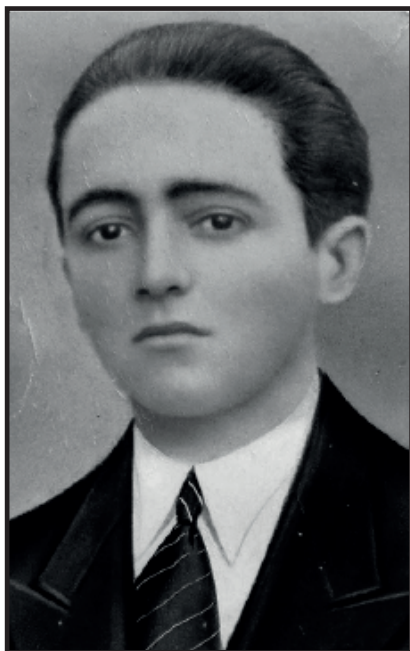
ela. O homem ficou muito nervoso e falava que queria ir embora, pois não devia nada.

Neste momento, apoderado dos cipós, puxaram o homem, o derrubaram no chão e sem pena começaram a bater nele por quase trinta minutos e ao mesmo tempo falavam que a surra era para ele respeitar irmã de homem, pois nunca brincaram com a irmã dele. Já que Artulino não podia montar, eles colocaram o homem acordado atravessado na sela e para que o mesmo não caísse o amarraram e penduraram a rédea na sela e deram um tapa na anca do animal, que saiu apressadamente em direção da casa do lavrador.

Depois da surra que levou Artulino sempre passava distante de Laura e deixou de fazer as costumeiras brincadeiras. Ele passou um tempo afastado da família, porém continuou comprando na venda de seu Duca.

Alguns meses do fato acontecido com Artulino, o seu irmão Vitoriano, que também era freguês de seu Duca, comprou mercadorias na venda dele e não efetuou o pagamento na data marcada. Na mesma semana, mandou uma pessoa comprar novamente alguns alimentos. Duca não vendeu e mandou um recado pelo portador que somente o venderia quando efetuasse o pagamento do débito. No próprio dia que recebeu o recado do dono da venda, Vitoriano foi ao estabelecimento conversar com seu Duca. O homem ouviu do comerciante as mesmas explicações anteriormente recebidas na sua casa. Vitoriano não gostou da fala de Duca e puxou uma peixeira que estava na cintura e aproximou-se do comerciante para furá-lo. No momento, o filho de Zezinho dos Laços estava desarmado e em pé na porta da venda. Rapidamente pegou uma tranca que estava próxima e levantou para bater em Vitoriano, porém a tranca bateu na parte de cima da porta não acertando o homem. Ligeiro como um gato, seu Duca deu outro golpe, acertando a barriga e mais um no ombro do freguês, que caiu no chão. Neste momento, estava chegando o seu genro Almerindo e seu filho Osmar que estavam cassando.

Duca pediu para seu filho a espingarda para matar Vitoriano e Osmar disse que a arma estava descarregada. Aconselhado por Almerindo, eles pegaram Vitoriano, amarraram e colocaram num quarto onde guardavam bagulhos da venda, para no outro dia leva-lo para a delegacia em Boa Nova. Quando Dona Clementina mãe de Vitoriano parteira da família ficou sabendo do ocorrido, pediu para seu Duca soltá-lo. Ele não atendeu ao pedido da parteira, que chorando apelou para sua esposa Florinda para deixar o seu filho desamarrado. Sensibilizado pelo pedido da sua amada, desta vez, Duca atendeu a solicitação e mandou Almerindo e Osmar desamarrá-lo. Quando amanheceu o dia, o homem enxergou uma janelinha no alto do quarto, encontrou um martelo no meio dos bagulhos, conseguiu despregá-la e fugiu. Correndo passou em frente ao curral, onde Osmar tirava leite. Ele quando viu o homem fugindo, gritou: “Pai, pai o homem fugiu”. Seu Duca acordou, pegou a espingarda e deu um tiro, porém não conseguiu acertar Vitoriano, que desapareceu no meio do mato e nunca mais apareceu no povoado Porto Alegre.



Chico Rebouças

MARACUJÁ, O BAR DE CHICO REBOUÇAS

Quando da entrega do exemplar da Revista Cotoxó do mês de novembro de 2013 a minha amiga Dalva Rebouças, entrei na sua residência para pegar o pagamento de uma nova assinatura feita por ela naquela semana. Na sala, ainda em pé, avistei na parede dois quadros pendurados em molduras redondas contendo retratos antigos de um homem e de uma mulher. Imediatamente perguntei quem eram aquelas pessoas. Respondeu sorridente que eram os seus pais. Por instantes deixei de lado o assunto a ser tratado, e comecei a fazer perguntas relacionadas com a vida de seus genitores. Depois de ouvir da amiga um resumo da história do casal, destacando principalmente a figura do seu pai Chico Rebouças, tema enriquecedor para a história de Jequié, concordamos então em desenvolver uma matéria sobre a vida dele para a revista Cotoxó.

Francisco de Souza Rebouças (Chico Rebouças), filho de Auto Edézio Rebouças e Maria Olívia Rebouças, nasceu em Areia – BA, hoje Ubaíra – BA, em 13/07/1905, de onde, ainda criança, depois da morte de seus pais, mudou para Itiruçu – BA, na fazenda de seus tios Elpídio Silva e Hilda Rebouças, a qual é situada na região do Peixe. Na adolescência, além dos estudos, ajudava seu tio, grande pecuarista da região, no trato dos animais. Naquela época os pais costumavam criar os filhos e parentes de maneira muito rígida, chegando ao extremo de maltratá-los, prática que aconteceu com o jovem Chico Rebouças, o que contribuiu na sua decisão de fugir da fazenda dos seus tios aos doze anos de idade.

Foi morar na cidade de Itiruçu – BA, em busca de sua independência, onde trabalhou no comércio. Depois de uma experiência ali, Rebouças montou o seu próprio negócio, inclusive com vendas na cidade de Maracás - BA e região. Com vinte e seis anos de idade casou-se com Ana Angélica de Souza Rebouças (Donana) em 05/12/1931, com quem teve cinco filhos. O negó-

cio prosperou e Chico Rebouças expandiu o seu comércio para a região de Jequié - BA, comandando tropeiros que transportavam diversas mercadorias no lombo de animais, para negociar na Praça da feira, hoje Praça da Bandeira. Na década de trinta, mudou-se para Jequié, para oferecer um estudo melhor aos cinco filhos e posteriormente mais dois que nasceram em Jequié - BA e fixar definitivamente os negócios, uma realidade no comércio da cidade.

Chico Rebouças, um homem trabalhador, íntegro, direito, temperamental, amigo, comunicativo, formador de opiniões e envolvia-se em política e fazia campanha para candidatos, como fez para Juracy Magalhães, quando candidato ao governo do estado da Bahia, o que foi confirmado por todas as pessoas que dele teve oportunidade de indagar.

Na década de quarenta, contrariando a vontade de seus familiares, Chico Rebouças adquiriu um imóvel na Rua do Maracujá e lá estabeleceu um bar que funcionava dia e noite. O Bar e Boate Maracujá era o maior comércio do local. Na frente ficava o bar e um espaço para dança. Nos fundos estavam os vinte quartos, que eram alugados por um valor fixo mensal para mulheres que, na maioria, moravam no local, abandonadas pelos familiares, elas ali se prostituíam para sobreviver. Entre elas estava Isabel Pires Araújo, por quem Chico Rebouças se apaixonou, tomou-a como amante e tiveram três filhos. O casal convivia no estabelecimento de modo conturbado pelo ciúme de ambos, fato que, anos depois, causou a separação e a mudança de Isabel para outro logradouro. Chico Rebouças, mesmo convivendo com a amante, nunca abandonou sua esposa e filhos, sempre dando a família atenção moral e financeira.

Na boate havia uma radiola que funcionava dando corda com uma maçaneta e usava LP 78 rotações para reproduzir o som. Em algumas oportunidades havia shows ao vivo, com apresentações de cantores, violonistas, saxofonistas, bandolinistas, acordeonistas, flautistas como o próprio Chico, artistas de Jequié, da região

e até de outras cidades. O Bar do Maracujá era frequentado pela alta sociedade de Jequié e região.

Chico Rebouças era de altura mediana, moreno claro, cabelos lisos, fisicamente forte. Fino dançarino, tocava flauta, cantava, era um amante da música. As músicas prediletas dele eram: Fascinação, e O Ébrio, de Vicente Celestino. Gostava de futebol e jogava, o que o induziu a batizar o primogênito com a amante Isabel com o nome de Ademir, em homenagem a Ademir da Guia, jogador do Palmeiras, time de que era torcedor.

Do comércio da Rua do Maracujá, Chico Rebouças economizou uma quantia razoável, da qual retirou aproximadamente cento e cinquenta contos de réis para investir em ouro e brilhantes, que seriam comprados pelo seu amigo Erotides Soares em Minas Gerais, o qual infelizmente faleceu antes da efetivação do negócio. Não possuindo documento que comprovasse o adiantamento, Chico Rebouças perdeu da família do amigo a dívida, ficando no prejuízo, episódio que contribuiu para fragilizar as suas finanças.

Na década de cinquenta resolveu acabar o negócio, devido ao crescimento da violência na localidade, onde inclusive, em certa ocasião, sofreu um atentado devido a uma confusão no bar, mas foi salvo pelo então gerente do bar o Sr. Aurélio, que, heroicamente, se pôs à sua frente e foi alvejado, entretanto não morreu. Esse fato levou Chico Rebouças a andar sempre armado com uma pistola Ludger alemã.

Dando uma pausa no assunto principal da matéria, cito alguns fatos interessantes relacionados à Rua do Maracujá e mencionados pelo seu filho Ademir Pires de Souza Rebouças, que nasceu no Brega pelas mãos de parteiras. O carnaval da Rua do Maracujá concorria com o da alta sociedade de Jequié. Na rua funcionavam várias casas de tolerância e por isso não trafegavam por ali, crianças, jovens e senhoras da sociedade, mesmo porque as raparigas sentavam nas soleiras para se refrescarem do calor es-

caldante. Dos homens que frequentavam essas casas, muitos eram da alta sociedade e de famílias tradicionais da cidade, como o Roberto Biondi (Bolinha). Os maiores frequentadores do maracujá eram o Branquinho, um verdadeiro gangster, assassinado na localidade e Pedro Sabú, amante de Zu Preta, um negociante de drogas. Próximo da Rua do Maracujá tinha o Beco da Erva-Doce, onde tinha um bar que tinha o mesmo nome, do qual era dono o Sr. Ananias, junto uma casa de mulheres.

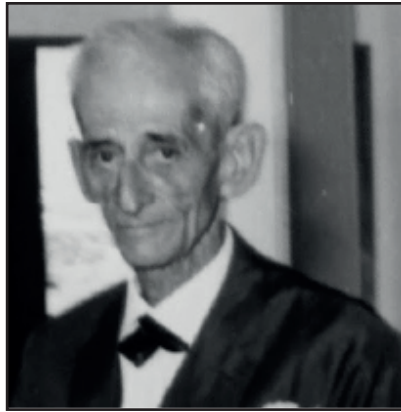
Outro detalhe importante que tive oportunidade de contemplar foi à existência de uma casa que foi construída na época da antiga Rua do Maracujá. Segundo o seu atual proprietário o Sr. Enoch Eduardo Souza, o imóvel ainda conserva a mesma fachada, paredes e o telhado, salientou, também, que, segundo informações de pessoas que conhecem a história do local, já se passaram mais ou menos cento e dez anos da sua edificação.

Prossigo com o tema central da matéria, relatando que, depois de acabar com o negócio na Rua do Maracujá, Chico Rebouças comprou um caminhão para transportar mercadorias e gado em Jequié e região. Cansado de viajar, voltou a comercializar na Praça da Bandeira num imóvel onde funcionou a loja Cinara Calçados, porém, devido à perseguição de uma prostituta do Maracujá que tinha caso com um juiz da cidade, Chico se viu obrigado a fechar a mercearia. Depois de avisado da ordem de despejo, tratou de retirar toda a mercadoria na calada da noite, quebrou todas as prateleiras e sujou o recinto com urina e merda, cenário que o oficial encontrou no momento da realização do despejo. Depois disso Rebouças foi morar em Salvador – BA, onde trabalhou como encarregado de obras no Ed. Themis na Praça da Sé e na construção do estádio da antiga Fonte Nova.

Em fevereiro de 1959, Dalva Rebouças, com seis anos, foi de avião para Salvador, a convite de seu primo Milton, funcionário da VARIG no Rio de Janeiro - RJ, que ia visitar seu tio Chico. Esse foi o período em que Dalva Rebouças mais se relacionou com o pai, que a levou para passear de bonde, conhecer os pontos

turísticos, a Praia de Amaralina e o carnaval da Rua Chile, ela toda enfeitada por ele, de havaiana e óculos de plástico.

Chico Rebouças morreu e foi enterrado na cidade de Salvador – BA em 15/05/1959.



Cely Meira

MARCELIANO BARROS MEIRA (CELY MEIRA)

Certa ocasião fui questionado pelo mano Tomaz Edson Barros Meira o porquê somente escrevia sobre a história da família da minha mãe Maria Letícia. Estou resgatando, neste texto, a memória da família do meu pai José Barros Meira através do patriarca Marceliano Barros Meira, mais conhecido por Cely Meira, o pioneiro no ramo de serraria na cidade de Jequié.

Cely Meira nasceu em 09/03/1901 no distrito de Catingal-Manoel Vitorino- BA, na época Volta dos Meiras que pertencia ao município de Boa Nova-BA. A sua infância foi muito difícil ao lado dos pais José Barros Meira e Maria de Jesus Alves Meira. Na adolescência, aprendeu a tocar bandolim. Em companhia do amigo e violonista José Joaquim tocava em festas nas casas dos parentes e amigos de Catingal e região.

Filho único, Cely começou a trabalhar muito jovem de ajudante de marceneiro e carpinteiro para ajudar seus pais. Depois de fazer algumas economias, conseguiu comprar alguns animais e ingressar na profissão de tropeiro, comprando e vendendo mercadorias. Foi numa destas viagens que ele conheceu Francisca Alves Pereira, nascida em 09/03/1900 no distrito de Currálinho - Livramento de Nossa Senhora- BA, filha de Antônio Alves Pereira e Adélia Alves Oliveira, donos de terras naquela localidade. Em Currálinho casaram, e ficaram ali morando durante aproximadamente seis anos, onde tiveram quatro filhos: José Barros Meira, Antônio do Carmo Meira, João Batista Alves Meira e Maria de Lourdes Alves Meira. Atendendo um convite do Major Augusto Meira Castro mais conhecido por Major Nozinho, retornaram para Catingal para fazer e montar o telhado da igreja da localidade. Durante o tempo em que permaneceram no distrito foram amparados financeiramente pelo Major. Quando completou 23 anos de idade, Cely e família foram morar na localidade de Bate-

-Barriga depois de Jitaúna – BA, na fazenda que seu sogro tinha comprado próximo de familiares que já possuíam terras no local. A fazenda era grande, existia plantação de cacau, café e muito gado.

Na fazenda, Cely montou uma marcenaria e continuou a exercer a função de marceneiro e carpinteiro. Fazia cancelas, currais, portas, coberturas de casas e janelas para a toda região. Por não ter energia elétrica na fazenda, tudo na marcenaria era fabricado manualmente. Depois do nascimento de Hércules Alves Meira e Marialvo Alves Meira e de sete anos morando na fazenda, Cely mudou-se com a família para a cidade de Jitaúna - BA, após ter comprado uma casa e alugado um local em frente para montar a marcenaria. Na época da mudança, o pai de Francisca Alves Meira já havia falecido.

Quando da construção da estrada de Jequié para Ipiaú, o engenheiro civil Haroldo Cerqueira Lima convidou Cely Meira para ocupar o cargo de mestre de obras, depois de obter informações do grande potencial do marceneiro e carpinteiro. A estrada construída na ocasião passava beirando o rio de Cantas. Iniciava depois da Provisão e seguia por Tamarindo, Volta do Rio, Itajurú, Barra Avenida e chegava a Jitaúna. De Jitaúna para Ipiaú, o traçado da estrada foi aproveitado (o mesmo existente hoje). Na estrada Cely Meira ajudou na terraplanagem, que era feita com galeotas, corte de encostas, construiu pontes, mata-burros e fez e instalou cancelas com ajuda de empregados de sua confiança. O pagamento dos funcionários da obra era feito por Cely Meira, após receber o dinheiro que era enviado pelo Instituto do Cacau da Bahia. Em 1940, Cely e família chegaram a Jequié. Inicialmente moraram de aluguel na Rua Félix Gaspar, próximo da Cadeia Pública do Município. Posteriormente, compraram uma casa e alugaram outra na Rua Santos Dumont próximo da casada família de Geraldo Teixeira, onde montaram a Carpintaria Santo Antônio com o dinheiro da herança que coube a Francisca Alves Meira, quando da venda da fazenda dos pais dela em Jitaúna. José

Barros Meira e Antônio do Carmo Meira ficaram com responsabilidade de conduzirem o empreendimento, supervisionado por Cely Meira. Com o crescimento dos negócios, foi necessário adquirir, no ano de 1946, uma grande área no centro do bairro do Mandacaru, local onde passava a rodovia Rio - Bahia, ainda sem asfalto.

Depois de construídos os galpões foram instalados os maquinários existentes e comprados outros novos, tornado completa a até então Carpintaria Santo Antônio.

Considerados por todos um profissional de grande capacidade intelectual, José Barros Meira orientou o seu pai que fosse a Ponta Grossa - PR, comprar uma cerra-fita grande para cortar toros de madeira. A viagem foi feita e a máquina comprada, porém a energia fornecida pela Prefeitura Municipal de Jequié não era suficiente para funcionar o motor de 70HP.

Novamente José tem outra brilhante idéia. Orientou seu pai para comprar um locomóvel (Uma locomotiva fixa) para gerar energia suficiente para toda serraria. A Locomóvel foi adquirida na região de Feira de Santana - BA em uma indústria desativada. Quando chegou, José desarmou totalmente a locomotiva e depois de dar uma manutenção geral armou e colocou a máquina em funcionamento.

Na Serraria Santo Antônio fazia: portas, janelas, vigas de coberturas, carrocerias de caminhão, tacos para piso de casas, cancelas, mesas, cadeiras, armários, etc. Tinha também um torno mecânico que Cely Meira torneava madeira, fazia peças de artes para aniversários e para móveis em geral. Inclusive, até hoje, vários familiares possuem peças que foram feitas por ele. Na administração do empreendimento José Barros Meira era responsável pela indústria e Antonio do Carmo Meira na parte comercial (vendas), sempre gerenciado pelo “velho” Cely Meira.

Um dado histórico importante é de que todo madeiramento e montagem do telhado do antigo Mercado Municipal, do JTC e

diversos prédios e residências antigas de Jequié foram fornecidos pela primeira serraria do nosso município. O empreendimento funcionou na sua totalidade até a morte de José Barros Meira no ano 1957.

Em 16 de novembro de 1961, a Câmara Municipal de Jequié prestou uma homenagem à família Cely Meira, através dos vereadores Milton Rabello, Carlos de M. Gouveia e Expedito Nunes Fernandes, dando nome de José Barros Meira à via pública paralela a Avenida Lomanto Júnior no bairro do Mandacaru. A Justificativa publicada no Jornal Jequié de 03/12/1961 foi a seguinte: “Ao homenagearmos a memória de José Barros Meira, pretendemos sem dúvida, prestar à família “Cely”, o preito da nossa admiração que deve existir igualmente por parte de todos habitantes desta terra. Quem por acaso não conhece essa família, comandada pelo “velho Cely”, figura impressionante de trabalhador intimorato?

Realmente todos os habitantes de Jequié já se acostumaram através de longos anos admirarem a tenacidade, o vigor e a coragem desse grupo, que a bem dizer foi o primeiro da indústria mecanizada em nosso meio. Instalando uma serraria e uma oficina mecânica na atual Rua Santos Dumont, mais tarde se transferiria para o bairro do Mandacaru, com a edificação de sua primeira casa. Portanto, esse grupo, constituído de pai e filhos como fundador do bairro do Mandacaru, concorreu decisivamente para o progresso de Jequié.

José Barros Meira era um dos ramos mais vigorosos da frondosa árvore genealógica da família. Trabalhador incansável reunia as preferências de toda a família, razão por que recaiam sobre os seus ombros as maiores responsabilidades da Empresa. Por isso se esforçou ao máximo, não pensando inclusive nas consequências negativas para sua integridade física, dado que o seu trabalho exigia muitas vezes o limite da capacidade humana. Tombou na faina e na luta. Esta, continua todavia, pois o grupo não se desfez. Continua unidos e fortes, como a homenagear sua memória”.

O filho Antônio do Carmo Meira ainda tentou levar em frente por alguns anos como carpintaria, porém também faleceu. Nesta ocasião Cely Meira fazia os contatos de vendas do que era fabricado pela carpintaria.

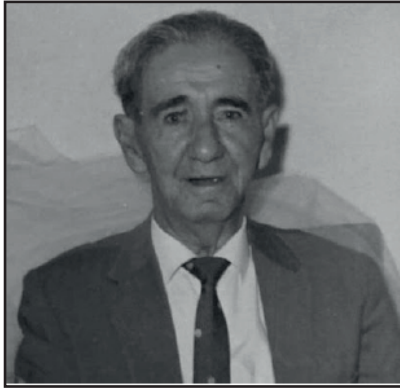
Com a morte dos filhos José e Antônio, Cely Meira foi ajudar ao seu filho Hércules Alves Meira na contabilidade dos postos de gasolina, comprados em Manoel Vitorino - BA e no KM- 58. Além da contabilidade dos postos de gasolina, ele ainda aprendeu a consertar as muitas painelas, caldeirões que danificavam com o tempo de uso nos restaurantes dos postos.

Em todas as atividades exercidas ao longo da sua vida, Cely Meira não gostava de ser questionado a mudar de opinião mesmo não estando correto. Devido esta particularidade, até hoje os membros da família falam que ele era muito teimoso, e quando alguns desses agem da mesma maneira, escutam a famosa frase: “Esse menino puxou a Cely Meira na teimosia”. “Esse menino é teimoso igual a Cely Meira”.

Esta matéria foi realizada graças às informações de João Batista Alves Meira, Ismênia Alves Meira, Hércules Alves Meira, Dinalva de Macêdo Meira, Maria de Lourdes Alves Meira e dos netos do “velho” Cely Meira.

Marceliano Barros Meira e Francisca Alves Meira tiveram 11 filhos, 23 netos e 15 bisnetos.

Cely Meira morreu em 19/10/1987 e foi enterrado no Cemitério São João Batista na cidade de Jequié.



Duca

NA VENDA DO SR. DUCA

Num dia ensolarado, porém de pouco movimento, em Porto Alegre, povoado cortado pelo rio de Contas, Chico do Jaburu chegou à venda do Sr. Duca, montado em seu bonito cavalo. Desceu do animal e o amarrou no morão que ficava ao lado da casa. Entrou na venda e perguntou para Osmar se tinha ouvido de espingarda. A resposta dele foi positiva. Chico, de dentro da propriedade, perto do balcão, virou a espingarda para o terreiro e atirou (uma prática usada para descarregar e depois trocar o ouvido da arma). O Sr. Duca que estava sentado junto da sua mesa, tomou um grande susto, pois estava concentrado fazendo relatório de entradas e saídas do dia anterior e nunca esperava aquela atitude do freguês. Saltou rapidamente o balcão com a arma na mão, reclamando em voz alta do camarada, de que ele estava faltando com respeito em atirar de dentro do recinto sem sua permissão. E também era do conhecimento de todos, que sua esposa estava de resguardo por ter parido recentemente. O homem não pensou duas vezes e correu porta a fora pedindo socorro. Neste momento de muita confusão, ia chegando Marciano, um cigano, que era amigo da família e sempre arranchava próximo do local, e viu seu Duca sair no enalço do cabra. O cigano estava de posse de uma peixeira e gritou para seu Duca: Não se complique não, meu mano, deixa que eu mato este miserável. Como seu Duca tinha passado aquele momento de raiva, já estava refeito do susto e não desejava mais matar o Chico, a luta daquele momento em diante foi para tentar segurar o cigano que queria dar cabo da vida do Chico do Jaburu. Depois de muitos pelo amor de Deus e da Santíssima Maria, muito segura e me larga, conseguiram dominar a fera, tomar a faca e controlar a situação. Osmar e parentes levaram Marciano para a tenda, enquanto Chico do jaburu, depois de pedir mil desculpas para seu Duca, montou no seu cavalo e saiu rapidamente do local e sem levar o ouvido que veio comprar para a espingarda.

Em outra ocasião, e desta vez o dia no povoado estava nublado, um prenuncio de que as chuvas que todos esperavam estavam perto de começar a cair na região sofrida da caatinga. Seu Duca, que acordava bem cedinho, abriu as porta da sua venda para uma pessoa a mando do Sr. Tertuliano para comprar alimentos básicos na conta dele no seu estabelecimento. O Sr. Duca disse a pessoa que falasse com o Sr. Tertuliano que não venderia mais fiado, enquanto ele não pagasse o que devia na venda. Tertuliano, sentindo-se ofendido com a maneira que foi tratado pelo seu Duca, foi pessoalmente à venda, armado com uma peixeira na cintura, ameaçando-o de morte. O dono do estabelecimento, não gostou da ameaça e reagiu, pegando uma tranca da porta que estava encostada no balcão para bater em Tertuliano, que tinha uma peixeira na mão. O primeiro golpe dado somente não acertou o homem porque a tranca bateu na soleira da porta. Porém, na segunda tentativa, conseguiu empurrar o desafeto, mas em menor intensidade. Entretanto, Tertuliano caiu no chão. Neste momento, iam chegando Osmar e Almerindo, e o senhor Duca pediu ao filho a espingarda que estava em poder dele, Osmar respondeu que a arma estava descarregada. Depois de desarmar e dominar Tertuliano, Osmar e Almerindo amarraram o desafeto com as mãos para trás e o colocaram num depósito de mercadorias da venda. A mãe de Tertuliano, que era parteira na região e já tinha pegado três filhos do Sr. Duca, quando soube do ocorrido, foi à casa do velho amigo e implorou para ele soltar o seu filho. Em consideração, o Sr. Duca deixou o homem desamarrado no depósito, porém não iria colocá-lo em liberdade, pois Tertuliano havia o ameaçado de morte. O Sr. Duca decidiu de que no outro dia entregaria o cabra ao representante da policia local para levá-lo preso para Boa Nova. Ao amanhecer do dia seguinte, quando Osmar estava tirando leite, viu Tertuliano saltando a janela do deposito e correndo para dentro do mato. Osmar gritou seu pai e saíram correndo com as armas na mão em perseguição ao homem. Deram vários tiros, entretanto não conseguiram acertar

o fujão. Depois desse dia, ele desapareceu do povoado de Porto Alegre. Boatos surgiram de que Tertuliano teria fugido para as bandas de Jequié.



Venda e casa do Sr. Duca



*Maria Leticia Meira e Charles Meira
Rio de Contas em Porto Alegre - Maracás - BA.*

BRINCADEIRAS DE CRIANÇA

O rio de Contas corta a cidade de Jequié, dividindo-a em duas partes. O centro fica do lado esquerdo do seu leito, já o bairro do Mandacaru fica do lado direito. Sua nascente está localizada na Serra do Tromba, entre os municípios de Piatá e Rio de Contas, em plena Chapada Diamantina, de onde vem cortando vales, fazendas, lugarejos, povoados e municípios de grande porte. Na época das chuvas havia, por várias vezes, enchentes que invadiam o que encontrava pela frente. Atualmente, com a construção de uma grande barragem, foi possível controlar o nível das águas, diminuindo com isso o perigo de constantes enchentes. O represamento das águas atingiu uma distância de 72 km, que na época fez desaparecer muitos povoados que ficavam próximos das suas margens.

A história do município de Jequié mostra que pessoas importantes habitaram naquela região. José Marques da Silva, mais conhecido como Zezinho dos Laços, foi uma delas, um famoso chefe de jagunços. Deixou como herdeiros alguns filhos que continuaram morando naquele belo lugar chamado Porto Alegre.

Nas férias escolares, os filhos e netos do seu Randulfo, apelidado de Duca de Porto Alegre, filho de José Marques da Silva, vinham de Jequié para gozar aqueles dias no pequeno paraíso.

Com seu Duca, moravam na casa a vovó Quinita, tia Lala e Roque, um rapaz que era criado desde pequeno pela família. Ele era o braço direito do patrão. Todos os serviços rústicos e mais pesados ficavam a cargo dele. Para recados era o tal, pois conhecia todas as pessoas. Quando a distância era maior ele ia montado no seu jegue, o pequeno “Canário”. Roque estava sempre disposto e alegre. A casa do Sr. Duca era bastante bonita e grande. Chamava a atenção pela quantidade de dez janelas na frente que davam um charme especial. Tinha ainda cinco quartos espaçosos, duas salas, uma dispensa, onde vovó Quinita fabricava os deliciosos pães,

bolos caseiros e guardava os mantimentos para alimentação, uma cozinha, banheiro e um quintal enorme com os fundos para o Rio. A comida era farta e gostosa, fazendo-nos engordar. O terreiro na frente era mais que suficiente para as brincadeiras durante os dias que ali ficavam.

Próximo dali viviam outros parentes: Almerindo e sua esposa Laura, a filha Regina e a criada Bastiana, irmã de Roque. Ela, ainda jovem, executava com perfeição todas as suas tarefas.

Pela manhã o divertimento era no rio de Contas. As mulheres levavam as roupas nas bacias apoiadas nas suas cabeças e outros utensílios para serem lavados. As crianças com seus brinquedos preferidos. Meninos com bolas, meninas com bonecas, petecas, tudo que preenchesse o tempo. Desciam correndo uma ladeira e passavam entre pedras até chegarem à areia branca. Muitas vezes levavam garrafas vazias e farinha para pescar as piabas nas águas rasas e claras.

Ali, uns iam para jogar bola, outros, petecas. Os filhos de Maria Letícia corriam para a canoas ancoradas para serem utilizadas na travessia do rio e faziam de conta que estavam navegando, usando os remos que sempre estavam dentro delas. Outras vezes juntavam-se meninos e meninas para brincar de médico ou de marido e esposa.

Ao meio-dia as coisas eram arrumadas e retornavam para casa, pois os gritos de Roque avisavam que o almoço estava pronto. Depois do almoço e de tirarem uma soneca, era hora de ir para o terreiro para organizar outras brincadeiras. Boca-de-forno, esconde-esconde movimentavam a meninada que nunca se cansavam. Quando não brincavam de picula iam sentar-se à sombra de uma árvore localizada ao lado da casa e com ossos de mocotó de boi que o senhor Randolfo guardava com cuidado durante todo o ano para seus netos. Montavam fazendas e esqueciam do mundo naqueles momentos. Em uma dessas tardes um dos netos do seu Duca desentendeu-se com Humberto, seu primo, porque

os dois queriam um dos bois de osso que achavam o mais bonito. Resultou que ficaram de mal por vários dias.

A noite chegava e todos tomavam banho de “sopapo” na porta que dava para o quintal, ou no banheiro quando estava fazendo frio. As reclamações para encerrarem as brincadeiras nesse dia foram poucas, porque à noite tinha festa na praça e na igreja em comemoração a São Sebastião, padroeiro do povoado. Depois de rezarem e assistirem à peça teatral da morte e ressurreição de Jesus, representada por atores locais, e direção de dona Quinha, que habilmente montava o cenário e escolhia o figurino utilizado naquele drama. Por quase duas horas os fiéis se aglomeravam na parte interna da igreja. Depois se deslocavam para a área reservada para a festa profana onde barracas de jogos, comidas, bebidas e vários bailes em salões próximos do local estavam organizados para o divertimento dos moradores.

O destaque da festa de largo era o leilão da barraca do Toninho Preto. A população dava brindes de todo tipo para serem arrematados por quem oferecia o melhor preço. O dinheiro arrecadado no leilão era destinado às melhorias da igreja e despesas com os padres convidados. De longe se ouviam os gritos daquele senhor magro, alto e negro, que dava uma animação especial até que todas as doações fossem leiloadas. Para uns a festa continuava até o outro dia, mas para a família do Sr. Duca terminava antes da meia-noite. Mesmo contrariados todos atendiam as ordens do chefe da família.

As cortinas deste passado foram fechadas quando o povoado foi totalmente coberto pelas águas represadas do rio de Contas, deixando tristezas e muita saudade.



Charles Meira e Zezito

ZEZITO, O FILHO DE TRANQUILINO

No dia 27 de Junho de 2011, estive na cidade de Maracás em companhia do meu tio Osmar Marques, visitando o nosso amigo Zezito Souza, pessoa a quem temos muito apreço e admiração. Esta viagem estava há meses programada com sua filha Rita e seu esposo Carlos, que moram também na nossa cidade. Infelizmente, devido a afazeres comerciais, não foi possível a presença do casal em Maracás. Para não ir sozinho, convidei meu tio que veio de Feira de Santana visitar suas irmãs. Como havia mais de dez anos que não visitava a cidade em que morou na sua infância e desejava também rever Zezito e outros amigos, prontamente aceitou o meu convite.

Sáímos de Jequié às 06h30 e chegamos à residência dele às 9hs e fomos recebidos com muita alegria. Depois de um café reforçado, batemos um longo papo, bastante descontraído, sentados no sofá da sala com Zezito, onde dialogamos sobre assuntos que tínhamos curiosidade de saber, na maioria relacionados com sua convivência com seu pai Tranquilino Antônio de Souza. Inicialmente nos informou que é carinhosamente tratado de Zezito, mas o seu nome de registro é José Antônio de Souza Sobrinho e nasceu em 30/10/1920 em Maracás - BA. É viúvo, e sua esposa chamava-se Emília Almeida de Souza, nascida em 07/10/1926 em Maracás - BA e morreu em 13/02/2004 em Salvador - BA. Constituíram uma família de 16 Filhos, 27 netos e 16 bisnetos. O seu pai chamava-se Tranquilino Antônio de Souza, nascido em 04/06/1883 em Maracás - BA e morreu em 21/03/1933 em Jequié - BA. Casou-se primeiro com Laura Marques Souza que morreu durante o parto do primeiro filho. O segundo casamento foi com Maria Anália Nogueira Souza e tiveram 04 filhos. Seu avô chamava-se Marcionílio Antônio de Souza, nascido em 30/04/1858 em Condeúba - BA e morreu em 09/06/1943 em Maracás - BA e a sua avó foi Francisca Joaquina Alves Meira, e tiveram 10 filhos. Depois de citar os familiares, entrou no assun-

to que desejávamos. Contou que saiu pequeno de Maracás e foi morar em Jequié. Prosseguindo o bate-papo, fala com segurança e um pouco de emoção do seu relacionamento com o pai na infância, vivido a maior parte na Fazenda Gruta Baiana, localizada em Distampina – BA, hoje Itagibá – BA. Falou que seu pai o chamava carinhosamente de cabloquinho, era amoroso e nunca encostou a mão nos filhos, igual tratamento também era dispensado à sua esposa. Perguntou se queríamos parar um pouco e tomar um cafezinho, decidimos prosseguir a conversa que estava por demais agradável. Ele deu um sorriso e começou a falar algumas coisas que aconteceram na Gruta Baiana durante tiroteios com Jagunços e soldados. Apesar da pouca idade na época, disse lembrar com clareza, que uma das salas da casa estava repleta de caixas com munição e diversos tipos de armamentos pesados, um verdadeiro arsenal de guerra. Nessas investidas dos inimigos, Tranquilino, que era muito valente e excelente atirador, estava sempre à frente, comandado os trinta jagunços que tinha na fazenda. Relatou Zezito que, mesmo quando não estava nesses confrontos, seu pai permanecia o dia todo com a arma na cintura. Era um homem que não tinha medo de nada. Quando avisado por amigos sobre tocaias, sempre ia com seus jagunços conferir de perto a veracidade dos fatos. Ao contrário do que pesávamos, Zezito disse tudo que sabia do que aconteceu naquela época com seu pai. Em continuação aos relatos, ele falou que numa determinada manhã, chegou à fazenda um negro chamado de Laurindo, montado em um cavalo e entregou um bilhete enviado pelo senhor Juca Costa, fazendeiro em Distampina, hoje Itagibá, avisando a Tranquilino que os camaradas de Silvino tinham passado em sua propriedade, tomado leite e estavam indo com destino a Gruta Baiana. Imediatamente, Tranquilino escolheu dez dos seus melhores homens e mandou atrás deles, com ordem de acabar com a raça dos jagunços de Silvino. O celular de tio Osmar tocou, pediu licença e saiu da sala para atender a ligação. Era seu filho informando que um carro tinha derrubado o muro da sua casa em Feira de Santa-

na. Tio Osmar foi à praça para fazer uma ligação para seu filho e saber detalhes do ocorrido, pois os seus créditos tinham acabado. Mesmo com a ausência dele, Zezito voltou a contar as histórias do seu pai. Com aparência de tristeza, passou a relatar fatos ocorridos na época da prisão e morte de Tranquilino. Falou que seu pai se entregou a pedido do seu avô Marcionílio Antônio de Souza, através de um bilhete enviado para ele na Gruta Baiana. Disse que na data da prisão ele tinha 10 anos de idade e sua mãe estava grávida. Quando a criança nasceu, registrou com o nome de Paulo. Relatou que antes de seu pai morrer, dividiu a Fazenda Gruta Baiana com os quatro filhos e a parte de Tranquilino foi vendida para Juca Rebouças, para quem Zezito tempos depois vendeu as terras que o coube na partilha. Contou que Tranquilino perto de falecer, recebeu a visita do senhor Teófilo Saraiva e que o amigo, percebendo que Tranquilino estava morrendo, pediu uma vela para colocar na mão dele. Mesmo fraco e batido, falou arrastado e baixinho: “homem não precisa de vela para morrer”. Horas depois Tranquilino faleceu. Quando ele morreu, Zezito tinha 13 anos de idade e foi morar com seu tio Olindino Nogueira que ficou com a responsabilidade pela criação de Zezito. Ele estudou somente até os 13 anos de idade. Zezito contou também um fato que aconteceu na sua adolescência, quando tinha aproximadamente 20 anos de idade e morava em Distampina, hoje Itagibá. Depois de desavenças com Mariano Coxo, devido ao término do namoro dele com a filha do “Rabudo”, deixou estremecido a amizade dos familiares, o que motivou aos quatro filhos de Mariano irem até a fazenda de sua irmã Helenita Souza Ferreira, mais conhecida como (Sinhá Moraes) para matá-lo. Quando chegaram à localidade, encontraram Zezito armado, pronto para revidar a investida dos agora inimigos dele. Felizmente, ele foi contido pelo seu cunhado Antônio Moraes. Em seguida, mandou os filhos de Mariano entrarem e conversaram, tentando resolver o problema. Entretanto, os ânimos continuaram acirrados, devido a Zezito e os quatro encontrarem-se no mesmo local com a arma na cintu-

ra, pronto para a qualquer momento sacarem e atirarem. Porém, depois de muita conversa, Antônio Moraes conseguiu controlar a situação e convencer os homens a irem embora. Para o bem de todos, eles foram e não mais voltaram. Próximo do final do bate-papo, tio Osmar voltou da praça e depois que sentou no sofá, Zezito falou também da sua vida profissional. Disse ter trabalhado durante quatro anos como cobrador na Empresa Brasil em Jequié, de propriedade do Sr. Waldomiro Borges. Falou do seu retorno a Maracás no ano de 1942, onde morou durante o período de um ano com seu tio Marcionílio Filho, mais conhecido como “Su”, na Fazenda São Pedro, no Município de Maracás. Concluiu a conversa, dizendo que trabalhou trinta anos como Oficial de Justiça em Maracás, onde se aposentou. Depois de agradecer a Zezito a paciência e a boa vontade de nos contar um pouco da história da sua vida, perguntei a ele como foi a sua relação com seu avô Marcionílio. Revelou que teve pouco contato com o coronel, devido ao mesmo ser muito fechado e malcriado, opinião que ele também tinha da minha pessoa.

Depois de um passeio na cidade, onde tiramos muitas fotos e respiramos o ar puro da manhã da cidade de Maracás, revendo locais de rara beleza como: a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Graças que foi construída pelos alemães Helmut e Herbert, o belo e bem cuidado jardim e a estatua do índio escultura feita por João Burge que ficam na Praça Rui Barbosa. Depois visitamos o casal amigo Alicio e Lícia, pais do prefeito de Maracás Nelson Portela. Almoçamos com Zezito e às 14hs nos despedimos dele, agradecendo a Deus por nos ter proporcionado momentos de muita alegria durante a visita que fizemos ao nosso amigo. Retornamos à casa de Lícia para comermos doce de marmelo, banana e de leite. Em seguida, Alicio me levou para visitar o escritor Antônio Eloy Spínola e a tio Osmar para conhecer a casa de parentes. Às 16h30 saíamos de Maracás com destino à Jequié.

Zezito o único filho vivo dos integrantes de destaque que fizeram parte do grupo dos “Rabudos”, em outubro completa 91

anos de idade, gozando de boa saúde e se sentindo muito feliz. Mora sozinho na Rua Afrânio Peixoto, Maracás – BA a terra das flores, uma opção dele, pois não quer morar com os filhos que residem em Maracás, Jequié, Itiruçu, Salvador, Maringá e na Inglaterra.



Relógio que pertenceu a Zezinho dos Laços

O RELÓGIO CENTENÁRIO

Na manhã de 26 de fevereiro de 2019, Charles Meira chegou cedo à casa de sua mãe Maria Letícia da Silva Meira para realizar a costumeira caminhada. Depois de abraçar e beijar a sua genitora, que estava tomando café na cozinha, foi para a sala e tirou algumas fotos do antigo e bonito relógio, que fica pendurado na parede. Charles Meira aproveitou a presença de sua tia Eulália Meira e Silva, apelidada cariosamente de Lalá, que no momento estava sentada no sofá e realizou uma rápida entrevista sobre a história daquele relógio. Eulália Meira e Silva, nascida em 02/02/1933 no povoado de Porto Alegre, hoje distrito de Maracás – BA, filha de Randulfo Marques da Silva e neta de José Marques da Silva (Zezinho dos Laços), contou para o seu sobrinho que no ano de 1948, quando tinha 15 anos de idade e seu pai, mais conhecido por Duca de Porto Alegre, que era dono de uma venda naquela localidade, comerciante com aproximadamente 50 anos, hospedou na sua residência durante três dias seu amigo chamado Trázilo, que segundo Lalá era baixo, gordo, calvo e muito branco e trabalhava na Prefeitura de Boa Nova – BA, fiscalizando e arrecadando impostos dos comerciantes da região. No período que passava no povoado, o fiscal também efetuava compras na venda e ficou devendo para seu Duca uma quantia que não conseguiu pagar. Certa ocasião, o fiscal retornou ao povoado realizando o mesmo trabalho e trouxe um antigo relógio, dizendo ter mais de 100 anos de existência e negociou com seu Duca pela dívida contraída na venda.



Santo Antonio do Rochedo

SANTO ANTÔNIO DO ROCHEDO

A caminhada de Charles Meira com sua mãe Maria Letícia naquele dia foi para a casa de Regina Maria. Durante a conversa familiar ficou sabendo que sua prima guardava naquele local uma relíquia. Regina possui e guarda com muito zelo uma imagem centenária de Santo Antônio que ganhou de sua mãe Laura Angélica da Silva. A imagem pertenceu a seus familiares e ficava na capela da Fazenda Rochedo, patrimônio situado próximo de Porto Alegre – Distrito de Maracás – BA, época que seu bisavô José Marques da Silva (Zezinho dos Laços) foi emboscado e morto em 26 de outubro de 1911, próximo da localidade. Em seguida, Florinda Meira e Silva, esposa de Randulfo Marques da Silva, filho de Zezinho dos Laços, herdou e levou a imagem depois da morte de sua mãe e do seu casamento para a residência deles em Porto Alegre. Na localidade as pessoas tinham muita fé no Santo Antônio do Rochedo, pois quando perdiam alguns objetos, pediam para a senhora Florinda orar e segundo informações de sua filha Eulália Meira, ia dormir e através de sonho ela ficava sabendo e no outro dia informava onde eles estavam. Também na época do Natal, o filho que fica no colo do santo era colocado no presépio, dia 31 de dezembro ficavam acordados para levantá-lo e no dia 06 de janeiro, grupos de Ternos Reis cantavam para homenagear o menino.

Desde que Regina foi presenteada, a imagem esteve apenas na cidade de Mirante – BA á pedido de sua parenta Lúcia Meira.

Este relato foi conseguido com muita dificuldade, pois minha prima é muito tímida, não gosta de tirar fotos e ser entrevistada.



Charles Meira ao lado de Êmerson Pinto de Araújo

ENTREVISTA COM O PROFESSOR ÉMERSON PINTO DE ARAÚJO.

Charles Meira: *Quando, como e porque o professor Émerson Pinto de Araújo resolveu escrever sobre a história de Jequié?*

Émerson Pinto: Quando comecei a ensinar História, notei logo de início que os alunos sabiam quase tudo sobre a Grécia, sabiam quase tudo sobre Napoleão Bonaparte, sobre os Imperadores Romanos, mas quando perguntava: vocês sabem qual foi o primeiro prefeito de Jequié? Não sabiam. Vocês sabem alguma coisa sobre o banditismo em Jequié? Não sabiam. Vocês sabem onde nasce o rio das Contas? Também não sabiam. Então diante disso, assumi comigo mesmo um compromisso de fazer o levantamento da história ou do passado de Jequié. Devo dizer que encontrei uma dificuldade muito grande. Primeiro, porque a enchente de 1914 destruiu muita coisa da documentação que se possuía na época. Segundo, porque mais tarde o acervo do comércio italiano em Jequié, que começou justamente com Roton-dano, que mais tarde tudo isso se perdeu, porque quem recebeu isso Benito Grillo passou para uma pessoa e essa pessoa jogou esse acervo num porão e muita coisa se perdeu, o que sobrou foi para a Associação Comercial e depois para Raimundo Meira e hoje está no Museu Histórico de Jequié.

Outro aspecto também, quando o Eliezer Souza Santos foi prefeito de Jequié, a prefeitura ficava na Rua Mota Coelho, onde ficava o antigo quartel e ali foi colocado o arquivo morto da prefeitura, aquilo que sobrou da enchente de 1914 e o que veio depois, acontece que os cupins fizeram a festa e se perdeu muita coisa. Algumas famílias também não deram bola para documentação, para os jornais antigos, tudo isso foi rasgado jogado fora. Ouve uma diretora da biblioteca, que numa reforma ela queimou justamente aqueles jornais antigos que nós tínhamos ou deu fim, deu sumiço, dizendo que aquilo era velharia, então veja como a

memória de Jequié foi deteriorando. Então aproveitava quando ia a Salvador, naquele tempo era solteiro tinha tempo à vontade, então nas férias ia correr justamente as bibliotecas, os jornais, à redação dos jornais antigos, o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e assim fui coletando muita coisa que não tinha em Jequié, diante disso, comecei a escrever a História de Jequié.

O primeiro livro sobre a da História de Jequié foi pra o aluno, bem resumido. O segundo, já foram aqueles outros subsídios que chegaram a minhas mãos e que fui colocando na imprensa e depois disso reunidos naquele livro Capítulos da História de Jequié que não segue uma ordem cronológica. Por último, conversando com Ivonildo Calheira, naquela ocasião presidente da Academia de Letras de Jequié, disse, olha Calheira, tenho aqui um livro quase pronto, falta editar e é um perfil de Jequié. Como já tinha abordado o problema da História Jequié em dois livros, esse livro tinha mais um cunho sociológico, falava sobre a evolução dos costumes, do início quando Jequié ainda era distrito de Maracás até os dias atuais. Ele abordava também a mudança na família, na crença, na religiosidade, tudo isso. Acontece que pouco depois, a agência do Banco do Nordeste em Jequié que iria completar quarenta e cinco anos, pretendia um livro mais abrangente sobre Jequié, era uma homenagem que iria prestar ao município. O direito autoral já tinha cedido, porque Reinaldo Pinheiro que era o prefeito na ocasião me procurou no meu apartamento em Salvador e entramos em entendimento. E ai tinha que correr contra o tempo, porque aquelas verbas mesmo no banco se não forem usadas em determinado período, elas caem em exercício findo ou ficam em resto a pagar para o próximo ano e interessava ao Banco do Nordeste coincidir a publicação do livro no ano dos quarenta e cinco anos da agência de Jequié. Esse trabalho feito às pressas, e você sabe que a pressa é inimiga da perfeição, então tive que pegar trechos de livros já publicados e arrumei aquilo da melhor maneira possível para sair à Nova História de Jequié.

O livro foi datilografado por mim, então a prefeitura teve que adaptar justamente isso para fazer a digitação, infelizmente à digitação também correndo houve vários erros. Eu fiz a primeira revisão e disse que antes da impressão mandasse para Salvador para fazer a revisão final. Mas o livro foi encaminhado para a editora sem a segunda revisão e saiu com um bocado de erros, até erros de concordância e várias outras coisas, em linhas gerais se resume nisso aí.

Charles Meira: *A música faz parte da vida do escritor Emerson Pinto?*

Emerson Pinto: Faz e muito. Tanto gosto da música erudita como da popular. Na música erudita os meus compositores prediletos são: Bach, Mozart e naturalmente Beethoven, que gosto de ouvir no meu momento de descanso, e às vezes no trabalho, porque se for cantada, eu vou prestar atenção e atrapalha tudo. Gosto também da música popular, da boa música popular, porque a música não tem idade.

Devo dizer, que na minha infância ainda prevalecia muito às serenatas, às serestas, e fiquei muito ligado nelas. Na primeira vez que fui ao Rio de Janeiro em 1950, me hospedei no Hotel Serrador e na ocasião conheci cantor Silvio Caldas que também era hospede e cantava na boate night Day, que ficava no último andar do edifício. Ele tinha uma voz espetacular. Considero Silvio Caldas, Orlando Silva e Nelson Gonçalves, os três intérpretes maiores da nossa música popular. Cantora, várias cantoras, mas tenho uma predileção muito grande por Elizete Cardoso. Ela tinha aquele fogo interior, sua voz era maravilhosa e para todos os ritmos ela sentia a música. Pouco depois, tivemos o grande compositor Tom Jobim e a excelente intérprete Elis Regina que tinha uma voz certinha e afinadíssima. Atualmente gosto muito da cantora Betânia e dos cantores Gil, Caetano Veloso e de Chico Buarque, que não tem uma voz bonita.

Charles Meira: *Fiquei sabendo recentemente, que você além*

de professor, escritor e historiador é também humorista?

Émerson Pinto: Não, não sou humorista. Acredito que tenho o censo do humor, e às vezes deixo transparecer isso nas minhas crônicas, contando fatos curiosos que surgiram em Jequié, e talvez por causa disso, a pessoa englobasse dando o sentido de humorista. Humorista é aquele que vive mais do humor. Considere-me bem humorado, faço humor, mas não sou humorista de forma nenhuma, é força de expressão.

Charles Meira: ***O professor provavelmente deve ter assistido muitos artistas da bola jogando. Qual o time do seu coração e qual a sua análise do futebol jogado na sua juventude e o praticado atualmente?***

Émerson Pinto: Na minha juventude participei de alguns babas e devo dizer que fui um péssimo jogador. Naquele tempo só jogava quando precisava completar um dos times. Quando escalado, era na ponta esquerda e nunca me passavam a bola, era um desastre. Quando me botavam de goleiro engolia cada peru tremendo, realmente não dava para o futebol. Joguei também tênis e um esporte intelectual o xadrez. Fui o primeiro campeão de xadrez de Jequié e na Bahia fiquei em terceiro lugar. Representei a Bahia em Sergipe e ganhei para o campeão Sergipano Samuel Aivma. Este troféu está hoje no Clube Baiano de Xadrez. No futebol sou tricolor de ponta a ponta. Sou Bahia, Fluminense e São Paulo. Como torcedor, acompanhei a trajetória de alguns dos grandes jogadores daquela época. Tive a oportunidade de assistir Pelé e Garrincha jogarem no estádio da Fonte Nova, no Pacaembu e no antigo estádio do Vasco da Gama. Ademir da Guia, Ademir Menezes e Jair da Barra Mansa foram outros jogadores que me empolgaram naquele tempo. Muito antes de Garrincha tinha um excelente meia do Fluminense chamado Tim, que era chamado o pião e o próprio Leônidas que criou a “bicicleta”. Naquele tempo tinha o futebol arte, jogava-se para a arquibancada. Os times utilizavam o esquema 2-3-5 e os jogos na maioria terminavam com muitos gols, não tinha retranca, o que acontece

muito no tempo de hoje.

Charles Meira: ***Qual a opinião do professor Emerson sobre os Blogs?***

Emerson Pinto: Bom, estamos hoje diante de uma nova revolução. Quando se fala em revolução, pensamos que envolve guerra, luta e derramamento de sangue, mas temos a revolução industrial, o renascimento foi também uma revolução e não houve sangue. Estamos vivendo hoje uma revolução, que é a revolução da tecnologia, assim sendo, tudo que vem de acordo com esse movimento bato palmas, porque a sociedade é dinâmica, não podemos ficar parados no meio da estrada, todo esse processo, quando jogado para o bem, tudo bem, mas da mesma maneira que existe a boa imprensa, existe a imprensa “marrom”. Rui Barbosa já dizia que a imprensa é a visão da nação. O lado positivo é muito maior do que o negativo, claro que tenho que apoiar tudo isso.

Charles Meira: ***Qual a importância da leitura na sua vida e para toda a humanidade?***

Emerson Pinto: Bem, a leitura é importante. Os evangélicos, os católicos têm justamente a bíblia como praticamente um livro de cabeceira, consultado a todo o momento, porém existe a leitura profana e gosto muito de romance, das crônicas, algumas peças de teatro e, tive uma influência muito grande com as obras de Dostoiévski, que iniciou o romance psicológico. Ele está para o romance psicológico, assim como Shakespeare está para o teatro, você pega, por exemplo, Shakespeare, cada peça dele pode botar o nome de uma virtude ou de um defeito, pega Romeu e Julieta é o amor, Otelo é o ciúme e no romance social Balzac. Balzac abriu o caminho para os escritores mais modernos. O único livro que me deu um trabalho muito grande para ler, que revolucionou a literatura, foi justamente “Ulysses” de James Joyce, são mais de oitocentas páginas e a tradução foi de Houaiss. Houaiss é lexicólogo e na tradução ele complica. O livro era difícil e mais difícil

ficou, levei quase um mês para ler. Agora no Brasil, não posso deixar de citar Machado de Assis. Dos escritores modernos, estou muito ligado a Guimarães Rosa, que inovou a língua portuguesa. Estou também ligado é claro, que gosto de Jorge Amado, porque sou baiano e de Graciliano Ramos. Graciliano Ramos tem um português corretíssimo, até parecido com o de Machado de Assis, porque de um modo geral existem aqueles que escrevem certo e os que escrevem bem, tem uns que escrevem certo, mas são chatos que não é brincado, não tem espontaneidade e, outros que escrevem bem, porém muitas vezes não escrevem certo, mas a gente gosta da leitura e, Graciliano Ramos escrevia certo e escrevia bem. Então, acho que na literatura o que devemos observar é o seguinte: não deve ser como a âncora que segura o barco e o barco não pode seguir adiante, tem que ser como a vela que vai levando o barco até a enseada bendita.

Admiro também na poesia, por exemplo, gosto da crônica e estou pensando em reunir algumas das minhas crônicas num livro, porque sempre falam, Émerson Pinto é história, então aquela outra face ficou escondida. São crônicas que tocam da realidade e tocam também esperanças futuras, tanto que se chegar a publicar este livro, vou dar justamente como título “O Barro e o Sonho”, quer dizer: a realidade e o que se pretende melhorar. Na crônica, admiro muito Rubem Braga, que soube juntar o humor, ironia com a parte poética. Tem crônica de Rubem Braga, que são verdadeiras poesias em prosa, tenho uma grande admiração, inclusive a maneira como ele usa o verbo, porque às vezes você pode fugir do comum, mudando o verbo, por exemplo, tem uma crônica dele, que fala de um piquenique e dizia que “Teodora é quem mais fazia”, fazia olhos azuis, em vez de tinha olhos azuis. Carlos Drummond de Andrade por sua vez no seu poema, diz que “no meio do caminho tinha uma pedra”, dizendo com isso, que poderia fazer muitas coisas boas no caminho, porém se dissesse uma topada, esqueceria a lembrança da dor. O instinto prevalece sobre a imaginação e, diziam que isto não é poesia.

Antigamente os poetas viviam naquela fase de boêmia, viviam pouco tempo. Castro Alves não chegou aos vinte e quatro anos de idade, Álvaro de Azevedo, Bilac que chegou aos trinta e seis anos de idade, mas hoje os poetas com o recurso da medicina já chegam à idade mais avançada, são mais amadurecidos, a poesia moderna não é jogada apenas para o sentimento, é também jogada para a razão, você vê pelo exemplo que Manoel Bandeira na época em que disse: “uns tomam álcool, outros tomam cocaína, eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria”, usou o verbo fugindo do lugar comum, quando falou esta frase, Bandeira já estava curado. Teve outro poeta, não recordo agora se foi Carlos Drummond de Andrade, que em vez de dizer que Minas era um estado central ele disse: “Minas tem muitas Janelas, nem uma se abre para o mar”, o contexto da poesia moderna é bem diferente.

Depois de passar um pouco da minha experiência sobre a leitura, aconselho que as pessoas comecem cedo, desde o tempo de criança, lendo histórias para as idades próprias. Não devem faltar os incentivos dos pais e das escolas, se não os mesmos vão procurar outros atrativos. Tem a televisão, o esporte, que devem observar, porém sempre deixar um tempo reservado para a leitura.

Charles Meira: *O professor Emerson é admirador da Sétima Arte?*

Emerson Pinto: Sou. Quando às vezes Terezinha, minha esposa, ia fazer compras no shopping aproveitava a oportunidade e assistia a um filme. O último foi “Titanic”, nesta nova versão, entretanto hoje prefiro locar os filmes e assistir em casa, porém continuo assistindo. Gosto dos filmes de mistério, aventura e dos musicais. O filme que mais gostei foi “Dançando na Chuva”, a dança de Gene Kelly é algo fora do comum. Na minha juventude, aqui em Jequié, gostava também de assistir os faroestes no Cine Auditório e na mesma época, assistia no Cine Bomfim o filme “Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo.

Charles Meira: *A Academia de Letras de Jequié tem exercido*

o seu papel perante a sociedade da nossa cidade?

Émerson Pinto: Ela está engatinhando, tem pouco tempo ainda, mas dentro do possível está fazendo. A academia tem contado com o apoio da Universidade do Sudoeste e, muitas pesquisas estão acontecendo. Os estudantes, professores, estão analisando muito, isso é muito bom para Jequié.

A academia de certo modo, também tem atuado neste sentido de cultura, tem muita gente hoje publicando livro. A academia tem cumprido o seu papel, agora é como eu disse: ela está na primeira infância, mas acredito que ainda pode melhorar e, deve melhorar. A maturidade virá. Isso nós encontramos até na Academia Brasileira de Letras.

Charles Meira: *Qual o esporte predileto do professor Émerson Pinto?*

Émerson Pinto: Como apreciador gosto do futebol. Gosto do também do vôlei, basquete, o tênis que pratiquei mais na juventude e o xadrez que joguei mais, porém hoje não tenho paciência de permanecer duas horas sentado jogando xadrez esperando o adversário por vinte, trinta minutos para fazer uma mudança, a vontade no momento é de dizer: joga logo, você está demorando, contudo é interessante, sou capaz de ficar duas, três horas lendo um livro, porém estou perdendo a paciência para estas coisas.

Charles Meira: *Em sua opinião, as medidas que estão sendo adotadas pelas nações, relacionadas ao meio ambiente vão conseguir salvar o nosso planeta?*

Émerson Pinto: Eu acredito, não a curto tempo. Talvez não seja para nossa geração, talvez seja para netos, bisnetos, porque toda ação implica numa reação. A nossa geração já está sofrendo sobre isso, mas vai chegar um ponto que vão dizer: “agora não tem jeito não”. Tudo tem que ter um fim. Estas medidas, quando se fala em ajuda aos pequenos países, dizem logo aquilo: “quem vai pagar a conta?” O que se gasta em dinheiro, armas atômicas e armas mais modernas, tudo isso, esse dinheiro todo daria para

acabar a fome no mundo. Acredito que terá um fim, porque a própria terra vai se resfriar, porém vai levar milhões de anos. O sol vai se apagar, tudo tem que ter um fim, entretanto anos luzes isto vai demorar. Já estamos vendo o esfriamento do polo, os níveis dos oceanos subindo e as temperaturas se elevando.

Com referência ao que a bíblia fala, depende da maneira como colocam. Os católicos pensam de uma maneira, os muçulmanos de outra, depende da formação cultural de cada um.

Maomé pregava a Guerra Santa, não avançou quase nada, as mulheres ainda usam burcas, estão muito apegados ao passado. O que o Islamismo propõe, o Budismo e o Cristianismo propõem outra. Da mesma maneira, que os Cristãos têm na Bíblia o Livro Sagrado, os muçulmanos têm também o Alcorão, que é o Livro Sagrado deles, pensam de outra maneira. Meu pensamento é que vai acabar. Eu acredito na sobrevivência do espírito. A matéria desaparece, mas o espírito sobrevive.

Charles Meira: *Como o professor Emerson analisa o papel da imprensa escrita, falada e televisiva no Brasil?*

Émerson Pinto: A melhor possível. É a maneira de você ficar atualizado, sabendo das notícias. Rádio ouvia no carro ou pela manhã quando ia fazer a barba. Sou mais ligado á televisão. A escrita leio tudo, jornais e revistas. Quando me aposentei em Jequié, os meus livros de história, antropologia e psicologia social, joguei tudo para o fundo da estante e, disse: agora eu vou trocar a minha leitura de obrigação, pela de devoção, tanto que ultimamente só estou lendo literatura, poemas, é claro que revistas e jornais, mais leio para ficar atualizado. De história somente a de Jequié, que estou sempre atualizando. Quanto ao profissional de imprensa, antes de tudo a seriedade. Temos jornalistas sérios e têm outros que fogem um pouco a ética, mas isso acontece em todas as profissões. Quanto à parte ideológica, depende de cada um. Leio tudo àquilo que está de acordo comigo e contra o que penso.

Acho que é um meio de ilustração muito grande, pior é que

não houvesse uma imprensa livre ou uma imprensa voltada apenas para o que determina o governo. Tivemos assim no estado novo e na época da ditadura militar, hoje está bem melhor. Acontece que temos leis, entretanto no Brasil a maioria das vezes as leis são cumpridas e não são cumpridas, são leis enormes, mas no cumprimento não são observadas. As rádios e as televisões na atualidade estão restritas aos políticos. Alguns profissionais da televisão estão ligados aos evangélicos e outros espaços são cedidos devido à necessidade de ter renda para manter a emissora. Quanto à revista, jornal, vigora a lei do maior espaço, hoje é mais fácil você ouvir do que você ler, nem todo mundo gosta da leitura, quando vê aquela leitura dinâmica. Por isso o romance está caindo e a crônica você ler. O comerciante hoje investe mais na televisão e no rádio, porque está mais próximo do povo e tem um retorno melhor.

Charles Meira: ***Na sua visão a educação no Brasil é levada a sério?***

Émerson Pinto: Já foi. Hoje poucos ainda levam isso em consideração. Tivemos Anísio Teixeira, que para mim foi o maior educador no Brasil. Darcy Ribeiro tinha uma visão completamente diferente e também levou a sério. Acontece que o professor não é bem remunerado e procura outra profissão, ensina visando completar os recursos para manter a família, olhando a educação como bico. O culpado disso é o governo central, que não oferece ao professorado os recursos necessários para que a educação não seja enxergada apenas como um meio de sobrevivência. Em resumo, na época que lesionava o ensino era levado a sério. Basta dizer que naquele tempo, tanto o Instituto de Educação Régis Pacheco (IERP), como o Centro Educacional Ministro Spinola (CEMS), quando os alunos terminavam o curso, passavam no vestibular sem precisar de cursinho.

Charles Meira: ***Para o professor Émerson Pinto a insegurança na época dos Coronéis e do Cangaço é comparada a vivida nos tempos de hoje?***

Émerson Pinto: Quando o Brasil foi descoberto, Portugal tinha uma população muito pequena para povoar o imenso território, maior que a Península Ibérica, quase do tamanho da Europa, que pertencia justamente a Portugal por força do Tratado de Tordesilhas, tratado que estava á frente o destacado Alexandre Borja, que depois se tornou o Papa Alexandre VI, que era espanhol, Papa este, que na parte religiosa deixou vários filhos, foi um papão, digamos, mais que um papa. Para povoar toda essa jurisdição, Portugal começou a oferecer vantagens. O que era público passou a ser particular, naquele tempo de Capitâneas Hereditárias, sedia terra para os outros explorarem. Vieram as Sesmarias, os grandes latifundiários, onde cada fazendeiro era senhor de suas terras e precisavam de jagunços para defendê-los dos proprietários de outras terras. Existiam na época, exércitos particulares dentro do Estado, surgindo assim o coronelismo e também os jagunços. Os jagunços trabalhavam nas suas roças e apenas no momento de luta se reuniam sobre a chefia do patrão, para enfrentar o inimigo comum, entretanto os cangaceiros atacavam de qualquer maneira, queriam roubar, foi o caso de Lampião. Lampião tem uma passagem interessante que aconteceu durante a Coluna Prestes. O Governo de Artur Bernardes prometeu a Lampião, esquecer todos os seus crimes praticados, oferecendo armas e dinheiro para o cangaceiro enfrentar a Coluna Prestes. Lampião não enfrentou a Coluna Prestes e usou aquelas armas para atacar e roubar os vizinhos.

O chefe dos cangaceiros foi uma consequência das injustiças sociais e perseguições da época. Na ocasião na capital existia mais segurança do que hoje, mas no interior, onde estava o cangaço dominando, era muito inseguro. Os Italianos que vieram se estabelecer em Jequié, não traziam suas esposas, porque aqui existiam aquelas lutas de “Rabudos”, “Mocós” e também os “Cauaçus”. Em Jequié era uma total insegurança, uma guerra, poucos Italianos ficaram a maioria depois que fizeram o seu “pé de meia”, voltou para a Europa. Naquela época a capital era mais segura que o

interior, devido à presença do governo. Hoje não, a insegurança generalizou-se e, está pior em todo o Estado.

Charles Meira: ***Como o cidadão Êmerson Pinto analisa o crescimento e a diminuição de fieis em algumas religiões?***

Êmerson Pinto: A sociedade é dinâmica, tudo tem que caminhar para frente, às religiões tem que se adaptarem também. Aquelas que ficam presas justamente a aquele passado, não evoluem, não avançam. Podem seguir a crença, a sua crença própria na religião, mas a maneira de agir varia muito, hoje as gerações são bem diferentes do passado, os costumes são diferentes com a tecnologia. Com a Igreja Católica acontece que a sociedade avança um metro e a igreja apenas um palmo, está havendo este desencontro entre a religião, que fica apegada ao passado.

Os evangélicos estão partindo para outra situação diferente, mesmo porque tiveram uma reforma dentro do próprio cristianismo, com o rompimento de Lutero. Com o João Calvino a igreja teve o seu processo de inquisição, Calvino que abriu o espaço para o Presbiterianismo, seguindo de certo modo o princípio da predestinação, porque a igreja defendia no tempo de Santo Agostinho, que o indivíduo já nascia predestinado para alguma coisa, negava o livre arbítrio. Tomaz de Aquino com a sua teologia e outras coisas, criou o livre arbítrio, que a igreja vem seguindo agora. Veja que o Calvinismo em Genebra estava ligado também à doutrina da predestinação, tanto que houve uma inquisição e algumas pessoas foram queimadas. Uma coisa interessante é que mesmo depois de negar o princípio da predestinação durante a ocupação da Península Ibérica, os muçulmanos ficaram lá sete séculos. Depois de tudo isso, a influência foi tão grande que muitos católicos hoje continuam dizendo que fulano não morreu, porque não chegou o dia, isso é predestinação e não livre arbítrio. Sou um católico relapso, missa vou de vez em quando. Fui batizado e casei na igreja católica, porém sou Cartesiano, antidogmático e também nas ciências humanas me oponho aos pressupostos, gosto de ir a fundo às raízes para saber como são as

coisas, gosto de estudar. Quanto a Cristo foi uma figura marcante, tanto que já se passaram mais de dois mil anos e ele continua influenciando toda a humanidade. As pessoas não devem ficar em cima do muro, tem que formar uma posição. Pilatos no momento de tomar uma decisão preferiu lavar as mãos e passados mais de dois mil anos suas mãos continuam sujas. Dentre alguns Pentecostais e Evangélicos não existe uma formação para pastores, são pegos de qualquer maneira, não tem uma formação cultural, incorrendo nestes erros, falhas. Para ministrar a palavra de Deus responsabilmente tem que conhecer o que está pregando, porém muitos não têm uma cultura especializada. É preciso primeiro ter uma cultura geral para não ficar bitolado, tem que ter uma cultura geral para depois se especializar. Estes pastores que surgem de qualquer maneira interpretam a Bíblia da maneira deles, são muito apegados aos metais, o dinheiro, com raras exceções. Dizem por aí, que a melhor coisa hoje é abrir uma igreja. Meu pregador predileto foi Carlos Dubois, basta dizer que alguns alunos de Jequié, quando não tinham o segundo grau, iam estudar no Colégio Taylor Egídio em Jaguaquara – BA. Por este motivo, Carlos Dubois e sua esposa Estelinha prestaram uma homenagem a alguém de Jequié, e como estava dirigindo o Instituto de Educação Régis Pacheco (IERP) naquele tempo, fui convidado para ser o paraninfo da turma. Edésio Chequer também é um bom pregador e tenho uma boa aproximação, pois foi meu aluno.

OSMAR NA RUA DO MARACUJÁ

Osmar morava em Porto Alegre e mensalmente vinha de cavalo a Jequié transportando produtos oriundos do povoado, para permutar por outros mais baratos ou não encontrados na sua terra natal.

Os produtos permutados abasteciam as dispensas dos familiares e o estoque da venda do seu pai. Durante o dia fazia negócios e no período da noite ele saía com o seu irmão e o primo companheiros de viagem. Neste dia eles foram à Rua do Maracujá que ficava no centro da cidade, local onde as mulheres vendiam o seu corpo para sobreviver. Entraram primeiro num cassino. Sentaram numa mesa e pediram uma cerveja. Enquanto bebiam, aconteceu um assassinato no recinto. Em poucos segundos a polícia, que estava por perto, chegou ao cassino. Imediatamente começaram a revistar todos que estavam no local. Quando dois policiais aproximaram da mesa, Osmar falou baixinho para os parentes que iria perder o revólver. Eles não sabiam que Osmar estava armado.

Os parentes estavam vestidos a caráter, de paletó e gravata, e foram revistados normalmente pelas autoridades. Osmar que estava com traje esporte, abriu o blusão de couro e colocou as mãos na cintura. Com um detalhe, à direita, em cima do cabo do revólver. Os policiais olharam para Osmar, porém não o revistaram. Como ninguém pôde sair do cenário do crime, logo capturaram o assassino e todos foram liberados.

Osmar que já estava apalavrado com uma mulher, foi passar a noite na casa dela, enquanto os outros foram para o hotel. No quarto da prostituta, Osmar tirou o revólver e junto com a roupa colocou numa mesinha próxima da cama. A mulher que estava também no momento do crime, percebendo que Osmar estava armado, perguntou por que os policiais deixaram de revistá-lo. Então, ele mentiu para ela afirmando que também era policial, e no momento teria sido reconhecido pelos colegas de farda. De-

pois de uma longa noite de amor, retornou cedinho para o hotel, onde ele estava sendo esperado pelos parentes para retornarem a Porto Alegre.

Anos depois quando Osmar viajava para Feira de Santana, dirigindo o carro da firma Cotel Comercial de Tecidos, foi alertado por motoristas que vinham em sentido contrário, que estava acontecendo uma blitz do exercito próximo a cidade de Milagres.

Na blitz, os policiais deram sinal para Osmar parar o seu carro no encostamento. Quando desceu do veículo, Osmar encontrou um amigo também vendedor de tecidos, que logo perguntou se ele estava armado. Osmar disse que sim. O amigo aconselhou Osmar a falar que estava portando um revólver, para não ficar preso. Mas, quando os policiais perguntaram se ele portava algum tipo de arma, demonstrando muita calma, respondeu que não.

Osmar decidiu correr todo aquele risco, não por estar armado e o revólver sem registro, mas por motivo de aquele revólver ter sido uma herança do seu avô Zezinho dos Laços.

Os policiais revistaram primeiro o carro e depois pediu para ele abrir a pasta que levava com documentos da firma, dinheiro e coisas do uso pessoal. Osmar abriu a pasta, pegou o revólver que estava numa embalagem no formato de uma sandália e um conjunto de barbear. Segurou os objetos com as mãos e mandou os policiais fiscalizar o que estava dentro da pasta. Achando que tudo estava correto, os policiais liberaram Osmar que guardou o revólver e o conjunto de barbear e seguiu viagem.

Chegando a Feira de Santana, a primeira atitude dele foi procurar o órgão competente e registrar a arma. O revólver é um Smith & Wesson, calibre 32, niquelado que continua em poder de Osmar até hoje. Contou-me que vai fazer um sorteio para saber qual dos filhos herdará a relíquia. Pedi para ele acrescentar o meu nome no sorteio, pois sou um estudioso em tudo que diz respeito a Zezinho dos Laços.

PRIMEIRO TIRO



Primeiro revolver de Zezinho dos Laços

Em 13 de julho de 2015, Osmar Marques da Silva completou noventa anos de idade, lúcido e sempre contando muitas histórias. No início de janeiro, esteve em Jequié para visitar suas irmãs, depois de um longo tempo ausente da nossa terra, devido problemas na sua audição. Na ocasião, pedi ao meu tio para me contar novamente dois fatos interessantes que não havia escrito e editado na “Revista Cotoxó”. Como sempre fizemos das vezes anteriores, sentamos no sofá da sala e passei a escrever os seus relatos. Sempre bem humorado e sem reclamar dos meus pedidos para repetir a história, Osmar iniciou o primeiro fato. Contou-me que num determinado dia, quando estava atravessando uma avenida na proximidade da sua lanchonete em Feira de Santana - BA, via urbana que dava para trafegar duas carretas, passou muito perto dele uma moto em alta velocidade com duas pessoas. Como era bem cedo e não tinha muito barulho, ouviu nitidamente uma voz que dizia: “sai do meio da rua porra”, Osmar parou e imediata-

mente respondeu: “porra é a puta que lhe pariu, seu corno”. O motoqueiro parou a moto e a pessoa que estava na garupa saltou e disse: “o senhor falou o que?”. Osmar respondeu novamente: “eu acredito que você não é surdo, porém vou repetir. “Porra é a puta que lhe pariu, seu corno”. Percebendo a aproximação dele, Osmar rapidamente abriu a pasta que carregava, tirou o revólver que pertenceu ao seu avô Zezinho dos Laços da capa, apontou para o homem e falou: “Dê mais uns dois passos para frente, pois não quero perder o primeiro tiro”. Percebendo que Osmar não estava brincando, o motoqueiro falou para o amigo: “deixa isso pra lá, vamos embora, pois você não tem razão”. Atendendo o forte apelo do piloto, o homem montou na garupa da moto e foram embora.

Antes de contar o segundo fato, Osmar chupou alguns umbus, fruto preferido dele, comprado cedinho no Cento de Abastecimento Vicente Grillo. Depois da pausa na conversa, me contou um episódio acontecido na porta do seu comércio na cidade onde mora, conhecida como “Princesa do Sertão”. Osmar estava em pé no local, quando parou um carro e o motorista perguntou o nome de uma rua. Respondeu que o logradouro não era conhecido, pois morava ali a quase cinquenta anos e não sabia da existência dele. Quando dava as últimas informações ao motorista, um dos quatro passageiros que estavam também no carro falou: “Vai tomar no...” Fingindo não ter ouvido a ofensa e prometendo ao homem informações do seu funcionário da referida rua, Osmar entrou rapidamente no seu estabelecimento, pegou o seu revólver, retornou para junto do carro, apontou para o motorista e falou: “diga para a pessoa que falou anteriormente, que ele é corno, filho de uma puta e que mande a mãe dele tomar nu... e se ele é homem desça do carro, pois não consegui identificá-lo e posso matar a pessoa.

NO NORTE DA BAHIA

No dia 22 de dezembro de 2011, viajamos para a cidade de Antas, que fica localizada no Norte da Bahia, aproveitando o período de férias escolares. Depois de quase três anos, retornamos à região por onde Lampião passou e deixou as marcas do cangaço. Como sempre acontecia quando o Sr. Aurelino, mais conhecido como Lelo da Coelba, estava vivo, foi uma festa quando chegamos à cidade que conheci há aproximadamente trinta e oito anos, período de namoro e depois casamento.

Nas comemorações do Natal, Ano Novo e durante os dias que ali passamos, nunca menos de vinte membros da família estavam reunidos na casa de Dona Isabel. Como a previsão era passar mais de vinte dias na região, e teríamos que preencher o tempo, recorreremos primeiro à Ranieri, primo da esposa, e dele solicitamos os livros que gosto e estavam relacionados com a cultura da região. Como ele já sabia da minha preferência, não demorou em trazer dois livros do seu primo Didiê. “Maria Bonita” e “Corisco e Dadá” de autoria de Amaury Júnior, exemplares recentemente lançados pela Assembléia Legislativa do Estado, que tem como presidente o Deputado Estadual Marcelo Nilo, nascido em Antas e primo de minha esposa. No primeiro domingo do ano de 2012, cumpri agenda cantando nas festividades de aniversário da Igreja Batista de Antas. A rotina diária, também era preenchida com caminhada no final da tarde na pista que foi construída e frente à casa da minha sogra, dona Isabel, local que ficou muito bonito e tornou-se um ponto de encontro dos familiares, aproveitando os bancos colocados em todo percurso do canteiro, raridade ultimamente praticada mesmo no interior do estado.

Numa das tardes tive o privilégio de encontrar o prefeito da cidade, o Sr. Agnaldo, e bater um papo saudável, onde falamos de política local e também cobrei do chefe do município, um livro contando a história da cidade. Conteí ao prefeito que ha-

via escrito um texto para a revista Cotoxó, que circula na cidade de Jequié, e que relatava uma história acontecida em Antas na época do cangaço, que culminou com a presença de Lampião e vários homens do seu bando. A história quem me contou foi o meu sogro Aurelino Félix de Souza que na ocasião do fato tinha aproximadamente sete anos de idade. Este relato comprova que realmente o rei do cangaço esteve naquela região. O prefeito ouviu atentamente o meu relato e depois agradeceu pela publicação do texto citando a cidade de Antas. O gestor me disse também já havia tratado do assunto com pessoas que conhecem a história do município, com o intuito de colher dados suficientes para publicar um livro.

Quanto à política local, declarou que estava fazendo o possível para administrar com muita responsabilidade o cargo que o povo da sua terra tinha lhe confiado. Perguntei sobre candidaturas para as próximas eleições. Sorrindo, falou que ainda estava indefinida. Aproveitei a oportunidade, e solicitei do prefeito a recuperação de dois galpões que ficam em frente ao canteiro e abrigam feirantes no dia de sábado. Para minha alegria, de D. Isabel e de todos moradores da Rua Saturnino Nilo, fiquei sabendo por telefone que o referido espaço já foi recuperado. Mandeí minha cunhada Maria Eumar agradecer ao prefeito e parabenizá-lo pela realização daquela obra importante para melhorar o visual daquele local. No intervalo do lazer, não faltou o jantar na casa de Zete, uma exigência de Iramy, irmã de minha esposa. Outra diversão, que ajudou a preencher o tempo, foi assistir aos filmes western que levei e outros que comprei na feira do município. Como fizemos vários amigos ao longo dos trinta e oito anos de convivência na cidade de Antas, aproveitamos parte do tempo para visitá-los.

Numa dessa visitas, unimos o útil ao agradável. Estivemos na residência do Sr. Edvaldo Nilo, prefeito de Antas por três legislaturas, padrinho de batismo da minha esposa. O ex-prefeito havia chegado recentemente da capital, onde estava realizando tratamento de saúde e naquele momento encontrava-se balançando

em uma rede na sala, acompanhado de sua namorada. Edvaldo de Carvalho Nilo é pai do deputado Marcelo Nilo, atual presidente da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia. Tive a oportunidade de conversar por mais de uma hora com o experiente político, que se mostrava com feições bonitas, mesmo com a idade de noventa e um anos. Sentamos em frente de uma estante e não tive como não enxergar vários livros que despertaram a minha curiosidade, principalmente porque Raniere já havia me alertado da possibilidade de ele possuir alguns livros contando a história de lampião. Não vacilei e pedi autorização do Sr. Edvaldo para dar uma olhada nos exemplares. No local tinha livros interessantes, mas um deles me chamou a atenção. O título era “O Mundo Estranho dos Cangaceiros”, escrito por Estácio de Lima. Consultei ao dono da casa a possibilidade de fazer a leitura do mesmo, e com um sorriso mandou pegá-lo. Em poucos dias li o referido livro, que enriqueceu de forma ampla e diferente do que eu conhecia da história do cangaço. Entretanto, o bate-papo não ficou restrito ao livro. Falamos de política atual e também dos acontecimentos da época que ele era prefeito da cidade.

Falou do seu filho Marcelo Nilo, elogiando o hábil político e visualizando a possibilidade real de ele ser o candidato ao cargo de governador do estado da Bahia. Disse que estavam falando também do nome do secretário Oto Alencar, porém o experiente político apostava na indicação do seu filho. Relacionado com seus mandatos à frente da prefeitura de Antas, contou fatos marcantes. Um deles aconteceu nas cercanias de Antas numa disputa com o ex-prefeito Pedro Macário. Existia naquele local uma cerca que separava duas propriedades. Quando assumia a prefeitura ele consertava a cerca, entretanto quando Pedro Macário ganhava mandava derrubar. Esta disputa somente terminou quando abandonaram a política. Depois de convidar minha esposa e sua afilhada para jogar baralho, contou-nos outro fato que aconteceu quando estava na sua farmácia que fica próximo de uma praça que leva o seu nome no centro da cidade. Edvaldo estava sozi-

nho naquele momento quando chegou um homem magro e alto, solicitando um determinado medicamento. O político foi até a prateleira pegou o remédio, quando foi entregando para o cliente foi surpreendido com a reação do homem que estava com uma arma na mão, dizendo para o dono da farmácia que iria matá-lo. O primeiro tiro acertou a máquina registradora, enquanto o Sr. Edvaldo abaixou e depois correu a de um lado para o outro, tentando livrar-se dos outros disparados. Foram cinco tentativas, mas o homem não conseguiu acertar o farmacêutico. O atirador saiu correndo e desapareceu.

Até hoje não conseguiram descobrir o autor do atentado. Nem parecia que o Sr. Edvaldo estava doente. Acho que só deu tempo de tomar um pouco de água, e ele já começava a contar outro fato ocorrido na localidade da Lagoa do Badico, que hoje pertence à cidade de Novo Triunfo. Neste povoado todo ano acontecia a esperada “Festa do Peba”. Os festejos daquele ano eram realizados pelos “Romeiros”, denominação política do grupo situacionista que elegeu Pedro Macário prefeito de Antas. Durante as festividades os “Araras”, denominação dos oposicionistas resolveram participar da festa, o que ocasionou desentendimento entre Firminho Matos (Romeiro) e José Guerra (Arara). A briga política ficou mais acirrada, quando Osmar Nolasco (Romeiro) e João Félix (Arara) entraram na discussão. O desfecho deste desentendimento político resultou nas mortes de Osmar Nolasco e José Guerra, um fato muito triste que ficou marcado na lembrança dos moradores de Antas. Alguns dias depois da nossa chegada em Jequié, fui informado por telefone da morte do ex-prefeito Edvaldo Nilo.

Durante os trinta e sete dias que passamos em Antas, visitamos algumas cidades vizinhas. Primeiro fomos à cidade de Aracaju visitar Jairo meu cunhado e família.

Na linda capital também cumpri agenda, cantando na Igreja Vida em Jesus e Igreja Batista Shekinah e nos dias seguintes fomos às praias, no shopping, local onde fomos ao cinema e na

livraria, momento que fiquei sabendo do cancelamento do lançamento do livro “Lampião Mata Sete” de Pedro Moraes, atendendo uma liminar impetrada por um juiz de Aracaju, decorrente de uma ação na justiça, movida por advogado da filha de Lampião. Quando retornei para Jequié, fui presenteado por meu grande amigo Antoniozinho de um exemplar do referido livro, adquirido na Bienal do Livro realizada em Salvador. Gostei muito. mas prefiro acreditar na história anteriormente contada. De volta para Antas, passamos na cidade de Lagarto-SE, onde cantei em outra ocasião. Neste percurso, passamos em vários municípios sergipanos visitados pelo Rei do Cangaço. Novamente em terras baianas, cumpri agenda na rádio FM, sendo entrevistado pelo locutor Tony Silva e cantei na congregação da Ig. Batista de Antas, localizada na Lagoa do Badico. Em companhia de familiares, fomos também à cidade de Jeremoabo, aproximadamente quarenta quilômetros de viagem, visitar familiares da minha esposa que temos muito apreço e admiração. Bazé de Jeremoabo, que temos mais contato tratou de fazer a comida e as sobremesas, contando com a ajuda de sua irmã Cristina. Revemos Dona Maura e seu esposo José, um contador de histórias, que sempre tem fatos novos para contar, do tempo de Lampião. Desta feita falou bastante, porém repetiu “causos” contados anteriormente que todos sabemos de cor e salteado.

Aproveitando uma pausa do Sr. José, perguntei a ele qual a distância de Jeremoabo para Santa Brígida, cidade onde Maria bonita nasceu. Balançado as mãos, respondeu que ficava a mais ou menos uns cinquenta quilômetros, porém ficou somente na curiosidade, pois nesta viagem não foi possível conhecer a cidade da famosa cangaceira. Entretanto para compensar, Bazé de Jeremoabo nos levou para conhecer o local onde era a casa de Zé Rufino, policial perseguidor ferrenho de Lampião e comandante do destacamento que matou Corisco e a casa mais antiga de Jeremoabo.

Paulo Afonso, roteiro das lutas da época, outra cidade que fi-

cou para visitarmos em outra oportunidade. Na mesma semana, o destino foi Euclides da Cunha. No roteiro turístico, passamos rapidamente em Cícero Dantas, Ribeira do Pombal e Tucano, cidades citadas em vários livros que conta a vida de Lampião. Na cidade que tem o nome do escritor do livro “Os Sertões”, ficamos hospedados na casa de Dona Eurides, tia de minha esposa. Tivemos o prazer de rever a maioria dos parentes e também o pastor e amigo Valdemar, parceiro de cantoria e de pregação do Evangelho em locais que somente um missionário por excelência conseguiria desbravar. Através dele cantamos no povoado do Muquém e nas cidades de Tucano, Euclides da Cunha, Monte Santo, Valente e Santa Luz.

Na cidade, tirei fotos com o pastor Júlio de Santana junto da estátua de Euclides da Cunha no centro da cidade. No outro dia, estivemos na casa de Dona Josefina outra tia da esposa que sempre me hospedava, quando ia cantar na região. Foram momentos muitos alegres que passamos com familiares amados. Conversa e comida foram ingredientes que não faltaram na viagem. Num desses momentos, contaram para Dona Eurides que eu estava lendo alguns livros sobre Lampião. Ela deu uma risada, e disse que tinha um livro que falava do assunto, um presente de Oto Alencar, casado com sua filha Marcinha. “A Última Semana de Lampião” de autoria de Juarez Conrado, chamou a atenção do seu genro por causa do nome de um coiteiro de Lampião chamado de Manoel Félix, muito parecido com o irmão de Dona Eurides. Todos familiares concordaram que realmente o coiteiro era muito parecido com Aurelino, o pai de minha esposa. Felizes e ao mesmo tempo saudosos, retornamos no dia seguinte para Antas. Na última semana das férias, almoçamos na fazenda de Zete, sobrinha de Sr. Aurelino, que fica próximo da cidade, e dedicamos os restantes dos dias ao aconchego familiar.

Num domingo, dia 29 de janeiro voltamos para Jequié. Foi muito bom.

CARRINHO DE MADEIRA

Por volta do ano de 1940, uma família vinda da região de Brumado fixou morada em Jequié, na parte direita do Rio das Contas, sendo pioneira naquela área ainda pouco habitada da cidade. Com a chegada da família o desenvolvimento do local foi surpreendente, isso devido à capacidade intelectual e o grande tino comercial dos seus componentes. A mola-mestra era o Sr. Celi Meira o idealizador e cabeça da família. Colocou em prática tudo que tinha aprendido em sua terra natal, principalmente no que se relacionava com carpintaria.

Com a ajuda dos seus filhos montou uma oficina mecânica, mas carpintaria era o forte do grande empreendimento. A carpintaria cresceu tanto, que foi necessário comprar um locomóvel, tipo de caldeira que funcionava com madeira para gerar a própria energia no local, suprimindo a deficiência que existia na cidade, para melhor atender as necessidades do negócio. Nesta época o bairro do mandacaru teve um grande avanço comercial que foi proporcionado pela família como também pela rodovia Rio-Bahia. Por muito tempo a oficina mecânica e a carpintaria foram modelos para a economia da área como também de Jequié e região, sempre comandadas pelo Sr. Celi e seus filhos. Em 1957, com a perda do filho mais velho, a carpintaria sofreu um grande baque na parte administrativa, pois ele era o braço forte do seu pai. Antônio, um dos filhos, tentou conduzir o negócio, mas não teve o mesmo desempenho.

Os netos do Sr. Celi, filhos de José, o que havia morrido, foram crescendo e sempre acompanhando o seu querido avô. Naquela época já estavam na escola, aprendendo as primeiras lições. O Sr. Celi não tinha abandonado por completo a sua profissão, e quando podia fazia uso da sua habilidade e fabricava alguns brinquedos para presentear seus netos amados. O filho mais velho de José, era chegado ao vovô e sempre que podia estava do

seu lado, observando o que era fabricado por ele na carpintaria. Num determinado ano, ele, que já estava sabendo escrever os primeiros bilhetes, resolveu fazer um para seu avô, estimulado por sua mãe. No bilhete ele disse que gostaria de ganhar no natal um carrinho de madeira, que seu avô sabia fazer com perfeição. Ao receber a cartinha o vovô, muito alegre e emocionado, sugeriu um trato com seu netinho: se ele, no final do ano, fosse aprovado o seu presente seria o carrinho solicitado. Naquele ano o menino caprichou bastante nos estudos e foi aprovado com média dez. Quando recebeu o resultado, o primeiro a saber foi o avô. Além de fazer o carrinho de madeira, fez questão de que seu neto acompanhasse a confecção do brinquedo. Depois de pronto e de receber o carrinho de madeira, ele abraçou e beijou o seu avô, agradecendo o presente que tanto desejava.

O Sr. Celi Meira morreu em 1988, mas três filhos continuam representando a família. A carpintaria foi extinta e o neto é hoje um conceituado comerciante, mas não esquece da história do carrinho de madeira.

O BILHETE

O Sr. Randulfo era um dos comerciantes do lugarejo de Porto Alegre, que pertence à cidade de Maracás. O seu ponto ficava ao lado da sua residência; ali eram negociados da pele de couro ao feijão e a carne-de-sol. De família com o passado de raízes fortes na região, era bastante respeitado pelos habitantes, não somente por ser filho de Zezinho dos Laços, mas também pela sua seriedade e honestidade.

Na venda, além dele trabalhava o seu filho Osmar, o braço direito na direção do negócio. Devido ao seu perfeito desempenho em todas as áreas ligadas ao comércio, o seu pai sempre mandava-o realizar empreitadas que necessitavam de alguém de confiança, que eram feitas de Porto Alegre a Jequié, para transportar peles de couro ou para levar mensagens aos amigos e aos comerciantes da região relacionada com o seu ramo de negócio.

Pra não fugir a regra, num certo dia de domingo, Osmar foi convocado pelo seu pai para levar um bilhete à fazenda Pedras, de propriedade do seu amigo Osvaldo Meira, mais conhecido por Vadinho, que solicitava dele a realização de uma viagem urgente para Jequié, a fim de levar uma partida de peles de couro que estava perdendo a garantia de preço. O único transporte utilizado na época era o animal. Sendo assim, Osmar selou o seu cavalo de corrida, que se chamava Mosquito Elétrico, e foi voando atender a ordem do Sr. Randulfo. Lá chegando, foi recebido por vários amigos que estavam na venda que ficava ao lado da casa do Sr. Vadinho, e ali começaram a tomar pinga com limão. Papo vai, papo vem, e Osmar recebeu de um deles uma proposta de negócio pelo seu cavalo. Dava uma mula que tinha sete palmos de altura, de cor branca e umas manchas azuis, e de volta pediu quatro éguas paridas. Sendo assim, nove por um. Depois de muita conversa o negócio foi fechado.

Osmar e os amigos ficaram bebendo na venda da fazenda

Pedras até tardezinha, horário que retornaram para suas casas. Quando chegou em Porto Alegre, seu pai estava na porta da venda. Nem bem ele não tinha amarrado o animal, o Sr. Randulfo já perguntava de quem era aquela bonita mula. Respondeu que era deles, e explicou que havia trocado no cavalo e voltado quatro éguas paridas. Experiente neste tipo de negócio, o Sr. Randulfo achou que ele tinha feito uma péssima troca, e não mandaria desfazer o que ele tinha feito para não desmoralizá-lo. Em seguida, cobrou do seu filho a resposta do bilhete que havia mandado para o seu amigo Vadinho. Osmar ficou parado por alguns segundos, e naquele momento lembrou do que tinha ido fazer na fazenda Pedras. Não teve coragem de contar a verdade para o seu pai, preferindo dizer que o Sr. Vadinho viria na segunda-feira transportar as peles de couro para Jequié. Antes do jantar pediu ao empregado deles para não soltar a mula, pois ele o faria antes de dormir.

Quando todos foram dormir, montou na mula e voltou na fazenda Pedras, que ficava a uma légua do povoado. Chegando lá, contou ao Sr. Vadinho o que havia acontecido, e pediu-lhe para tirá-lo daquela enrascada. E assim aconteceu. Na manhã seguinte, o Sr. Vadinho chegou com a sua tropa para levar as mercadorias.

UM DIA DIFERENTE

No ano de 1930, na pequena cidade de Antas, localizada entre os municípios de Cícero Dantas e Jeremoabo, no norte da Bahia, o dia permaneceu tranquilo até próximo de 12h.

No centro da cidade, no comércio do Sr. João Félix, ele e seu empregado trabalhavam, enquanto um menino de sete anos de idade, chamado Aurelino Félix, estava sentado no colo do seu pai, o Sr. Cizino, cunhado do comerciante.

Como num piscar de olhos, aproximaram-se sete cangaceiros, todos armados até os dentes. As pessoas que estavam comprando no recinto saíram de fininho, apavorados, com medo de serem atacadas pelos homens.

Os cangaceiros fiscalizaram o ambiente e começaram a pegar utensílios e alimentos das prateleiras. Contudo foram de imediato recriminado por um deles, pedindo para não mexer em nada, pois o dono era seu grande amigo.

O Sr. João Félix cumprimentou Lampião dando-lhe as boas vindas. O Rei do Cangaço apertou a mão dele e em poucas palavras, como era de costume, pediu ao amigo para tomar um banho.

Prontamente foi atendido e levado pelo seu empregado e o filho do Sr. Cizino, à casa que ficava localizada na rua dos fundos do comércio. Chegando à casa do amigo, Lampião tirou as armas e colocou, junto com o fuzil que portava, em cima da mesa, próxima da porta do banheiro e pediu aos acompanhantes para ficar vigiando.

Terminado o banho, Lampião e outros retornaram ao comércio do Sr. João Félix, onde agradeceu pelo banho. Em seguida despediu-se de todos e saiu rapidamente com os demais para as bandas do Sítio do Quinto.

Pouco tempo depois, chegaram ao local homens de uma vo-

lante, procurando informações sobre o paradeiro de Lampião e seu cabras. O Sr. João Félix, homem experiente e acostumado a essas constantes batidas da polícia, respondeu com firmeza que eles tinham passado em frente ao seu comércio, entretanto não sabia o rumo tomado pelo bando.

Sem questionarem as palavras do Sr. João Félix, seguiram viagem. Depois do susto, a normalidade voltou a pairar no comércio do Sr. João Félix e na cidade pacata de Antas.

AMANTE DA LEITURA

No ano de 1997, na semana do lançamento do livro “Capítulos da História de Jequié”, de autoria do professor e hoje meu amigo Émerson Pinto de Araújo, recebi do Sr. José Roberto, presidente da Associação Comercial de Jequié um convite para participar daquele evento, em virtude de ser bisneto de José Marques da Silva (Zezinho dos Laços), uma personagem marcante na história de Jequié.

Naquela noite, fui para casa muito alegre por ter sido presenteado pelo escritor com um livro autografado especialmente para o “Rabudo” Charles Meira.

Com muita curiosidade comecei a ler o livro. Em cada folha uma descoberta e um sentimento de orgulho em saber que membros da minha família fizeram parte da história do lugar onde nasci. Até a última página, continuei atento a todos os detalhes dos fatos narrados pelo autor.

A leitura do livro contribuiu de uma forma significativa para que eu passasse a me interessar pela história da minha família e de tudo relacionado com o passado da minha terra natal.

Em consequência do meu interesse pelo assunto, passei a realizar pesquisas e entrevistas junto aos meus familiares, numa busca de conhecer melhor os meus antepassados. Foi devido ao meu envolvimento com a história de Jequié que, num curto espaço de tempo, passei a me interessar pela leitura. Livros diversos comecei a ler regularmente, o que contribuiu muito para enriquecer os meus conhecimentos literários. Não demorou muito, os frutos começaram a ser colhidos na minha nova rotina de vida. Primeiro passei a escrever letras musicais, tarefa antes dividida com meus amigos, quando fazia as músicas para as composições que fazem parte do repertório dos meus LPs e CDs. Em seguida, escrevi o livro intitulado “Cantar, Cantar, Cantar”, que relata a minha trajetória no mundo da música. Outros escritos estão no baú,

aguardando o tempo certo para serem divulgados. Atualmente, escrevo crônica e contos para a Revista Cotoxó.

Hoje com a idade de 61 anos, continuo sendo um assíduo leitor e por entender a importância desta prática na minha vida, estou dando este testemunho para todos os meus conterrâneos.

Quem sabe você siga o meu exemplo, tendo o privilégio de ler o excelente livro “A Nova História de Jequié”, também de autoria do professor Émerson Pinto de Araújo, um estudioso e apaixonado pela história da terra do sol e seja como eu, impulsionado a ser também um amante da leitura?

©

2021

.....

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer sem a prévia autorização do autor.

Publique seu livro com a Editora Nocego
RTV Brasil Prod. Com. Entret. e Editora EIRELI
CNPJ: 24.983.429/0001-04
www.editoranocego.com.br
Contatos: (73) 988737177 - 99917-5087
editoranocego@gmail.com

Realização



Apoio financeiro



SECRETARIA
DE CULTURA



**GOVERNO
DO ESTADO**

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

Este projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.